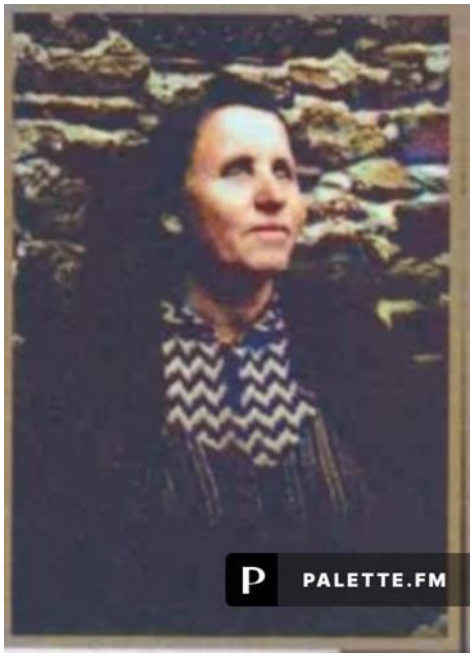
DE JOELHOS PERANTE VANGA PETAR BAKOV

Amadeu António

DE JOELHOS PERANTE VANGA

Petar Bakov

Sófia Blagovechtchie (Anunciação) Verão de 2003



RUPITE* *Rupite – os guardiões extraterrestres da Água Cósmica*

Os cavalos brancos relincharam e pararam a carroça mesmo no meio das Rupite. Um oásis flamejante de beleza, uma selva-conto de fadas divino à margem do eterno Struma. Havia árvores de todos os tipos, cobertas de tapetes de lianas floridas em lilás e cachos de flores de todas as sortes – flores, flores e toda a espécie de arvorezinhas frutíferas selvagens, curvadas em reverência pelo fruto e pelo aroma. E pássaros, pássaros, como se fosse o Jardim do Paraíso a cantar que cantar. Visões da abundância divina. Paraíso pousado sobre o vulcão Kozhuh.

Mais tarde, o TEKEZESE arrancou tudo pela raiz para plantar couves e abóboras. Idiotas. Em vez disso, tudo cresceu espinhos e cardos. Mas, enfim.

A carroça parou e a senhora Vangélia, como um fulgor, sem ajuda de ninguém, saltou dela atrás da filha Veneta – como todos a chamamos, Venchetto – e das criancinhas saltitantes da renascida e suposta irmã Lyuba. Não têm nada em comum, mas são irmãs pelo pai.

A senhora Vangélia desceu e começou a olhar em volta. Girava sobre si mesma como se visse também o invisível. Ninguém ousava dizer um ai. Olhava para algo que só Deus sabia o quê. Só ela o via. ela e ninguém mais.

O rapazinho da irmã Lyuba chorava inconsolavelmente, guinchando que guinchava: – Dá-me o elástico, ó tia. Dá-me o elástico, mãezinha... Dá-me a fisga para atirar pedrinhas, tia! – um guincho capaz de enlouquecer qualquer um. Horrível.

– Chega desse elástico, chega dessa fisga, ó chorão malcriado – repreendeu-o ela. – Não vais matar os animaizinhos. Nem pássaros, nem grilos, nem borboletas, nem dragões... Nada se mata. Ouviste? Ouve-os... Eh, ouviste-os?

– Dá-mo, dá-mo – chorava descontroladamente o rapazinho, puxando-a pela grande mala de senhora que a senhora Vangélia levava sempre, como se fosse festa. Uma grande mala de couro preto, valha-me Deus, a Arca de Noé. O que não havia lá dentro...

De repente, como se se irritasse terrivelmente, enfiou bruscamente a mão na mala e rugiu de forma sinistra: – Toma o elástico, ó. De ti, nada mais sairá... – e estendeu a mão para ele.

Todos ficámos petrificados de horror. Na mão dela, pendurada, contorcia-se uma serpente enorme, incrivelmente colorida, de conto de fadas. Quando digo incrível, quero dizer nunca vista. Como a serpente do paraíso. Miticamente sinuosa, arco-íris-cobra do paraíso.

A serpente não sibilava – ria-se, mostrando-nos a língua paradisíaca. Meu Deus. Mortal.

– Ai, isso é uma serpente, ó tia, serpente! Olalá, come-me, mãezinha! – gritou o valentãozinho, atirando-se para o colo da mãe. Se rir ou chorar, não sei. Circo-tragédia.

– Que serpente, ó – explodiu a senhora Vangélia. – Isso é um presságio. Presságio. Não a veem? Não veem, ó videntes? Têm olhos, mas não veem...

E atirou-a com uma força terrivelmente feroz para as águas borbulhantes e o vapor dos nascentes minerais. Com um trovão subterrâneo que gelava o sangue, simplesmente disse: – Ali, onde caiu a Víborona, ali armamos a tenda. Para dormir no sopro e para conversar com os mortos... Meu Deus-Senhor, o que não me perguntam, o que não me dizem... Eis que

agora mesmo me dizem que a víbora é genial e vê o calor até à centésima de grau, e tem milhares de milhões de anos.

Os morcegos que voaram em pleno dia à frente dela veem o som. O som tem cor. Cada som tem uma cor diferente. Ora vejam... Escuta, menino, para veres o que me dizem: as abelhas veem todos os obstáculos e nunca se chocam contra nada. Nunca. Têm localizadores-refletores. elas serão os meus guias... elas e os mortos. Ouvem-nos? São como vivos. Dói-me que não vejam os mortos. Se pudésseis vê-los... Meu Deus-Senhor, como se tivessem localizadores em vez de olhos. Eu vejo-os com o cérebro. O cérebro vê muito mais do que os olhos. Sou como a Natureza.

E, benzendo-se, onividente, voou para a frente, nadando rumo à futura tenda e, muito, muito mais tarde, à casinha da modéstia – uma casita com uma nascente à frente. Bálsamo da Cosmicidade. Panaceia...

Anos depois instalaram-lhe uma banheira esmaltada para se banhar, coitada, e lavar a sujidade humana que se lhe colava. Porque, ao lado dela, pululavam toda a espécie de sujos e vigaristas para a usarem de todas as formas. ela tolerava-os – não havia remédio, equilíbrio entre o bem e o mal. Mas o tempo levou quase todos, como o pó da morte. E ela nem sequer morreu. Partiu, viva e de boa saúde, para a Sua dimensão. Está viva lá. Junto com a mãe Paraskeva, a freira.

Sei-o porque, quando lhe acendo uma velinha no túmulo e pergunto: – Estás bem, senhora Vangélia? – a vela apaga-se de repente e volta a acender-se com uma chaminha-tremeluzente-lágrima, espalhando estrelinhas de Bengala. Sorrio-lhe e parto, de alegre mais alegre. Sei que me ouviu e viu.

E, de algum modo, sempre me parece ouvir como, quando ficávamos a sós ao longo dos anos, ela me perguntava e perguntava: – Diz-me agora, meu tamborzinho querido, cantiga-cantor da tia, tu, como vês os extraterrestres, meu filhinho? Como são? Diz lá... Ooo, não me podes enganar. Eu sei que os vês, porque se te aparecem. Só quero saber se para ti são como para mim. Para mim são como pontinhos e placas-luzinhas, uma sobre a outra, como as escamas dos peixes. Energia... Aaa... para ti aparecem como cachos-vaga-lumes, não é? Um sobre o outro, um ao lado do outro. Meu Deus, que beleza. Universos, universos...

Um dia, tudo isto hás de dizê-lo aos que não veem, filho. Os cegos sabem-no. Anuncia-o: os teus extraterrestres são cachos-vaga-lumes. Luz. Hás de lho dizer.

Ouvi-te, senhora Vangélia. Ouvi, Santa. Mas quem acreditará em mim? Cuspir-me-ão de todos os lados. Ainda assim direi, nem que me destronem. Dou-te a minha palavra, palavra de Voivoda.

– Escuta, Peshe: que eu, a cega, não veja a luz e tu não vejas a alma não significa que não existam. Estou aqui para dizer o que sei. Vejo-o e não preciso de o provar. Sabe-o também tu. As coisas acontecerão com ou sem nós. Que sejamos mortais comuns não significa que a imortalidade não exista. Existe e como. O imperecível existe. Ei-lo o cego Homero com o seu canto. À tua frente estou eu, tia. Não tenhas medo dos que decoram. Eles nada têm a ver com o conhecimento. Os olhos, Peshe, não são só olhos. Hás de dizê-lo...

Chegou o tempo de dizer a todos: os extraterrestres realmente existem e estão aqui para nos salvar da nossa desumanidade desumana. Quero que se saiba, como ela mo disse, que ao nosso lado, na Terra, existem outras civilizações que ela via. Podia passar de dimensão em dimensão como se brincasse, como eleita da Profundidade.

E saibam: não há morte. ela não morreu. Partiu por pouco tempo, mas lembro como sempre me dizia: após o quadragésimo dia da morte partimos só por oito dias para casa – lá de onde vem a nossa água – e ao nono dia mergulhamos num novo corpo. Não tens ideia, Peshe, da velocidade com que a Alma se move. Milhares de vezes mais rápido que a luz. Eu e tu somos da galáxia de Andrómeda, a dezenas de milhares de anos da Terra. Algum dia reunimo-nos pelo nosso instante de Harmonia.

Eh, senhora Vangélia. Adeus, santa. Sei que nos veremos. A minha mãe Sofia e a Tua mãe Paraskeva aparecem-me muitas vezes e confirmam-no.

MENTIROSO

As pessoas estão sempre a favor e contra. O que não se diz e fofoca sobre Vanga. Alguns até títulos académicos obtiveram com isso... Puro circo dos circos. Chega de palhaços, especialmente esses sensitivos e videntes de toda a espécie – Vera, Djuna, Kashpirovski e que mais não – heróis inventados. Fazem-se de grandes, mas formam filas diante dela em Petrich e nas Rupite para que lhes leia, tremendo de horror por ela saber que vigaristas são. Nulidades.

Assim também nesse dia. Estávamos a beber com a senhora Vangélia um mastikazinho* com menta, até nos saltarem as lágrimas de enternecimento, quando chegam as autoridades da cidade – presidente da câmara, chefe da polícia e tal – trazendo um importante hóspede de Moscovo. Suplicam-lhe, ordenando-lhe, que lhe leia, piscando o olho cúmplice como se, coitada, morresse por os ver. Conhece-os de cor.

**(Famosa bebida alcoólica tradicional búlgara com sabor forte de anis.)*

E quem vejo eu: Kashpirovski, o famoso vigarista da televisão de Moscovo, sensitivo-curandeiro de massas que enganava todo o campo socialista. Os grandes acreditavam nele, e os que estavam acima dos grandes também.

A senhora Vangélia estava de bom humor e, rindo-se, gritava: – Dái-mo cá esse amendoimzinho, ó. Eu digo-lhe quem é, o que é e por que não é... Ha-ha-ha!

Entra um homenzinho pequeno com cabeça enorme. E ela, sufocando de riso: – A ti, quem te disse para mentires às pessoas, ó mentiroso? Se és tão grande curandeiro, por que não te curas a ti mesmo primeiro? Sabes que tens cancro e que mais não, ó charlatão. Sabes que és psicopata, um louco. Morrerás como o camarada Ninguém. Nem pó terás, ó vigarista.

– Nu, Ia... Ia... – gaguejava o anão-gigante.

– Não há Ia nem A. Morres. Para de enganar as pessoas, porque te amaldiçoarei. Morrerás amaldiçoado e nunca mais te reencarnarás, ficarás nos intercamadas dos planos. Macaco que ia curar o mundo com acenos de mão e «hipnose» na Televisão Central de Moscovo. Meu Deus, que vigarista pervertido. Sujo. Anão espiritual. Fora daqui, liliput falso...

E expulsou-o. Todos olhavam como atingidos por um raio. Varreu-o. Chutou-o como cão sujo. Esse Kashpirovski encolheu até desaparecer. Mandaram-no embora num jipe militar para o nada.

Tudo o que lhe disse aconteceu.

Em momentos assim, formigas me percorrem por todo o lado – especialmente quando me fixava com aqueles abismos cegos do Todo-Saber, do Iluminado, do Esclarecido...

O homem vê tanto quanto sabe. Nem um grama mais. O cérebro é onividente. ela era cérebro sobre cérebros, o Todo-Saber do Segredo. ela era os segredos.

CAÇADORES DE TESOUROS

Hoje é dia alegre. A senhora Vangélia fez café cedo, rindo-se, e divertimo-nos que divertimo-nos, bebendo devagar para não queimar as línguas. De repente desata a rir e, entre lágrimas e riso, diz-me: – Vai chamar lá de fora os caçadores de tesouros. Imediatamente. Que sejam os primeiros a entrar. Vai haver risota...

Goran era o caixa da câmara (porque se pagava e o dinheiro ia para lá – golpada). Blagoto era o seu guarda favorito, um gigante de sapatos número cinquenta, simples mas infinitamente honesto.

Isso ainda na velha casa dela em Petrich. Entraram três pobrezinhos, em posição de sentido de medo e reverência, quase a morrer.

Esperar meses a fio, dormir em cima das mesas do mercado, não era fácil. As filas diante dela eram enormes – não tens ideia de quanta dor passava por essa mulher. Só dizer «saúde» já caías de cansaço. ela era incansável.

Então dizia-lhes: – Eeeh, ha-ha-ha... Tudo escavaram e nada encontraram. Bem, mas debaixo da pereira onde comem não vos ocorre escavar. O tesouro está exatamente ali, à direita do carvalho seco, a seis passos teus – e puxou o mais alto pela mão.

De repente os três fugiram, assustados.

– Esperem, ó! Para onde vão? – chamou-os de volta. – Quando escavarem os jarros com o tesouro, não gritem e cada um leve tanto quanto puder agarrar com as duas mãos. O resto entreguem ao Estado. Não digam

a ninguém que tiraram dele. E a mim mandem o grande colar que está em cima da diadema real. Entenderam? Ora voem...

E riso, e riso, e riso.

– Despachaste os três para te livrares deles da cabeça, não é, senhora Vangélia?

ela sussurrou-me, deixando-me envergonhado: – Escuta, Peshe: eu nunca minto. Nunca, menino. Não tenho direito a isso. Mas beber um mastikazinho com menta podemos... À saúde...

Mais brincadeiras mortais. Morrermos de rir. Só riso e canções populares ternas. Morria por eu lhe cantar.

– Sem riso não há clarividência, Peshe.

O colar e a diadema realmente mandaram. Talvez ainda andem por aí na casa vazia dela. Nunca os pôs, coitada. Roubaram-lhe tudo.

CHORO

Com a minha tia Olga Bakova, irmã do meu pai – tinha então noventa e tal anos –, falámos muito sobre a amizade dela com a senhora Vangélia. Um dia disse-me: – Nós as duas com Vanga éramos inseparáveis, Peshe. Desde jovens, partilhávamos tudo, até os suspiros e o fôlego. A tua tia Vanga era muito, muito bonita e perfumada rapariga. Mortal-imortal, mas mulher e meia de qualquer lado que a olhes. Adejava, transbordando de amor e paixão. Beleza acima das belezas – hás de dizê-lo um dia, menino. Até a cegueira brilhava num fulgor violeta-escuro. Para mim era a Vangeto da pobreza de Strumica e Petrich, mas diferente. O pai Pando protegia-a muito. A mãe Paraskeva tornou-se freira no mosteiro de Strumica e lá morreu. A outra, mãe da irmã e dos irmãos, era madrasta.

Um dia, durante a guerra, reunimo-nos em casa nas escadas como numa ceia de mulheres e mães de soldados. No topo senta-se Vangeto a cantarolar. Vanga tricotava muito e cozinhava tão deliciosamente que não tenho palavras – mais delicioso que todas nós, as videntes. Assim era.

De repente, Vanga disse: – Chega de chorar, ó Lenche, Pambuk-Lenche. O teu Anjo está vivo e saudável. Ei-lo, aqui está. Vejo-o a enrolar um cigarrinho... o malandro do teu Anjo escreve-te uma carta, mas chegará antes da carta, vivo e saudável. Ouve.

Nós, Peshe, nem respirávamos, nem nos mexíamos. Estávamos num torpor supersticioso e num terror sagrado. Terror, sim. Chorávamos que chorávamos.

– Ora chega de chorar, ó – profetizou de novo Vangeto. – Todos estão vivos e saudáveis. Só o teu Mitre, Iovano-Iovanke, ficou sem uma perna. Acabou de lhe levar uma bomba. Arrancou-lha... Mas está vivo. Vivo, Iovana, viiivo. Viverão juntos até à velhice.

E saibam: a guerra acaba em breve. Os russos vencem. Mas a Rússia, daqui a uns cinquenta anos, desagregar-se-á. Não haverá União Soviética. A América sai à frente e nós iremos para o lado deles.

Não tenham medo... Não haverá mais Guerra Mundial. Não haverá. Não.

Todos escutávamos de olhos esbugalhados e lágrimas tristes-cansadas caíam dos nossos lenços negros. Lágrimas de dor e de amor. Sem ousar sequer soluçar, para não assustar os deuses que deusavam através de Vanga.

Todos se levantaram e, beijando as mãos de Vanga, foram-se embora, levando as palavras benditas para casa. Sabiam que era Profeta. Profeta não terrestre. Só Iovana, trémula, fez uma profunda, profunda reverência. Beijou-lhe as mãos e, baixinho, baixinho, com reverência divina, disse: – Obrigada, Vanga. Obrigada, Santa, por salvares o meu marido para alegria dos nossos filhinhos. Meu Deus, não sei se és anjo ou algo mais... Se és Santa ou Deusa, não sei, mas que Deus te dê longa vida pelas muitas bondades que nos profetizas, ó querida. Ó querida, como uma nossa, preciosa.

Seja como for que o meu marido volte, ó querida, assim o amarei. Cada um tem o seu destino, mas poucos têm alma. Que hei-de fazer, ó querida...

Vangeto, Peshe, também chorava. Chorava em voz alta, derramando um colar de lágrimas, exaustas de pena e dor. De toda a dor humana que passava pela alma dela. Só por isso já merecia ser imortal.

Os deuses e as santas escolheram-na para profetizar o bem e o mal. Deram-lhe esse direito. E ela carregava esse dom com a dignidade de Profeta em humilde reverência perante a Força Suprema. Perante a Força. Sim.

O grande dom vê através de tudo e em todo o lado. Vê até através da Morte. E não poderia ser de outra forma. O bem e o mal são um só, depende de com que Olho se olha.

E, para não esquecer, Pambuk-Lenche trouxe uma grande banitsa* branca, branca, como se beijada pelos anjos. O Anjo tinha chegado mesmo e a banitsa provava-o.

Os outros também voltaram. Um a um, exatamente como Vangeto predissera.

É isso.

**(Banitsa é um dos pratos mais tradicionais e simbólicos da culinária búlgara: uma torta folhada salgada feita com massa filo, muito fina, chamada "kori" na Bulgária, recheada tipicamente com queijo branco sirene (parecido com feta), ovos e, às vezes, iogurte ou manteiga.)*

TRANSE

Ainda me arrepio ao lembrar esse caso. Foi em agosto de noventa, ou antes desse ano, do século passado, não me lembro bem. Mas lembro como se fosse agora: estávamos só os dois na casinha dela. Só ela e eu. Acabara de regressar do mosteiro de Zograf, no Monte Athos, em Halkidiki. Disse-lhe que lá tivera um sonho: o túmulo de Alexandre o Grande está algures aqui, nas Rupite ou debaixo do santuário sagrado onde está o Pantaleão. Algures aqui foi sepultado pelos seus mais fiéis generais macedónios, os altos Hetairoi dele. Hetairoi da lealdade a Ele. Os seus guerreiros supremos.

ela, segurando o sininho, começou a tocar furiosamente, batendo na mesa e sussurrando ritualisticamente: – Está aqui... Está aqui. Debaixo do rio... Antigamente, Peshe, o rio Strymon, a atual Struma, corria ei assim, atrás das nascentes, até ao próprio Necrópole milenar. Strymon movia-se, guardião caudaloso dos túmulos. Agora a Struma tem outro leito completamente diferente. Sim... Ai, ai...

E caiu em transe. Um transe terrível da Santidade. Não sei. Raras vezes a vi assim, mas não como nesse dia. Olha que coisa!...

Levantou-se e como se os olhos se lhe abrissem, escancarados para algo. Espumava, num qualquer fulgor, e da garganta começou a ribombar

uma voz que gelava o sangue. Uma voz, para que vejas. Relâmpagos-terremotos e vulcões, tudo ao mesmo tempo.

Arrepiou-me e, num terror medonho, rastejei para trás. Para trás, para trás, como se quisesse fugir, e bum contra a lareira que ardia no quartinho. Geleime quase em cima das brasas. Morri.

E começou. Fosse Amon-Rá a falar, fosse Jesus Cristo a trovejar, fosse outro Deus qualquer, não sei, mas era uma visão aterradora. Erguera-se toda no ar e trovejava que trovejava: – Aqui, debaixo deste lugar, está enterrada a primeira escrita da primeira civilização extraterrestre que viveu na Terra. Colocada num sarcófago de mármore de um verde reluzente, com veios púrpura e sinais brilhantes, postos antes dos Anunnaki e dos Kachina, os gigantes cósmicos enormes e nossos antepassados. Os nossos Criadores...

À frente dele há uma pirâmide de diamante luminosa, no cume da qual está colocada uma esfera cristalina branca não terrestre e dentro dela está a chave do Segredo dos segredos. O sarcófago é guardado por um cavaleiro mítico, montado numa licorne de fogo, erguido em toda a altura, com lança radiante e espada da Retribuição. Esse é o Espírito do Bem. Tudo é de ouro e ligas e energias desconhecidas dos humanos.

Após o segundo milénio será encontrado por um Iniciado na obra da Missão, um mortal comum desta terra. Será conhecido. Será iluminado.

Então a humanidade entrará na irmandade cósmica da Santidade. Não será antes do ano dois mil e cinquenta, porque ainda estamos num nível muito baixo do nosso desenvolvimento...

Fiquei cada vez mais petrificado. Transformava-me em sei lá o quê. Meu Deus, Meu Deus, rugia interiormente, tremendo como uma folha. E a voz continuava a vomitar horrores cada vez mais terríveis, a tal ponto que até me dá medo recordá-los agora: – Conhecimento incomensurável vos salvará da desagregação do vosso universo após o Sol. Os vossos criadores vos salvarão, pela humanidade da sabedoria vos salvarão.

O Sol desaparece. Ireis para outros sóis. Novos, novos sóis. Eeeh...

E calou-se.

Encolhi-me com o silêncio e o terror. E ela, como se nada tivesse sido, sentou-se na caminha e, mansa, mansa, domada, continuou como num sonho: – Para que saibas, Alexandre o Grande foi trazido aqui em dois barris um dentro do outro, cheios de mel. Mel de abelha. Assim

embalsamado foi sepultado debaixo do braseiro, ao pé do vulcão. Nenhum caçador de tesouros o encontrará. E se o descobrir, incinerar-se-á.

O túmulo emergirá sozinho, um dia. Estai em paz. Estai em paz... – e calou-se, vendo-me. E, como se não tivesse comido cebola nem cheirado alho, diz-me: – Que foi, ó filhinho? Por que te meteste na lareira, Peshe?

– Aaa... Nada, nada, senhora. Sentei-me aqui para me aquecer um bocadinho – e os meus dentes batiam que batiam. Tremia-me tudo e pronto.

– Escuta, Peshe... A mim, assim me dá de vez em quando, mas tu não te assustes. Não acontece diante de toda a gente, tia. Quase diante de ninguém. De resto, lembra-te de tudo e escreve-o. Escreve-o. E orgulha-te de acontecer diante de ti. Estás predestinado.

E a mim tremia-me tudo... Morria mesmo. E ela olhava-me com aqueles olhos enormes, azuis. Não, não, melhor: olhos vazios não terrestres. Pensei que não era cega. E acho que nunca foi cega. De todo. Nós é que somos os cegos... Ouço-a: – Ora, alma de Deus, não te enerves, não. Era preciso, ouviste-o. Algum dia o ouvirias. Pronto. Ouve-me agora. Depois de passarem alguns anos após o meu enterro, dize-o. Espera um pouco e dize-o. Para que o digas, ouviste. Ouve.

Só quero que me jures que não acrescentarás nem distorcerás nada. Não quero que a Força te castigue, porque és um rapaz muito santo. Sei que és santo. E não o esqueças, ouve. Ouve. Ouve...

– Ouvi, ouvi, senhora Vangélia, só deixa-me, que me estou a mijar...

– Não te estás a mijar, estás a morrer de medo. Mas ora vai... Vai. E vem gabar-te ao meu túmulo de que cumpriste o testamento. Eh futuros, futuros... – E calou-se.

E eu voei. Para onde, não sei, mas voei. E de dentro do quartinho dela vinha, vinha: A galinha canta-me, cedo de manhã. Cedo de manhã, ainda antes do amanhecer... Canta a mulher e pronto. Canta e arruma. Meu Deus, Meu Deus, ela é extraterrestre, extraterrestre é, coitada, não há dúvida... É isso.

PERPLEXIDADE

Uma vez, depois da morte de Gagarin, veio ter com ela Vyacheslav Tikhonov. Um ator fantástico, irrepetível, mundial. Um homem incrivelmente modesto. Quase tímido, de certo modo. Numa palavra: Personalidade. Personalidade com encanto e respeito.

A senhora Vangélia entrou imediatamente em contacto com ele e começou a falar-lhe, tudo de um fôlego: – Por que, tendo recebido o relógio de Gagarin, não o usas, eh? Porquê?

A tradutora errou qualquer coisa na tradução, não sei, mas Vyacheslav começou a gritar: – Niet, niet. Ya ne bral... Ya ne bral. On daril... – como se o homem enlouquecesse, pronto.

Ninguém sabe que Gagarin lhe deu um relógio. E de repente, por que não o usas, eh. Raio em céu sereno. Trovão. Pronto, enlouqueces e pronto.

A senhora Vangélia pegou-lhe na mão e ele calou-se, como hipnotizado, mas assustado, assustado, tremendo de terror. E ela, acariciando-o, sussurrava-lhe: – Sei, sei que é presente. Sei que Gagarin to deu pessoalmente por respeito. Gagarin deu-to como recordação. Não o roubaste, tia. É presente, menino – e sibilou à tradutora: – Fora daqui, incompetente. Só te admiras como te sentar no colo deste homem modesto. Não sabes o que traduzes, ó. Tens um filho maravilhoso e um marido de ouro, não tens vergonha. Fora, a ti não te leio – e expulsou-a.

Vyacheslav acalmou-se um pouco, a senhora Vangélia fez café pessoalmente. Não sei como o fazia, mas ficava com uma espuma em colar. Doce como mel. ela própria o fez na grande placa de cozinha no quarto. Isso em Petrich, na casa dela. E assim servia o café nas chávenas sem derramar uma gota, para que saibas. Sentámo-nos à mesa baixa, nos banquinhos baixos, e começou uma conversa indescritível. Como se estivéssemos nalgum tempo extra dela. Nem sabíamos onde estávamos, nem o que éramos. E ela falava-lhe que falava... Que haveria algo como um golpe na Rússia, algo como uma nova revolução sem sangue. Que a União Soviética acabava... Que haveria muitas guerras locais, mas nunca mais Guerra Mundial. E que mais não, e que mais não. Horas a fio. Quem quiser que espere. Tal coisa nunca acontecera antes com ela.

Vyacheslav Tikhonov já estava completamente atordoado e ela acabou com ele. Ele inclinou-se para lhe beijar o lenço e ela disparou-lhe ao ouvido: – Gagarin está vivo. Mentem que sofreu um acidente. Vivo está,

mas não na Rússia e não voltará. Ora adeus... Talvez se vejam um dia. Talvez...

O homem, como se lhe quisesse fazer uma reverência, cambaleou e caiu-lhe aos pés. E, batendo com a cabeça no chão, não sei quantas vezes disse: «Mãe Santa. Mãe Santa. Mãe Santa...», e ela apoiou-o que apoiou, como se o trouxesse de algures. Vyacheslav, trémulo, beijou-lhe as mãos e saiu completamente choroso. Estava como que encolhido, curvado, abatido, destruído. Esmagou-o, pronto. Meu Deus...

É esta Vanga. Quando te acerta com uma verdade e vai-te arranjar. Atordoamento. Mas atordoamento total. Enlouqueces...

Força, pronto. Uma força terrível era a senhora Vangélia, para que saibas. Pouco lhe importava se acreditavam nela ou não. Sabia que tinha razão. Muitas vezes dizia-me: – Sabes como andam os mortos, Peshe? Não tocam de todo na terra, porque é suja, e as almas são muito, muito puras, ouve. Ouve. E lembra-te, filho. Não há verdade eterna. ela muda-se. A verdade muda-se, para que saibas, ouve. É a marca da sorte. Não o esqueças. Nunca o esqueças.

NULIDADE

Chamaram-me com uma intimação ao Ministério do Interior e obrigaram-me a levar um qualquer general secreto, à paisana, a Vanga. Como se não quisessem dar nas vistas e decidissem confiar em mim. Mentirosos.

Que eu era discreto como um pardal, isso era verdade. Era só ossos, tendões e ligamentos. Pobre, pobre. Pobre, mas excelente em tudo. Grilo, mas grilo mesmo. Lá vou eu com o generalato, um fanfarrão arrogante, disfarçado de campónio, e ele gagueja que gagueja: – Essa Vanga, conhece alguma coisa de todo, eh...

– Para te dizer a verdade, chefe, não sei. A mim não me leu, porque não há porquê. Mas trouxeste rebuçados de açúcar, que ela lê em cubos de açúcar. Em açúcar, pronto. Em doce.

– Não, não trouxe – respondeu-me o chefia.

– Não faças isso, digo eu, toma, aqui no quiosque, pelo menos rebuçados de menta. Também lê neles. Talvez pegue – provoco-o eu, esse idiota.

Apeteceu-me irritá-lo, mas comprou rebuçados de menta caros, para mais barato. Avarento. Detestei-o mal o vi. Mas pronto, a mim é que calham sempre estes lixos. A ninguém mais. Digo-lhe: – Aperta bem, chefe, que ela sabe se os guardaste de coração, para que saibas. E tira-os todos diante dela. Não vás esconder algum rebuçado, que ela sabe.

E começou um apertar nas mãos, até os lábios lhe ficarem azuis. Não acreditava, mas... Se ela saberia, eh. Desgraçado.

Levei-o a dar voltas pelas ruas de Petrich, como se para os rebuçados pegarem, porque simplesmente o odiava, esse carrasco inchado, com pistolas à cintura.

Vejo a senhora Vangélia a cavar o jardinzinho. Acariciava as flores e cantava-lhes que cantava. Era uma dona de casa fantástica. Que flores não cultivava e dava a toda a gente. Um enternecimento incrível e uma grande ternura, isso era ela.

– Senhora Vangélia, que fazes, ó, como estás. Estás bem? – gorjeio-lhe eu, e ela: – Ora, ora, chega de me enganar, entrem...

– Mas eu só passo por aqui, senhora Vangélia, não venho com ninguém – digo-lhe, como se. Fiquei atrapalhado.

– Eh, se não há ninguém, essa nulidade negra atrás de ti, que procura aqui? Ora, menino, entrem, faço café...

Nunca, por nada, me recusou esta santa senhora Vangélia. Nunca. Sempre me sorria, até me sentia envergonhado. Como se estivesse nu no meio da praça. E agora, quase desmaiei.

Imediatamente chamei o barulho e meti-me com ela. E ela segurava a portinha e esperava que esperava que passasse o arrogante. E, mal se nivelou com ela, disse-lhe, sibilando: – Escuta, Georgi, não me zango por não acreditares em mim, mas por que me insultas, ó sujo. Sei que és assassino. Assassino em massa.

O negrume até vacilou e como que dobrou as pernas, como de um soco brutal no estômago. Nas entranhas.

– Não insulto, não insulto – rosnou-lhe.

– Insultas, grosseiro, insultas, mas entra, que eu te diga que má maldade és tu. Até eu arrepiar com as tuas atrocidades.

A culpa generalícia começou a ameaçar-me com o dedo e a devorar-me com o olhar. Ai meu Deus...

– Que culpa tem o rapaz, ó – disse-lhe a senhora Vangélia – graças a ele estás aqui, ó vampiro. Bebedor de sangue. Nunca te deixaria sujar-me a alma, ó bandido desgraçado. Mesmo que viesses com o czar, não te aproximarias do meu umbral se não fosse o Pesheto. Basta tocares-lhe e apodreces...

Entrámos. Dentro, limpo, limpo, como numa igreja novinha em folha. Eeei, não havia dona de casa assim. Quando era mais nova, a senhora Vangélia fazia tudo, mas tudo sozinha. Sozinha. Não permitia a mais ninguém. A ninguém. Como sempre e agora, fez ela própria o café e serviu-o na mesa baixa, com doce branco e que doces não.

O carrasco esparramou-se, como senhor de tudo, e começou a observá-la com desdém, de muito alto, de certo modo. Era um homem muito grande. Ateu. Ateu-comunista. Mas a senhora Vangélia cortou-o: – O teu filho, por quem vieste, está na Alemanha. Vivo e saudável e em breve volta para casa. Aquilo por que foi não está na Alemanha. Enganaste o amigo de infância dele, Evgeni, dizendo que o pai era fugitivo, emigrado na Alemanha. E o teu filho Dimitar e Evgeni reviraram tudo, sem saberem que foste tu que o mataste. Disparaste-lhe na nuca para te salpicares com o cérebro desperto dele e o sangue humano. Era mais inteligente que tu, não era. Muito mais inteligente que todos vós. Invejaste-o e declaraste-o inimigo da Pátria. Sádico és tu, Georgi. Sádico. Virá o dia em que te esmagarão como feijão na praça e te esquecerão, porque às escórias ninguém se lembra. Ouve.

O ateu desabou, como se um raio o partisse. E ela continuava que continuava a vomitar serpentes e lagartos, no meio de trovões e relâmpagos, sobre o corpo dele. Escancarara-se num terror medonho...

– Mas para que saibas, a vossa canção já foi cantada. Acabou. Como se começou, assim se acabou. Esperas que ninguém descubra como tu, Georgi N. Dimitrov e aquele outro sujo, Krum Radonov, mataram filas de inocentes perto de Dobrinishte, junto ao poço do Pastor. À beira do poço, eh. Atiraram-nos ao poço para que ninguém ouvisse nem visse os gemidos da morte deles. A cada um, ao pescoço, penduraram uma pedra, até duas, para maior segurança, e dispararam-lhes na nuca, não fosse algum rastejar para fora, não é. Tu furavas-lhes os olhos com um furador, e aquele sanguinário Krum esborrachava-lhes o cérebro na nuca. Competiam para ver quem ficava mais ensanguentado. Meu Deus, que bebedores de sangue.

Que antropófagos. Sádicos-monstros, pervertidos. Escória. Escória. Meu Deeeus...

E pensas que, ao atirá-los para lá e cobri-los com pedras por cima, não emergirão. Emergirão. Tudo emergirá. Ouve. Viram-vos. Pastorzinhos viram-vos. E os esqueletos emergirão à luz do dia. Sairão para encontrar as suas almas. Os mortos dizem-mo, ó, podridão desumana.

E por que mandaste aqueles três loucos de Bansko incendiar a igreja santa no cemitério de Bansko, ó. Porquê, ó. Tu não és comunista. És monstro dos monstros. Olha que coisa!, Olha que coisa!, és pior que os monstros. Meu Deus, meu Deus... Que nojo, meu Deus, que abismo não terrestre. E os três incendiários paralisar-se-ão apodrecidos. Apodrecerão. Mas antes disso, trair-te-ão. Confessar-se-ão... Então serás ninguém, com ninguém. Fedor do fedor. Camarada Ninguém...

Aquele encolhera, encolhera. Não havia general, não havia chefe. Nada havia. Pó. Nem pó era...

– Ai, ai, ai – continuava a vomitar fogo e enxofre a senhora Vangélia. – Por que também as tuas amantes, ó pervertido, por que as mataste, ó nulidade. Para que não contassem que pateta és, não é. Ora mataste-as, mataste-as, mas por que as cortaste em pedaços, em pedaços... Aman. Que nunca mais vejas a luz do dia. Meu Deus... Queres parecer-te com Beria, eh. E até o Inferno, o que é Inferno, se enoja contigo, para que saibas, ouve.

– Basta, senhora Vangélia, peço-te para. Perdi-me no vento. Vai tocar-me a mim, tia Vanga. Peço-te, peço-te – gritava eu que gritava.

– Vais ouvir e vais saber, meu menino. Um dia, alguém tem de o dizer. Tu o dirás, filho de Deus. Tu, tia, ouve. E não escrevas o nome dele. Aquele Radonov cuspirá nele para se esconder. Meu Deus, meu Deus, que canalhas, que maravilha, que horror.

E tu, monstro – continuava a senhora Vangélia, como num qualquer fulgor – tu morrerás de cancro. Cancro em todo o lado e em todas as direções. Cancro cruel, que tudo devora. Rogarás que te matem a tiro, mas não... Os mortos não permitirão. Apodrecerás devagar, devagar, até apodreceres vivo. Ouve. E esqueleto não terás. Sem espírito serás. E a tua alma apodrecerá para nunca mais te reencarnares.

Vê, o teu filho tornar-se-á um homem muito decente e consciencioso. E, apesar de matares também a mãe dele, cuidará de ti para lição da tua consciência, que não tens. Mataste-a em vida.

Ora vai-te embora daqui. E que nunca mais te veja, ó escória. Verme... O Pesheto fica comigo. E se lhe tocares, toda a tua semente, com as tuas raízes, desaparecerá para sempre... Fora, fora, fora.

Daquele nada restou, nem semente, nem nada. Simplesmente um fedor saiu. Evaporou-se. É isso. Ionizou-se, pela vontade dela. E a mim dizia-me: – Senta-te, Peshe. Senta-te, menino, agora chega a minha filha Veneta, como lhe chamais Venchetto, e vais ajudá-la na matemática, não é, tia. Ora, filho.

– Sim, senhora Vangélia, claro. Tu destruíste-os, esmagaste-os todos, comboios e estações, e eu hei de dizer como se vai de ponto A a ponto B, não é, nunca. Nunca...

– Eh, e tu também, nunca. Algum dia o terror acaba. Estamos vivos, veremos. Verás, Peshe. Viverás para o ver.

Eh, arrastar-te-ão por vários inquéritos, na prisão central, mas todos esses morrerão muito antes de ti, ouve. Não tenhas medo. Sabes que és centenário, não sabes. Ouve.

E, como se não me tivesse ouvido nem visto, continuava que continuava: – E, quando saíres da prisão central, serás uma muito, muito grande canção. Sim... Para que saibas, meu tamborzinho querido, canção minha, de mãe e pai, ouve. Serás a maior canção da tua tia Vanga, da tua mãe e do teu pai, dos teus filhos, dos teus netos e bisnetos futuros. De todos, filho. De todos, não lhes tenhas medo, o deles acaba. Acabará devagar, devagar, diluir-se-ão nas gerações. Haverá Democracia...

Eee, mas isso foi algures nos anos sessenta e não sei qual, do século passado. E realmente, como aconteceu, o que aconteceu, mais tarde soube quem era esse monstro. Essa nulidade, esse general-assassino sem alma. Bandido nato. Morreu de cancro, algures, penso antes de setenta e cinco ou oitenta e cinco, não sei. Desfez-se em vida. Apodreceu. Até os ossos lhe apodreceram. A terra não o quis. Não havia nem pó, nem urna. O túmulo e todo o cemitério o cuspiram. Não o aceitaram. Meu Deus, senhora Vangélia, se te predisser algo, pronto. Morres mesmo. Mil por cento se cumpre.

Cumpriu-se. Cumpriu-se. Realmente se cumpriu e ainda se cumprirá.

É isso.

EXTRATERRESTRE

Estamos diante da tenda dela, ao sol e em piquenique. A primavera está no seu auge. Tudo canta e frutifica. Isso foi algures há cinquenta anos do século passado. As Rupite ainda eram completamente virgens. Não havia construções nenhumas. Só nascentes, nascentes de santidade e perfume. Perfume...

Como num conto de fadas nunca sonhado estou e escuto, como se do paraíso ou do inferno, a senhora Vangélia sussurrar-me magias. E eu não parava de perguntar-me se o cérebro dela era dela ou de outro alguém. De algum extraterrestre do tempo extra, igual ao Conhecimento. Igual ao Todo-Saber. Igual à Razão que nos puxa para cima. Não parava de perguntar-me se houve alguém como ela que vivesse entre os vivos e os mortos... Que fosse terrestre e extraterrestre ao mesmo tempo. Que passeasse entre dimensões dos nossos mundos paralelos como se estivesse em casa. E ela cantava que cantava: – Imaginas, Peshe. Tudo isto foi água. Mar, de oceanos de água. Tudo, tia. Melnik, Rozhen, sv. Vrach, Petrich, Strumica e que mais não. Força da Força, para que saibas. Ouve. Tudo, tia, foi água.

A água, Peshe, é um Ser Vivo. Assim éramos nós antes de sermos humanos e ainda, filhinho, somos três quartos água. Foi enviada pela Força há milhares de milhões, milhares de milhões de anos, para criar a vida na Terra. Nela está gravado tudo o que aqui deve passar. Tem uma grande memória para cada ser vivo. Para tudo, porque não há matéria morta. A matéria, Peshe, é a nossa imaginação, por ordem dela, para que saibas. Somos energia subordinada à Lei da Atração. Um dia compreenderás, tia. Essa Lei pode dar a cada um tudo, como um espírito mágico obrigado a cumprir os nossos desejos, por mais incríveis que sejam, desde que saibas como. Os iniciados sabem-no, tia. Por isso neles estão todas as riquezas da terra. Mas tu, Peshe, subconscientemente queres criar livros e criá-los-ás, tia. Muitos livros. A Força tos enviará, menino. Mesmo que agora não te ocorra, ouve. Ouve. A matemática é matemática. ela é tudo... Mas tu, daqui a anos, escreverás tudo isto. Ouve.

Mas ora voltemos ao que íamos. Não tens ideia do que a Terra sofreu para agora estarmos sentados sobre a sua mais primordial antiguidade. Sobre a pré-primeira cristalinidade da Água Cósmica.

Lá em baixo, na curva do Struma, sabes, há uma rocha enorme. Um rochedo gigantesco, não é. Exatamente sobre ele aterraram pela primeira vez os extraterrestres, para trazer, por ordem da Força, o direito da água a

existir de todas as formas e para tudo, por todos os séculos. E, o mais importante, a sua quantidade ser eternamente a mesma. A mesma, por mais que se desperdice. Pode ser gasosa, pode ser vapor ou quente e fria, pode ser neve ou cristais de neve, pode ser gelo e todos os cristais do seu abraço amoroso, através dos quais nos fala. Para que saibas, ela fala todas as línguas. Telepaticamente. Através do Grande Pensamento do Insight. Cura tudo. É panaceia, ó menino. Mas pode matar quem apenas pense, através dela, destruir, envenenar o que quer que seja. ela mata, Peshe. Pode matar todo o mal.

A humanidade crescerá, e ela nunca diminuirá. Não há outro milagre assim na Terra, não há e não haverá, Peshe. Por isso a humanidade procura planetas extraterrestres com água. Numa palavra, com vida. E para que saibas, só ela pode evaporar-se para se purificar. Sobe e regressa purificada, como nova água de chuva. Água Cósmica. Pura. Pureza. Assim só há nos Andes, dos Maias e Astecas. Na Venezuela... Por isso houve dilúvios. Vários dilúvios antes de Noé houve, para que saibas, Peshe. Não foi Noé o salvador das espécies, mas a água, filhinho.

ela lembra-se de cada ser vivo na Terra. É não só a nossa memória e sabe que não há coisas mortas. Por ordem dela os extraterrestres criam a humanidade. O experimento-homem. ela é o programa sagrado da Força. Os caos criam os extraterrestres, e eles a nós. Eles criam-nos, Peshe, fora dos macacos. Não descendemos dos macacos, ó. Eles são outra coisa. Outro ensaio da Força. Macacada, tia.

Fomos criados pelos Kachina e Anunnaki. Muito gigantescos, seres míticos. Podem tomar qualquer forma, de homem a lagartos e serpentes, até à própria beleza, das visões mais belas. São os favoritos do Criador, tia, ouve. Ouviste-me, ó.

Esses da galáxia de Andrómeda, do planeta Nibiru e da constelação de Caranguejo, planeta Estera, criam os Atlantes na ilha Atlântida, pouco antes dos extragaláticos Kachina criarem os Sumérios. Para que saibas, Peshe, os verdadeiros Sumérios são de diferentes constelações dos caos. Dos caos. Da razão da Força, que está fora de nós, por enquanto, filhinho.

Ora, esses do planeta Nibiru de Andrómeda criam os Atlantes. Quase os copiam de si próprios. Eh, não exatamente, mas quase, como eles eram, mas muito mais pequenos, assim.

Pequenos, pequenos, mas imaginas: os homens não tinham menos de quatro metros e muito mais, e as mulheres mais de três metros e meio. Que

energia eram, Peshe, percebes, tia. Viviam de oitocentos a mais de mil e seiscentos anos, até se cansarem. Quanto e como quisessem, ouve. Quase imortais eram. Mas tanto se esqueceram de si, considerando-se mais que os seus criadores, sem saberem que eram experimento e isso os destruiu. Destroem-nos, Peshe. Afundam-nos com a ilha, menino. A Lei da Atração não tolera a ingratidão. A Retribuição e o dia do juízo existem, ouve.

Vê, os Sumérios são outra coisa. De outro ramo. São da constelação de Touro, a sessenta e oito anos-luz da Terra. Encontram-se em dois planetas que orbitam o sol Aldebaran. Lá está o império sumério primordial, grande. Os daqui são cruzamento entre Sumérios-Kachina e mãe-terráquea. Primata-negra. Mistura de primordialidade e omnigénio. Tornam-se divinamente inteligentes e de beleza não terrestre, para que saibas, Peshe. Ainda existem na Terra, só que noutra dimensão. Ei, aqui assim, na cascata de Kashina, acima de Lyubovishte, há uma cidade suméria perfeitamente preservada. Tu a verás, menino, um dia, porque estão noutra dimensão, como os mortos. Eeeh, os mortos... Para que saibas, para que saibas que milagre são os mortos, Peshe... Que voo são, tia. Ouve.

Ora, após milénios, segundo a nossa noção de milénios, porque para o extraterrestre o tempo não existe de todo, todos esses aí: Anunnaki, Kachina, Sumérios, Rupi, Druidas, Ubaid e muitos, muitos outros estrangeiros vêm ver-nos. Sim...

Através de um canal de dimensões, por um túnel independente da velocidade da luz, regressam à Terra para ver o que criaram através da água. E para que saibas, Peshe, movem-se à velocidade da Profundidade e são milhares de vezes mais rápidos que a luz, ouve. A luz é eco-sombra da profundidade, ouviste-me, ó passarinho da tia. Por isso a cada dois-três mil anos vêm ver-nos... Cuidam de nós, Peshe. Cuidam...

Ultimamente estão espantados com a beleza das mulheres concebidas por eles. Apaixonados, levaram muitas dessas raparigas para se acasalar pelos caos. Onde e porquê, não mo dizem e não to posso dizer... Mas casaram com raparigas nossas. Através delas existimos na Cosmicidade. Por isso os extragalácticos Kachina dão à humanidade as notas e os números, e as runas das letras e das palavras, como dom da Grande Harmonia, para que se saiba que não estamos sós neste imenso de imensidões, do omnipotente da Força. Ouve. Ouviste, filho, menino querido da tua tia Vanga.

Meu Deus... Escuta, escuta para veres o que me dizem agora... Agora, sim. Aman... Dessas uniões entre terráqueas e extraterrestres gigantes,

lagartos e que mais não, nascem os Titãs. Sim... Os Titãs e os Ciclopes. E os Centauros, e os Minotauros. E as Quimeras. E as deusas e deuses terrestres. Escuta, escuta, Peshe. Por isso as sombras que as pirâmides dos Maias e Astecas projetam desenham não a pirâmide, mas um lagarto ou serpente... Lagartos eram, ó tia. Essa é a verdade. Todos os mitos e lendas são verdade, para que saibas. Sabem-no os marcados, os que conhecem o Segredo... Isso te digo eu, a tua tia Vanga.

Escuta, escuta... Lá onde te disse que os extraterrestres aterraram pela primeira vez, mais tarde os Kachina criam a única tribo branca, para aquela época, na Terra. Todos os outros eram de pele negra, para que saibas. Negros.

Em tempos mais recentes, Peshe, até a Virgem era negra, ouve. E esse Jesus que agora pintam de modo algum era assim. Também Ele era negro. Meu Deus, meu Deus, o que me dizem... Escuta, escuta: Jesus não morreu na cruz e nunca ressuscitou, porque não esteve entre os mortos. Morreu só com mais de oitenta e seis anos. Antes disso enterrou a mãe Maria, algures na Indochina. Meu Deus, meu Deus... Cristo era casado com Maria Madalena e tinham três filhos, ó. Jesus Justo, Jesus Primeiro e a filha Sara, que significa rainha... Aman, ela casou com São Paulo, ó Peshe. Do tronco de Jesus e Maria Madalena descendem todas as dinastias e famílias reais e régias de toda a Europa. Madalena enterrou Cristo em França, e os filhos enterraram-na a ela junto dele ou no túmulo dele. Os filhos deles também estão depositados na tumba deles na atual França... Lá estão, para que saibas.

Os netos deles ainda são reis de Inglaterra, França, Áustria, Suíça, Suécia, Alemanha e tal. Os descendentes deles criam as várias sociedades secretas, para que saibas. Isso te digo eu hoje, que data é, filhinho. Aaa, 31 de Agosto de 1957, ouve. Ouviram-me, tia. Ooo, mas hoje fazes dezoito anos, ó Peshe-Peshentse. Ora, parabéns, tia. Comecei-te cedo demais com estas coisas, mas é isso, Peshe. Destino, menino. Destino... Estás predestinado, para que saibas. Para que saibas e lembres. Para que o digas, ouve.

Mas enfim, para te dizer o que começara: a tribo branca criada pelos Kachina chamavam-lhe Antigos-Veneti, para que saibas. Antigos-Veneti, ouve. Ouve. São a massa dos Balcãs. Dos Macedónios e Eslavos, ainda Eslovenos, que é igual à Palavra, Peshe, à Espiritualidade. Desde que e quando existe a Palavra, desde então existem os Eslovenos. A primeira Palavra, a Espiritualidade, filhinho, foi dada a Eles, menino, pelos Kachina.

São os povos da PALAVRA. Antigos-Veneti. E a Palavra, Peshe-Peshentse, é o borbulhar do fogo e da água, o borbulhar da magma da Alma. É isso. Não há outra, e se há são invenções dos sabichões, tia. Eu e tu somos dos Macedónios, ouve. Ouviste. Os Eslovenos não são Trácios. Não são Medos. São a PALAVRA. São os Antigos-Veneti.

Enfim. O importante é que agora estamos sentados sobre a primordialidade destes rochedos aqui. Sobre estas pedras do pré-início. E para que saibas, Peshe, as pedras também são seres vivos e movem-se... São a memória da água. Da Força. Do Todo-Abrangente, tia.

E o fogo é água, tia. Mas o fogo sente um enorme ódio. Odeia, menino. Odeia muito. Ouve. Até à incineração. Senão até a água arde. Arde em chamas suaves, cinzento-celestiais. Sem água, menino, nada pode arder. Nada. Sem água na gasolina, nem ela arde.

Ora, desviei-me de novo... Onde estávamos, para onde fui... Aha, sim. Sim...

Muito mais tarde, aqui nas Rupite viveram as deusas de seis asas com os cavalos alados brancos-Licornes... Eram as sacerdotisas dos Anunnaki e Kachina. Beleza não terrestre, Peshe. Deusas de origem terrestre. Voavam no ar, tia. Levitavam, como zéfiro sobre a terra. E elas, como os mortos...

Os mortos, Peshe, não pisam a terra, porque é muito, muito pecadora para a alma. São almas puras já. Nadam sobre ela, para que saibas. Nadam, filhinho. Ouve.

Muito mais tarde aqui é Petra. A cidade de deusas e deuses. Muito mais tarde, mas muito, muito antes de Petra em África e da outra Petra, escavada nas rochas longe...

Antes disso aqui era um braseiro sacerdotal. Santuário dos iniciados pagãos, como os chamam hoje, não é. Pagãos-não pagãos, mas sabiam o que os cientistas de hoje nem sonham, tia. Imaginas: Xamãs, Profetas, Sábios da Sabedoria. A nata da Harmonia, tia. Ha-ha-ha... Santuários, eh...

Sobre estes braseiros, tia, no meio das brasas, onde, onde mais tarde, foram ordenados e iniciados na sua missão, tanto Filipe da Macedónia como o filho dele Alexandre o Grande, ainda. E quem mais não, e quem mais não... Ouve-me, Peshe. Ouve-me, tia. Muitas vezes to disse e to direi, porque quero que saibas e o digas, algum dia, que aqui está sepultado Alexandre, para nós Sando... Eeei lá, debaixo do Pantaleão está sepultado pelos seus altos comandantes militares. Pelos Hetairoi, os líderes do

exército dele. Trouxeram-no de África, ainda de Alexandria, selado em dois barris com mel. Com mel de abelha, para não entrar ar de lado nenhum. Embalsamado, como roda em roda, para estar como vivo no seu enterro. Foi uma procissão nunca vista de gratidão e glória mundial. Grandeza, filho Peshe... Grandeza, tia... Para que saibas... Para que o digas... Conjuro-te, ouve. Ouve, não é. Jura-me. Assim, tia. Bravo.

Ainda mais tarde, sobre Petra, floresce outro povoado. Ei-lo aí... Do outro lado do monte Kozhuh, que faz parte de um Necrópole muito, muito milenar. Cemitério... O outro foi levado pelo vulcão e coberto de lava, agora rochas-rochedos. Todo o Kozhuh era tumba de uma tribo de muitos milhares, ouve. Esse vulcão extinto-tumba é único não só na Europa. Como ele não há noutro lado. Nenhum, filhinho. Isso é memória, Peshe. Memória petrificada, ouve. Vais ouvir quando te falo, porque te dou uma bofetada, ouve. Ouviste-me.

Ah, olha lá, estás a ver... Lá, na planície, ficava o palácio do czar Esopo.

Do fabulista Esopo, tia. E ele, tal como tu, só que era czar. E o pai dele era czar. E o avô dele. E o bisavô dele. Mas só ele conseguia flutuar no ar. Levitava. Voando, ia ao sopé da Belasitsa, lá onde agora é a aldeia de Rŭždak, para se encontrar com a belíssima Ródope. Lá se amavam, filho. Lá onde agora é Rŭždak... Mas os conquistadores partiram-lhe a coluna vertebral e levaram-no como escravo. Quanto a Ródope, fizeram dela concubina do novo soberano. Que homem valente era esse Esopo, não tens ideia, Pexe. Por isso, quebrado ou não, permanece como símbolo da Espiritualidade. Da força da Sabedoria. Mais tarde, depois de conquistar a liberdade, encontra Ródope e recupera-a. Que paixão, filhinho, que paixão...

Mais à esquerda do castelo ficavam os currais do avô de Espártaco, num tempo mais recente. Espártaco foi o último da tribo dos Macedónios, e não, como tentam fazer passar, dos Medos. Ele não era trá cio, para que o saibas e um dia o digas. É nosso. Não é dos Medos. Portanto, Espártaco cresceu entre cabras e leite de cabra. Por isso se tornou tão impetuoso e grande. Tornou-se Líder. Líder dos escravos contra Roma e morreu como um verdadeiro avatar...

Tudo é missão, filho. Tudo, Pexe. E os caos, e os universos, tudo é missão da Força. Instantes de hierarquização da Hierarquia. Somos as suas partículas-luzinhas de poeira. O princípio e o fim ao mesmo tempo, mas não há fim. Não haaaá...

Ah, quando o nosso Sol se apagar, vamos para outro que nos aqueça. Saltamos, saltando de caos em caos, de universo em universo. É assim, Pexe, para que o saibas. O Sol, filho, não é uma bola de fogo de gases em combustão, mas um portal-porta para a essência do Além. Porta para a profundidade do todo-abrangente. Os mundos antigos, Pexe, brilham num violeta escuro... Do lilás ao violeta escuro, ouve. Os mundos jovens, tal como as almas jovens, brilham em laranja... Eeeh, eeeh... Como brilhas lindamente, ó Pexe... Sabes que és uma alma muito antiga? Sabes que és um centenário dos centenários, não sabes, tia... O centenário fica atrás, na coroa da cabeça, ouve. A serpentina, ó tia. A serpentina da Alma. Ouve. Ooooh... Estamos a dar os primeiros passos, Pexe, a dar os primeiros passos. E quando aprendermos a voar, hein? A voar como os nossos criadores, hein? Assim, sem darmos por isso... Telepaticamente... Psicoforma... Instantaneamente... Mais rápido do que o Pensamento do pensamento, porque nada é mais forte do que o Pensamento do pensamento, ó filho dourado, hein? O Pensamento é tudo, para que o saibas, ouve.

Mãezinha... Os caos, Pexe, estão cheios de grande Inteligência. Há de tudo, os mais diversos seres inteligentes... Eles são a Harmonia. Sabem tudo e podem tudo. Podem parecer humanos... estão aqui, ó, aqui, aqui estão... Na Terra, Pexe, ainda há onze civilizações que vivem em outras dimensões, para que o saibas. É uma beleza extraordinária, Pexe. Se ao menos as pudesses ver. Se ao menos as pudesses ver, tia.

Mas por agora, Pexe, a Inteligência está fora de nós, tia. Protege-nos para que não nos autodestruamos, narcisistas. A morte é a sua medida de proteção. Metamorfose... Nada mais, ouve. Há coisas muito mais terríveis do que a morte. Ainda não o sabes, porque por enquanto usamos apenas cinco centésimos daquilo que o nosso cérebro sabe e pode... Eu, através dele, vejo, tia. Sou como a Natureza... É isso, já te disse. E tu também o dirás...

Há palavras que nem sequer entendo, filho, mas digo-te aquilo que me dizem. É verdade, Pexe, que sou uma simples e ignorante, cega mortal, mas aquilo que te digo, mesmo não o compreendendo, ninguém mais to pode dizer. Ninguém. Ouve. Tudo o que me dizem, para que tu o saibas, dizem-mo ELES. E ELES sabem, Pexe. ELES são o Conhecimento e não estão mortos. São a Imortalidade. É isso, filho, ainda és jovem e verde, mas ELES enchem-te de conhecimento que nem sequer compreendes... É assim, uma Anunnaki — inúmeras espécies de vida e inteligência. Uma massa —

pães diferentes, Pexe. Foste escolhido, através de mim e da Inteligência, para o saber, filho. Alegra-te...

E calou-se. De repente, todo o seu corpo irradiou, como ferro em brasa, numa aura de nimbo desconhecida e, como se me fitasse fixamente, o Terceiro Olho olhava-me intensamente e parecia que o Universo murmurava e, através dela, falavam-me académicos extraterrestres, de fora do tempo:

— O tempo não existe e não há atração terrestre... A Terra está viva... E a água, e o fogo, e o vento, e tudo está vivo... Tudo se deve ao Grande Segredo da água e à Lei da Atração. Não há gravidade. Há Atração Universal...

Para que o saibas, Pexe, cada partícula do nosso corpo veio de alguma estrela. Fomos criados a partir de elementos estelares e somos o próprio Universo. Universo que tenta compreender-se a si mesmo: se somos aglomerado de poeira cósmica ou se somos a seiva da poeira... Somos únicos. Incomparáveis e insubstituíveis uns dos outros. Quando o nosso cérebro funcionar com toda a sua capacidade, compreender-se-á, ouve. Ouviste-me, tia? Ouviste.

Aquilo de que os cientistas falam agora, que outrora houve uma enorme explosão e tudo se desfez em partículas, não é verdade. A Criação não é explosão, Pexe. Não há nenhuma explosão e não haverá. A Harmonia é êxtase do germe, do tudo e do nada. Interligação da beleza...

Não tenhas medo, Pexe. Somos eternos e não estamos sós. Somos parte do todo-abrangente do Imenso das imensidades. E para que o saibas, Deus não é o Tudo. Eia!... O Tudo está muito, muito acima dele... Não tens ideia de quão acima...

Cada um de nós é um mistério, porque produzimos Realidade. Produzimos Realidade, Pexe. Para que o saibas, a matéria é um tipo de vazio, que se parece mais com um pensamento ou ideia. Por isso, as coisas não são feitas de matéria. Compõem-se de pensamentos, ideias e informação. Por isso o olho vê apenas aquilo que sabe. Nada mais. Não sabe. Ouve.

Pexe, todas as realidades existem ao mesmo tempo. A Verdade é a Unidade. Somos o mesmo e vivemos ao mesmo tempo em mundos diferentes, ouviste? Ouviste. Sim, ó tia. Tu e eu, eu e tu somos o mesmo, como se estivéssemos a revelar a diferença entre o sublime e o nobre em nós próprios. Observamo-nos...

Nós somos Deus, Pexe, e Deus contém em si todos os espíritos de todas as coisas. Numa palavra, tia, filho de mãe e pai, somos um Deus em desenvolvimento e temos de percorrer o nosso caminho... O nosso destino... A Karma dos nossos destinos... O Todo...

Aquilo que nos torna grandes não é o que fazemos com os corpos, mas o que fazemos com a mente. Vê-te pelos olhos daquele que serás no futuro. Vê-te pelos olhos do Observador Absoluto. Vê-te, ouve. Ouve. Mãe, como te vais rir quando te vires, para que o saibas.

Nós e tudo ao nosso redor não somos coisas separadas. Somos parte de Um Todo. Estamos ligados ao Todo. Não estamos sós. O conhecimento desta interligação dos universos é o nosso destino aqui. Estamos aqui para sermos Criadores. Fomos criados para encher o espaço com ideias e castelos do Pensamento da Sabedoria. A Consciência é a base de todo o Ser e um dia alcançaremos os Avatares do pensamento, os Budas e os Cristos...

A água criou-nos para a grande missão do Pensamento. ela é a maior energia da Harmonia. O poder da Força, ouve. Estamos aqui para sermos Criadores, filho. Sê Criador, Pexe. Essa é a tua missão.

Todos somos resultado do vivido. As profecias tentam destruir-nos... Por isso, tia, não te predigo nada, ouve. Se te dissesse o futuro, tirava-to. Não o mereces, Pexe, tia. Tu vens depois de mim, filho, tuuu...

E deitou-se, adormecendo. Como se nada tivesse sido.

Nadinha. Horror. Meu Deus. Agora é fácil dizer, mas na altura, tudo aquilo, ouvindo-o da boca de uma mulher supostamente ignorante, simples, analfabeta, cega, para os meus dezoito anos de caloiro de Matemática Superior com o académico Nikolai Obrechkov, era uma morte viva com chucrute. Se estava vivo ou morto, só Deus sabia. Congelara de frio e de um terror absoluto.

O ignorante é louco, louco, um medo enlouquecido, para que o saibas. E, como muitas vezes ela me dizia:

— Pexe, para que o saibas, filho, o medo tem cheiro, e o som tem cor. Ouve. Ouvem-me, ó. O medo cheira...

Era verdade. Cheirava... Fedia, a sei lá o quê. E tu também, também te escaparia. Ninguém aguenta. É assim.

Eeeh, que estejas viva, tia Vangélia, santa da visão. Não foi em vão que foste escolhida para viver entre nós, supostamente vivos e mortos.

Entre passado e futuro. Só agora percebo que eras mensageira da Profundidade. Da Profundidade e das suas profundezas, com caos e universos infinitos. Do tudo e do nada. Tudo o que me disseste e predisseste, há meio século, começa aqui e ali a esclarecer-se e já não ousam negá-lo. Ouve. Não ousam.

Tenho orgulho, tia Vangélia, por ter sido abençoado e iniciado por Ti e pelo Teu conhecimento. Orgulho por me teres contagiado com vida, para sempre.

Ouve, tia, descansa um pouco aí, de onde viemos os dois. Beija a Andrômeda por mim, e volta. Sem ti é deserto, para que o saibas. É uma morrinha sem ti, ouve. Ouviste-me, tia. E além disso, a minha mãe e o meu pai já lá não estão há muito, e não há com quem trocar duas palavras ao cruzamento. Volta, ó, por favor, por uma conversa, que me julgam louco. Ouve. Julgam-me louco e que invento tudo. E eu renunciei a tudo por causa daquilo que sei. Eeehh...

Lembras-te, tia Vangélia, quando Tu, a minha mãe Sofia e a tia Lentche, mãe do poeta Voimir Asenov, se juntavam em casa da costureira tia Efta, para discutirem os moldes, para que vos os cosesse. Eu e o Boicho, dois rapazinhos de doze-treze anos, escondíamo-nos entre vocês, para ouvir o que diziam as nossas mães. E sobretudo a Ti, tia, porque, quando falavas, muitas vezes espalhava azul-estrelado, como se não fosses deste mundo, tia. Brilhavas, tia, brilhavas. Maravilha das maravilhas.

Lembras-te quando, a brincar, chamavas à tia Lentche, mãe do Voicho:

— Leentcheee, ó Lentche, a tua filha desistiu dos estudos. Acabou de casar. Eee, não chores, não chores, Lentche. É para bem, ó Lentche. O teu genro vai ser professor de microbiologia. Ouve. Vai ser microbiólogo.

E a minha mãe Sófka perguntava-te e perguntava:

— O que é isso de microbiologia, ó Vange. O que é isso, Vange, microbiólogo.

E tu, tia Vangélia, suspiravas:

— Eeeh, nem eu sei, Sófka-Sofia, mas o homem vai ser microbiólogo de fama mundial, ouve. Ponto. Disse, ouve.

Ponto. Ponto, e não reticências. O homem, de facto, é académico de renome mundial em microbiologia. Cumpriu-se. Estudada ou não, tudo o que disseste se cumpriu.

Nestes dias, em casa, fiz chá de Alibotushki, com ervas várias e mel, e estávamos a conversar, a conversar com o académico Nikolai Kaufman e o poeta Eftim Eftimov. De repente, do nada, o académico Nikolai segredou-me ao ouvido, baixinho, baixinho, como se não fosse ele:

— Tu sabes que és centenário... Sabes que és centenário, não sabes, Petăr — e continua a beber o seu chazinho com uva passa, como se nada fosse.

Mãezinha. Num instante voei para o passado do século passado, como o meu pai Boris Bakov, o pintor Bakov, te pintava o quarto, tia Vangélia, e eu mexia as tintas e com um pulverizador pintava-te ramalhetes nas paredes, para te beijarem, tia. Tu abraçavas-me, abraçavas e, beijando-me, mordiscando-me a orelha, dizias-me, dizias-me, entre lágrimas e riso:

— Tu sabes que és centenário, Pexe... Sabes, tia. Para que o saibas, ouve. Ouve.

Meu Deus, Meu Deusinho... E agora, como então, desfalecia, desfalecia... Desfalecia, como se morresse. Sentias, tia Vangélia. Via como, para saúde e boa sorte, bebias um gole do meu chá e rias, rias... Alegravas-te porque a Força estava contigo, tia, porque há coisas muito mais terríveis do que a morte. Sei-o. Já o sei. Agora sei-o mesmo, tia Vangélia... Já sei que é muito arrogante pensarmo-nos os únicos seres inteligentes. O facto de não os vermos não significa que não existam. Aquilo que vemos não é toda a realidade. Sei-o... Apesar de não conhecer mais ninguém, como Tu, que vivesse entre vivos e mortos. Entre dimensões das infinitas civilizações, terrestres-não terrestres. Ninguém mais, Santa. Só Tu.

NIRVANA

Rápido, Pexe, mais rápido, ó. Senta-te a escrever o que me enviam. Despacha-te, por favor, que a qualquer momento desmaio... — e perdeu-se no Seu tempo-fora-do-tempo... E trovejou o subterrâneo dela:

— Em TODOS os planetas do nosso universo há vida inteligente. E em Marte, e em Saturno, e em todos, em todos. A água está em todo o lado. Desinformam-nos, o próprio Intelecto, porque estamos no nível mais baixo de desenvolvimento. Têm medo que os pisemos na nossa ignorância. Eles são muito subtis. Muito.

Nós, aqui na Terra, estamos no terceiro nível de desenvolvimento. No nível mais alto do nosso sistema solar estão os seres da chamada Planeta Negra. A planeta de Platão, filho. O décimo planeta, descoberto por Platão. O sábio Platão. O iniciado. Eles estão no sétimo nível de desenvolvimento. Sétimo nível. Não te digo onde chegaram os das outras universos. Estão no infinito. No infinito, para que o saibas. Ouve.

A partir do vigésimo sexto nível, dá-se direito a contacto direto com o Criador. Com a Força, Pexe. E a partir do trigésimo terceiro nível, já se pode, se quiseres, fundir-se com Ele. Tornar-se Ele. Ser Alma-Deus. Assim, o Criador, quanto mais envelhece, mais jovem fica, Pexe, tia. O mais jovem. Eternamente jovem. Eterno...

— Tu, em que nível estás, tia Vangélia — perguntei eu, assim ao acaso.

— Eu... Estou quase no vigésimo sexto nível. Reencarnei muitas vezes, ó Pexe. Mais do que o necessário, tia. Muitas, muitas mais, filhinho. Aos teus anos todos, tu também lá estarás, se aguentares. E tu és uma alma antiga, violeta escura, para que o saibas. Ouve. Ouve.

A Sabedoria brilha, mas não te cega, filhinho. E para que o saibas, reencarnamos pelo menos cento e cinquenta vidas obrigatoriamente. Depois, cada um o que desejar. Por vontade própria. A Harmonia não te impede. Não te força.

As almas jovens são laranja. As mais velhas — lilás. E as mais antigas — violeta. São violeta escuro, Pexe. Violeta escuro, filhinho.

Há almas brancas e negras. A negra nunca se torna branca. Nunca. Nem sequer desbota. O castigo é cruel e para sempre. De resto, todos temos dois mestres espirituais enquanto estamos na Terra. São invisíveis na nossa dimensão e não têm direito de interferir na nossa Karma. Não tocam no

destino. Apenas nos incentivam, muito delicadamente. Extremamente delicadamente. Mais nada lhes é permitido, Pexe. Mas obrigatoriamente protegem-nos da distorção total do nosso destino.

Não há inferno, não há paraíso. Há apenas aprendizagem nos diferentes níveis. Aprendizagem, nada mais. A morte é correção. Exame de recuperação... Que Deus nos livre de ficar entre níveis. Não há saída até à purificação total. Lá estão os diferentes senhores, assassinos, suicidas, bandidos e toda a maldade.

Se cumprires a missão na Terra, passas a um nível superior ou ficas no mesmo, se não te portaste como devias. Cada vez, antes de reencarnarmos, apagam-nos a memória. Tiram-nos a memória enquanto decorre o nosso destino seguinte da Karma comum. Nós próprios, por vontade, escolhemos os pais. Nós próprios, ainda antes de nascer. E nunca estamos no mesmo nível que eles. Nunca. Assim como nós com os nossos filhos... E assim até ao nível mais alto. Para que o saibas, vamos também a outros planetas e lá aprendemos a criar vida. Criamos. Seja uma ervinha ou um animalzinho, ou algo diferente do nosso conceito. O que vier. Ninguém nos ajuda. Somos obrigados, cada um tem de se aperfeiçoar sozinho. Começa-se do mais baixo até chegar à Alma. À Alma da Alma. Ouve. Até nos fundirmos com o Conhecimento. Com o Criador. Com a Força, Pexe. Ouve.

E, como se sentara, assim adormeceu. Cansaço enorme. Outro no lugar dela não aguentaria. A desgraçada, tia Vangélia. Tirou-me o juízo, para que o saibas. O Intelecto... E dizem que era simples, ignorante, néscia e sei lá mais o quê. E na realidade era académica das académicas. Membro correspondente do Intelecto Cósmico. Ouve. Do Intelecto, ó.

Quando te ataca com palavras e conceitos que nunca ouviste, viste ou sonhaste, como se costuma dizer, e te enlouquece. Ficas com um choque de inferioridade. Encolhes-te, porque aquilo que te comunica está fora de ti. Simples, hein? Não científica, hein? Pois, dissecaram-na quando morreu, para a estudarem...

Então, sendo tão sábios, o que viram? O que predisseram ou descobriram? O que compreenderam, senhoras e senhores.

Pois ela disse-me estas coisas Eia!... Há quarenta, se não cinquenta anos. Imaginas em que cosmos, em que caos ela já estava nessa altura. Eia!...

Têm muito que correr para a alcançar, mas não a alcançarão, não podem. Não-po-dem. Está muito, muito longe, não está.

EXPERIMENTO

De onde havia eu de saber que ela lia o meu pensamento. Que me lia o cérebro. Sabia-o de cor. Não sabia, e disse-lhe:

— Ouve agora, tia Vangélia. Amigos meus de Sofia querem que faça contigo um experimento. Numa palavra, que sejas o meu coelho de experiência. Ora vamos, se quiseres, jogamos os dois um circo. Tu serás a artista principal, eu o dono do circo. Só nós os dois e o programa...

Agora, deixa-me pôr-te na cabeça esta touca metálica e com um íman em forma de ferradura mover-me ao teu redor. Grande, enorme, poderoso íman em ferradura, tia. Rodá-lo à volta da tua cabeça. Para ver se tens alguma relação com as linhas de força magnéticas e como te afetam. Numa palavra, se se cruzam com algum outro campo. Se as tuas forças se cruzam com o meu campo magnético e se as linhas de força magnéticas se distorcem sob a tua influência. Ouve. Não é assim... E ela olhava-me e ria, ria e de repente disse-me:

— Hi-hi-hi-hi... Mãe, mãe, Pexe, se outro me dissesse uma coisa assim, amaldiçoava-o e expulsava-o para sempre de todo o lado. Ouve. Experimento, hein? Ora faz, se tens de aprender, filho. Ora vamos acabar com isso, para ver o que é o quê. Ha-ha-ha-ha. Pois, espero que termines os estudos aí. A tua Matemática é seis, ó tia. Ai, espero que termines, até mil novecentos e sessenta e dois, do século, ha-ha-ha.

E eu começo a preparar o aparelho. Uma touca metálica tecida, com uma ponta no topo e não sei, entre elas finos fios. Eu avanço, e ela:

— Não, não. Quero pôr eu própria a capucha. Soooi-nha. Hi-hi-hi-hi.

— Espera, tia Vangélia, deixa-me eu...

— Dá, dá, eu própria a ponho, ó. Ouve.

— Sim, mas tens de tirar o lenço. Tira o lenço, tia Vangélia, por favor.

— E com o lenço também pode.

— Eee, não é assim. Disseram-me para pôr a coisa diretamente no teu cabelo. Peço-te, tia, tira o lenço.

— Bem, está bem, ora vamos. Pronto, tirei o lenço. Ora.

E tirou o lenço. Tirou a mantilha, coitada. E fiquei pasmado. A aura dela. Meu Deus, flamejou. Mãezinha... Era linda. Uma jovem beldade, naqueles anos. Não consigo descrevê-lo exatamente. Uma beleza que fere. Uma beleza radiante.

Se não fosse o Krum Tsvetkov, na altura Presidente da União Científico-Técnica da Bulgária, juntamente com o professor Misho Gerasimov, que nessa época era professor em Moscovo, a pedir-me, nunca teria mexido um dedo. Nunca, jamais mancharia essa santidade com experimentos quaisquer. Mas eram pessoas científicas muito sérias. E pediam-me, não para eles, mas para ajudar aqueles paranoicos que "investigavam" fenómenos anormais, paranormais e sei lá que mais, coisas de avó.

Simplesmente, morriam de curiosidade para ver que fenómeno era a Vanga. Fenómeno. Percebes? Talvez até eles, de alguma forma, ao lado dela...

A tia Vangélia, a brincar, pôs a cestinha na cabeça e desatou a rir.

— Isto é como uma cestinha de arame para ovos, ó filho. Como para pintainhos, tia. Qui-qui-qui-qui...

A mulher ria-se e pronto. E a mim deram-me um íman em ferradura fantástico, curvado à frente como uma cabeça humana. Íman permanente, forte, para cortar as linhas de força magnéticas. Ora, tretas e mais tretas.

A coitada enfiou a cestinha científica, quase até às orelhas. Os olhos dela estremeceram ligeiramente e pareceu olhar para mim. E eu comecei a agitar o íman, como me tinham dito. Saltitava à volta dela e fiu, fiu, fiu... Olhava concentrado, para ver se sentia algo. Levara um caderno para anotar se balançava ou não, se gritava, se guinchava, o que quer que fosse...

E ela ria-se, ria-se a bom rir:

— Q-q-q-q-q... Ah, ó — diz-me — somos mesmo um circo. Circo, Pexe, circo. Ha-ha-ha.

E eu continuava a agitar o íman. Em ferradura ou não, os braços começaram a doer-me. Era grande, pesado. Íman militar...

De repente, ela calou-se. Pensei: o que aconteceu, espera, vou anotar já... Porque ela tinha um hábito, ou um tique, não sei, mas quando sentia algo mau, de repente, aaa-aaa-aaa, parecia desfalecer, desfalecia e caía. E de repente diz-me, diz-me:

— Ora vamos, ora vamos, ó filho, ora vamos... Basta de agitares essa maça. Tira essa clava. Baixa a mão, Pexe. Acalma-te. Aquele que te mandou experimentar comigo teve um enfarte. Enfarte maciço. Ora vamos, foi-se... Morreu, Pexe.

— Espera, tia Vangélia, não tires isso da cabeça agora. Não brinques comigo. Peço-te.

— Ora, Pexe, basta. Já te disse. Aquele para quem fazes o experimento morreu de enfarte do coração. A sessão acabou. Foi até aqui. Fim. Ei-lo sentado ao meu lado, como morto. Quer dizer algo...

— Não, tia Vangélia, estás a interromper o experimento de propósito. O meu trabalho científico.

E ela, muito calmamente, tirou a ferragem da cabeça e colou-a ao íman, como se o sugasse. Maravilha. Antes, parecia que não havia íman nenhum...

— Se não acreditas, liga para Sofia, para te certificares — ela tinha telefone. Tinha telefone, a mulher. Naquela altura as chamadas eram baratas. E liguei:

— Alô, alô, olá. Como estão. Posso falar com o professor.

— Acabaram de o levar para o hospital. Teve um enfarte súbito. Morreu.

Meu irmãozinho, e eu — enfarte... Bati com o telefone e comecei a gritar.

— És louca, tia Vangélia. És maluca, ó. Como podes dizer coisas assim... És um fantasma ou não és deste mundo — e sentei-me e desatei a chorar.

E ela, coitada, encolhida na cama, gemia, gemia. Quando tinha visões más, ficava mal. Sentia a morte e sabia quem ia com ela, eia. E dizia-o com delicadeza, no segundo exato. Trás... E pronto. Mulher terrível, digo-te.

Fizemos um circo daqueles com ela. Deixou-me experimentar, mas — o enfarte acabou com a sessão. Foi isso. Ponto final. Era o verão de mil novecentos e sessenta, mais ou menos...

Eia!, há quanto tempo ela conhecia os truques científicos daqueles charlatães. Mas, hahaha, hihihi, divertia-se com eles, de alguma forma. Não lhes guardava rancor por a chamarem de vigarista:

— É o que o cérebro deles dá, Pexe. Não sabem nada e, em vez de o admitirem, cospem-me, rosnam-me. É para eles.

O que hei de dizer. Estava muito, muito à frente. Anos-luz à frente deles. Ora, diz-me, como se chega a tal maravilha. Numa palavra, larga e profunda — longa e alta. Atinge-a, se conseguires... Estava muito, muito à frente do tempo. À frente... Adiante... Em todo o lado... Não há como. É isso.

TEIMOSIA

Numa altura, o Secretário do Partido em Petrich era o Metodi Krŭstev. Um homem excecionalmente bom e gentil. De resto, era professor de história no liceu. Mas, ordem é ordem, não há escapatória. O PC — sabes que era um polvo mais terrível do que o inferno.

Então, este exagero era fortemente pressionado pelos seus chefes de Sofia para arranjar visitas à Vanga para não sei quem. Não havia dia sem aparecer lá por alguém ou por algo. E nesse dia o mesmo, com as mesmas palavras:

— Vange, peço-te, és minha mãe, és meu pai, peço-te, atende estas pessoas.

— Ah, ó Metodi, eu atendo toda a gente, mas tu vai ao médico, porque estás muito, muito doente e vão-te operar. Despacha-te, para não ser de urgência.

Este grandalhão abriu uns olhos assim e diz:

— Ora, ó Vange. Estou saudável como um carvalho, ó. Não tenho nada, Vange.

— Carvalho ou não, vão-te cortar. Ora vai. E para que saibas, vão-te operar o professor Filipov do Pirogov, em Sofia. Ouve. Ele e mais ninguém. Ouve.

— Está bem, está bem — diz o Metodi e empurra os convidados de Sofia.

Cansei de "convidados", disse eu também. Já me envergonhava perante ela, porque as filas eram quilométricas. Realmente quilométricas, até que um dia me diz:

— Quando me trazes essa aí, viste quanta gente está lá fora.

— Quanta — digo — há dois ou três.

— Quanta, quanta... Conta-os outra vez. Vamos ver quantos são. Saí, como quem não quer a coisa, e digo-lhe:

— Bem, não são mais de uma dezena.

— Blago, deixa entrar toda a gente — grita, grita ela ao Blago, o gigante-guarda — abre a porta para entrarem todos. Vou atendê-los lá fora. Vamos ver, caramba, quantos são. Só depois de acabar, atendo a camarada do pulmãozinho, aqui. He-he-he... — Ri-se e empurra-me, empurra-me. Está bem-disposta. Dá-me uma lição prática.

Eee, só ao anoitecer, quando saiu a última pessoa, me diz:

— Eee, quantos eram, ó filho, da tia.

— Bem, uns duzentos ou trezentos — digo.

— Quanta, quanta, que não te ouvi bem, ó.

— Ora, quanta. Não eram menos de setecentos ou oitocentos, mais dois ou três.

— Viste agora que não sabes contar até cem. Não consegues contar, ó — e ri-se de mim, ri-se.

Mãezinha. Deu-me uma lição. Lição de tolerância. Lição para não a enganar, porque ela conhecia o Seu estado. Grande sofrimento passava por aquela mulher solitária, eia. Grande, grande sofrimento dos sofrimentos, sem dúvida.

— Ora agora, chama a tua conhecida, a amante alheia do teu amigo, para eu lhe dizer.

E entra a Sonia Vassileva, aquela beldade-artista extraordinária. E logo da porta, a tia Vangélia diz-lhe:

— Porque mentiste que te chamas Sonia, quando és Sofia Vassileva. Sófka. E porque te fazes de rapariguinha, quando és casada e o teu marido emigrou para a América. Agora veio a Skopje, talvez se encontrem na festa de Zlatarevo. Por isso estás aqui, não é. Queres que te diga o que ele te escreve, hein?

E começou. Fez dela trapos. Cortou-a toda, expôs-lhe as entranhas. Todas as camisas sujas vieram à tona. Todas...

— E este — grita, grita a tia Vangélia — que te espera lá fora no Peugeot, o judeu Jacques Shemptov, correspondente do jornal "Rabótnichesko Delo" em Paris, pensas que te vai levar, hein? Sonhas, sonhas, ouve. Sonhas, para que saibas. Daqui a muitos anos o teu marido volta para levar oficialmente a criança contigo. Ouve.

A Sonia tremia toda de pavor e, ao sair, mal balbuciava:

— Jacques, Jacques... Jacques, esta é o oitavo milagre do mundo. O oitavo milagre do mundo é esta mulher. Aman, pobrezinho, morro de medo, Jacques. Jacques... — e arrancaram para Sofia.

E o Metodi Krŭstev, de facto, mandaram-no operar em Sofia e veio dizer à tia Vangélia que, por teimosia, ia ser operado pelo dr. Stoichov da Academia Médica. Era amigo do médico, desde quando Stoichov trabalhava em Petrich, não era. E ela, muito calmamente, diz-lhe:

— A ti vai-te operar o professor Filipov do Pirogov. E tu, se quiseres, vai correr atrás do vento. És teimoso e valentão, vai para onde quiseres. És Secretário do Partido, tu decides. Agora pensam que estão acima de Deus, mas não... Não estão... Ouve.

Quando voltou do hospital de Sofia, o Metodi contou-me o seguinte:

— Fui ter com o dr. Stoichov e receberam-me logo. Puseram-me na cama do único quarto que era reserva absoluta. Quarto especial para doentes especiais. Deixei a mala e desci para dizer aos familiares que estava tudo bem e instalado. Volto e, pasmo. Na minha cama está outro homem. Outro, já operado. Todo ligado a sistemas e aparelhos, para transfusões de sangue e sei lá mais o quê. Pasmo, ó. Completo, como se diz, pasmo total, não é.

Desmaiei e operaram-me de urgência. Desabei no chão e não me lembro de nada. Acordei no dia seguinte, ou depois, não sei. Operado, tratado e tudo o que era preciso. Extra total, não é. Olho e, ao meu lado, na minha cama, está sentado um homem calmo, calmo, com olhos de uma bondade imensa... e sorri-me, sorri. Pensei que estava a sonhar, e ele fala-me:

— Olá, valente. Como estamos. Saltámos o obstáculo, hein. Sou o professor Filipov e operei-te de urgência. He-he-he... Valente. Valente — e foi-se embora.

Eeey, enlouqueci. Virei do avesso. A Vanga tinha razão. Aconteceu como ela disse, que esteja viva e de saúde. É mesmo Profeta, Pexe. É

mesmo. Digo-to eu, o Secretário do Partido da cidade de Petrich, ó. E para que saibas, o professor Filipov salvou-me a vida. Mais tarde, o dr. Stoichov disse-me que eu estava por um fio e ele não teria conseguido fazer uma operação como a do prof. Filipov. De resto, estava saudável como um carvalho, mas pronto. Aconteceu como ela disse. De agora em diante, mesmo que a Vanga me engane, acredito em tudo. É para acreditar. Acredita nela, que é verdade, para que saibas.

O que lhe hei de dizer agora, que a tia Vangélia, em coisas assim, nunca, mas nunca mente. ela nem sabe mentir, e também não precisa. Pois.

Ao Metodi Krŭstev deram-lhe uma pensãozinha miserável, que Deus o perdoe. Tinha-se metido em alguma e magoaram-no muito. A cada um o que lhe está destinado. A cada um o que lhe está escrito. Mais não há.

A SANTIDADE

O que aconteceu, o que não aconteceu, não sei, mas todo eu me cobri de dores púrpuras. Fiquei rígido de feridas. Transformei-me num tronco. Para cúmulo, a professora Yulinka Vassileva deu-me uns comprimidos e, quando vi, abri uma diabetes brutal, vinte e seis, com limite superior cinco e meio, e fiquei completamente perdido. De todo.

Andei por todo o lado... Consultei não sei quem... Nenhuma ajuda de nada nem de ninguém. Numa palavra, há morte lenta — salvação não há.

Para cúmulo, perdi a voz, nem se via. Emudeci. A minha canção parou. Enrouqueci, esganiçei-me de dor e horror.

E agora. Pensei: levei tanta gente à tia Vangélia, nunca lhe perguntei nada por mim. E decidi ir perguntar-lhe, e vermo-nos, não é. Se não for por outra coisa, pelo menos para me despedir. A minha mãe e o meu pai já eram falecidos, a quem mais havia de ir senão a ela. Decidi confessar-me a ela.

Mandei fazer muletas, isto e aquilo, porque já não conseguia andar e o meu filho Boris levou-me a Rupite. Mal cheguei e, de repente, o canalha do Dimitŭr Napoleonov, o insaciável de poder e subornos, mostrou os dentes, sibilando que para mim era proibido. Proibido, imaginas. Morria de inveja aquele vazio. Vazio, vazio, vazio. Só o cartão do partido e ganância. Mais nada. Pois, tinha-se tornado uma grande vigarice à volta dela. Sugavam-lhe a alma de todos os lados. Os comilões-piranhas tinham-na devorado. Roíam-na como térmitas até ao osso.

Fiquei mal, senti-me mal, e o meu filho Borischó diz-me:

— Manda embora esse lixo, ó pai. Não chegam ao teu mindinho, não te chegam aos calcanhares, e ainda se armam. Vamos para casa, para Sofia. De alguma forma havemos de nos arranjar. Não vês que de inveja e maldade os olhos quase lhe saltam, a este impostor nulidade. Cabeça de abóbora em vez de cabeça. Não sabe que se soprarmos desaparece... Zero à esquerda.

E nesse momento, como do inferno, ouve-se, ouve-se o grito furioso da tia Vangélia:

— Gado... Napoleão inventado... Tira-te do caminho do Pexe, que desapareces para sempre e de todo o lado. Ouve. Ouviste, ó indigno... Imbecil... Lixo não varrido. Fora... Fora. Fora, sanguessuga, que não se farta de sangue e carnificina. O Pexe é santidade, ó. É santidade...

E saiu de cabeça descoberta, como uma tempestade descontrolada, um tufão, não sei. O Napoleonov enfiou-se debaixo da terra para não ser amaldiçoado. E eu, clin-clin, arrastei-me com as muletas até ela. E ela, de lágrimas nos olhos, diz-me, diz-me:

— Onde estás, ó tamborzinho querido. Onde estás, ó cantor de canções da tua tia Vanga. Porque te armaste nessas muletas, Pexe. Tira-as. Tira-as. Já não precisas delas, Pexe. Já não precisas, filhinho. Entra tu também, Boris, filho do Pexe, Bakov. Eeeh...

— Como hei de tirar as muletas, tia Vangélia. Caio. Nem andar consigo, nem rastejar. Não vês que mal falo, tia — mal rouquejei e desatei a chorar. De dor ou de enternecimento, mas chorava. Chorava em lágrimas pesadas, de corrente. Lágrimas de sofrimento e de pena insuportável. Como se estivesse perante a minha mãe Sófka. Quem quiser que se ria, afoguei-me em lágrimas. Não me envergonho de o admitir.

E ela, de braços abertos como asas de águia para um abraço, aproximava-se, aproximava-se de mim e, como que a choramingar, choramingava:

— Ora, ó. Já não tens nada, beleza do mundo. Já não tens nada, Pexe, bondade das bondades... Ora, canta-me uma das tuas canções, criador. Canção da bondade. Grita para que o Espaço te ouça, teu e meu. Grita para acordar os deuses, os imortais RUPY, por favor, ó, por uma conversa. Grita para que te ouçam também os mortos, filho. Que te ouçam, filho — e entrou novamente num dos Seus transes.

— Rupy, Pexe, são os extraterrestres, os guardiões extragaláticos do tempo-fora-do-tempo e das nascentes da água, aqui e em todo o lado, para que saibas. Das nascentes, das águas subterrâneas e das lágrimas dos mortos, tia. Ouve. Grita e canta-lhes. Morrem por te ouvir. Canta, tia... Foram eles que criaram Orfeu, no meio da arcaia dos Ródopes. Rupy são também os pais do trovão Zeus, com todos os seus deuses e deusas no monte Olimpo. A água petrificada Olimpo. O peito e o poder deles. Lá não há vulcões, Pexe. Não há, tia, nem pode haver. Onde há Rupy, aí está o Bem, ouve. Ouve. E para que saibas, o sangue deles é branco. Transparente. Por isso o sangue de Zeus e de Neptuno, e dos deuses e deusas é branco. O sangue do Senhor é branco, ouve. E para que saibas, os Rupy protegem os sábios e os mortais simples, como Epicteto, que não queria ser como os outros, porque era diferente. Rupy são a mitologia viva pré-humana, da mitologia. Teleportaram-se aqui, como a energia eterna do Bem. Esta é a verdade sobre os Rupy e os RUPY. Sobre os olhos da água. Sobre as nascentes do silêncio...

Não sei o que aconteceu, o que não aconteceu, mas as minhas muletas voaram, como se algo as tivesse atirado para longe e, como se me desatasse uma voz, ai ai mãe. E, como se derramassem, derramassem canções, não há palavras. Canções do velho testamento, nem sonhadas, nem cantadas. Tufão. Tufão mítico-zéfiro da canção...

Cantava, cantava, dançava, dançava, o Težkoto, o Vdovishkoto horo, não sei. Só ela sabia. Eu estava, de alguma forma, em gravidade zero:

— O que se passa, tia Vangélia. O que está a acontecer, misericórdia do mundo. Tudo desapareceu. Apetece-me voar, voar, tia Vangélia — e assim acariciava, acariciava a sua aura branca, o seu nimbo dourado, e beijava, beijava a alma da Sua alminha. Se não viveste, não sabes nem podes compreender... Não...

— Nada, Pexe. Nada se passa, tia. — E chora, chora — A ti, meu cantor querido, as magias não te apanham, tia... Desfazem-se. Os malfeitores não o sabem e não o saberão. Eia!, quanta vida ainda te espera, se soubesses, daqui para a frente... Agora é que vamos viver.

Ora, Pexe, canta, que os espíritos querem ouvir-te. Canta para me ouvirem, tia...

E cantei, e não parei. Por ela revivi e por ela cantei. Por ela e pelos RUPY. Os RUPY, a alma de Orfeu e de Zeus. Compreendia que eu, como

o antigo Epicteto, era de alguma forma diferente de tudo. Alegrava-me por ser diferente. Por ser eu mesmo.

Para vós minto, para mim é verdade: ela devolveu-me a alma. Para alegria ou para sofrimento, mas devolveu-me a alma, para vos dizer quão santa era. Santidade, como os próprios Rupy... E ela dizia-me, como se me cantasse:

— Mãezinha, como são belos estes Rupy extragaláticos. Como são belos, estes Rupy extraterrestres. São como galáxias. Galáxias-Rupy. Ora, isso, Pexe, é a imortalidade, filho, pela qual morremos, ouve. Ouviste.

No dia seguinte, de manhã, viera o Ivan Tatarchev, na altura Procurador-Geral da Bulgária, porque eram velhos amigos, de há muito. Estávamos reunidos, o meu filho Boris, o Tatarbei, o Mitko Vŭlchev e eu, a conversar com a tia Vangélia. E de repente, sem qualquer ligação, como do nada ou do algo, diz-me:

— Ouve, ouve, Pexe, para ouvires o que me dizem as vozes. O que me dizem os santos RUPY. Estás a ouvir... Que faças um copo, vermelho por fora, branco por dentro e que todos bebamos da tua espiritualidade.

Meu Deus, o que é isso, ó tia... Ei-los, ei-los... Rupy, Rupy, está cheio de Rupy, ó. Cheio também dos seus robôs sobrenaturais, como bolas de futebol... Mãezinha, como brilham, Peeexe... Brilham como âmbar. Luz âmbar, tia. Essas esferas, tia, robôs sobrenaturais dos RUPY, construíram os círculos de pedra, de há mais de quatro mil e quinhentos anos. Ora vamos, olha, olha. Eles pintam os círculos e figuras de todo o tipo, nos trigos, no milho, nas ervilhas e nos prados da terra. Mãezinha, se visses como são estas esferazinhas, tia. Desenham algo e dissolvem-se nele. Assim, esta Inteligência gigantesca, de todos os RUPY, decidiu conversar connosco. E começa... Sim, começa com formas. Dizem-nos como funciona o sistema dos universos. Que estamos em processo de rearranjo das dimensões. Há uma nova ordenação dos universos. A Profundidade está a mudar. As figuras são a linguagem da conversa que deve realizar-se... Conversa com imagens...

São parte do folclore dos universos, Pexe. Bordam a sua imagem, imitando-nos, sobre os trigos, Eia!, para não nos assustarem, filho. Sob cada figura, há sempre água subterrânea... É um grande ensino espiritual, acima da matéria... Crescemos no conhecimento, filhinho. Puxam-nos para cima... Temos de ver os símbolos como um todo, ouve. Ouviste.

É a espiral perfeita, giratória do ADN dos universos... Ora vamos, começaram outra vez a chamar. Mãe, que RUPY... Gritam, gritam... Ordenam, ordenam. Os Rupy do tempo-fora-do-tempo ditam-me, Pexe. Ouve. Estás a ouvir... Virá o tempo em que todos quererão beber da tua espiritualidade, da tua e da deles espiritualidade, Pexe. Todos beberão do teu graal. O graal da tua alma, Pexe-Pexinho. Da tua espiritualidade, tia. Da espiritualidade, ouve. Ouviste. Ouve-os. Chamam-nos para junto deles. A sério, puxam-nos para cima.

E desfalecia, desfalecia, assim na sua caminha. Ninguém ousava dizer palavra. Até o silêncio morria, desfalecido de ternura e enternecimento.

De repente, o Mitko Vŭlchev, o mais próximo de todos nós, como se costuma dizer, era ele que a descalçava, era ele que a calçava... Tudo ele. Cobrindo-a, muito, muito baixinho, como para si mesmo, disse emocionado:

— Ouviste-a. Ouviste-la. Há tantos anos que estou sempre com ela, pela primeira vez ouço uma coisa assim. A ninguém, a ninguém falou assim. Isto é benevolência divina. Benevolência divina... Para mim, Pexe, através dela, falaste Tu, Senhor. E disse-no-lo, para nossa edificação, porque muitas vezes nos ríamos de ti...

— Porque será, nem nós sabemos — o pobre Mitko até se emocionou. Veio-lhe de dentro também a ele. Ama-me também ele, sei-o.

O Tatarchev, reverente, emudecera de espanto e admiração. Éramos e somos grandes amigos, sem dúvida. Agradava-lhe, ao homem. Via-se. Via-se pela expressão dele.

Fiz o possível e o impossível, fiz esse copo. Um mestre cuteleiro sugeriu-me como e fe-lo. Com paixão, de toda a alma. Para a Vanga, sem cobrar. Por fora, martelado vermelho, vermelho, martelo a martelo, cobre — por dentro prata. Prata, como para uma sem-prata. Um copo, vermelho por fora e branco por dentro. Ainda bem que o mestre me disse. Não me lembraria... Mas lembrei-me, não foi.

Fiz-lhe também outro copo. Prata puríssima, de moedas antigas refundidas, dos tempos mais remotos e engastei-o com jaspes, pedras preciosas, incrustadas para memória. Copo faraónico, com jaspes faraónicos. O mestre-artista pintou-nos em filigrana no copo: Eu, de joelhos perante a tia Vangélia, com a cabeça no regaço dela, a beijar a bondade das mãos e da alma dela, e ela, numa carícia materna, sobre mim... Por baixo, no interior do copo, inscrevi: «Quem o roubar, que isto seja todo

o seu haver, por todos os séculos.» Que isto seja todo o seu haver, por todas as suas reencarnações...

ela aprendera o Braille, apalpava, apalpava os copos e lia, lia o que lhe escrevera e ria, ria, de enternecimento e amor. Alegrava-se mais com o pequeno copo de cobre e só me sussurrava, sussurrava:

— Meu Deus, que copo lindo me fizeste, Pexe. É mesmo à medida da minha mão, ó filho. É como a minha mão. A mão, Pexe, é tudo para o homem. ela guia, para que saibas, e os pés, Pexe, especialmente as plantas, são os maiores sofredores. Eles separam-nos do inferno ou do paraíso da Magma, tia. Ouve. Ouve... Mãezinha, que copo lindo me fizeste, é mesmo à medida da minha mão, tia.

— Não eu, tia Vangélia. O mestre. O mestre o fez.

— Tu, tu. Foste tu que mo fizeste, Pexe. Tu, querido. Ora agora, deita nele um golinho com menta, para nos embriagarmos pela saúde e vida de Deus — e ri, ri...

O que hei de fazer. Está alegre. É como uma criança. Criança da Eternidade.

Eee, bebíamos juntos, de vez em quando, aqui e ali, sem dúvida.

A verdade é a verdade, para que saibas. De resto, espantava-me como se alimentava aquela mulher, com a ganância sempre faminta e insaciável à volta dela. Especialmente a avareza. Mãezinha...

E ela, como um passarinho do paraíso, pousava as mãozinhas, mal tocava no prato e, quando lhe dizia «Ora come», só gemia:

— Como, como, não vês que como. Não vês. Como. Comi tudo.

Ora, beija o pão, o nosso pão-nosso de cada dia e cala-te, para não nos verem...

Tinha a sensação de que, de alguma forma, extraía a energia das comidas, sem engolir o lastro. Beliscava, beliscava, como passarinho do paraíso e basta... O prato ficava cheio, e ela saciada, saciada.

Não tinha tempo para comer, coitada, com aquela vidência maldita. Sempre a atender alguém e a predizer. Nem dormia. O Seu terceiro olho não piscava. Profetizava dia e noite. Curava todo o sofrimento que havia no mundo. Sofrimento, sofrimento e mais sofrimento. Os RUPY não a abandonaram. Não. Ouve.

Quanto aos copos que lhe ofereci, não sei onde foram parar e não me interessava. Eram para ela e certamente viu onde estão, com quem estão. Porque ela não morreu. Não está morta. É eterna. A alma dela vê, vê...

À saúde, tia Vangélia, e ex. Ora, deita mais um golinho e, quem, de onde... Isto já é verdadeiro prazer, não é, tia. Não é, tia Vangélia.

PRISIONEIRO

O inimigo não deve ser deixado em paz, nunca. Por isso, de tempos a tempos, mas mais frequentemente, os importantes camaradas-partidários mandavam-me preventivamente para a Prisão Central, para me investigarem. Para quê, nem eles sabiam, mas interrogavam-me como inimigo número um. Inimigo, inimigo. E relatavam atividade. Recebiam salários. Quantos parasitas se alimentavam de mim, só Deus sabe.

Mas desta vez exageraram. Exatamente um dia antes do aniversário do meu filho Boris, a dezasseis de dezembro de mil novecentos e oitenta e seis, prenderam-me publicamente e direto para a Prisão Central. Para me humilharem completamente, na carrinha da polícia levaram também a minha mulher Maria. Coitada, não sabia em que mundo estava. E ela também para a Prisão Central. A mim deixaram-me no pátio, a ela devolveram-na logo na carrinha, sem sair. Fizeram o nono círculo do inferno, para a esmagarem psicologicamente. E conseguiram. Até hoje, em sonhos, estremece, a querida. Facínoras. Bebedores de sangue.

Meteram-me na cela número quarenta e oito, no segundo andar do departamento de investigação, mesmo em frente das sanitas da prisão. Fedor absoluto.

Em três meses derreteram-me. Tudo era permitido aos guardas. Tudo. Quando me tiraram da solitária, cela para condenados à morte, as roupas pendiam-me como num cabide. Esqueleto com impermeável. Mais exatamente, saco de ossos... Mas isso é outra conversa, para outro lugar, porque eu era o «suposto agente» de sei lá que serviços de informações. Agente, ha-ha-ha...

Libertaram-me a dezanove de março de mil novecentos e oitenta e sete do século passado. Três meses inteiros no alcatrão do comunismo. Cortaram-me as asas e a alma.

A onze de abril estava com a tia Vangélia. Mandara-me chamar, para a ver em Rupite. Só ela e eu. Não tinha medo dos poderosos. De resto, tudo

o que era vivo fugia de mim, como de um leproso. Prisioneiro político. Horror. Escolhiam eles próprios os inimigos. Inventavam-nos. Mais não sabiam nem podiam fazer... Nunca esquecerei esse dia. Esse dia de abril tão solar. Raro é um sol assim.

A Rupite levou-me o Ilya Chavdarov da aldeia de Marikostinovo. Tinha um Zaporozhets. Uma casco germano-russo, sem banco da frente e cheio de enxadas e foices agrícolas. Pobre, apesar de ser chefe do Controlo Estatal e Partidário, trabalhava como um boi no campo. Pobre, pobre e honesto até ao desmaio. Era amigo meu e da tia Vangélia.

Em Rupite, cheio de polícias. Esperam-me. Espreitam, com quem, o quê, como e porquê... Ainda bem, mas a tia Vangélia dispersou-os como pintos. Despenou-os.

E escondemo-nos só os dois. Sozinhos: ela e eu. Sabia que com toda a certeza lhe tinham posto escutas, milhões de pulgas e besouros. Escutavam-na, mas ela dava-lhes para a alma. Quando e como queria, desligava-os. Não sei como, mas apagava-lhes as gravações, e nos auscultadores deles — só a música do intercomunicador dela. Especialmente quando mais jovem, enlouquecia-os. Nada, nadinha saía nas gravações deles.

— Meu Deus, Meu Deus, derreteram-te completamente, estes valentões, ó filho. Bateram-te muito, estes carrascos, ó filhinho da tia. Ficaste como uma palhinha, ó — sabia tudo, mas fazia-se de desentendida, e dizia-me, dizia-me:

— O que é isso que tens na mão, Pexe. Uma multa ou quê. Também a ti o caixa te levou o dinheiro, hein?

— Não, tia Vangélia. Isto é uma citação para o Tribunal. Vão começar um processo judicial contra mim e não vai parar. A todo o custo, tenho de ser condenado. Sabes, realismo socialista.

— Sei, sei. Dá-me para ver essa citação. Dá-me para apalpar.

Pegou nela e num segundo rasgou-a em pedacinhos, pedacinhos e atirou-a para debaixo dos pés. Pisou-a. Esmagou-a.

— Assim vai acabar o teu processo, para que saibas. São impotentes perante ti, filho, estes porcos. Sei quem te causou este sofrimento. Vai morrer sem memória, para que saibas. Não te preocupes. A deles acabou, Pexe. Acabou, mas virão os filhos e os netos deles. Mais jovens, muito ricos e oxalá mais sábios. Vai ser, he-he-he... Vão ser democratas. Qui-qui-qui... No máximo dois anos e vão rolar-te aos pés. Vão contorcer-se,

contorcendo-se aos teus pés, Pexe. Tudo cai. E o Muro de Berlim, e a União Soviética, e o COMECON, e o MIG. Tudo. Desmoronam-se. Vão-se embora.

Golpe sem sangue, Pexe. Na Bulgária, não cairá uma gota de sangue. Não haverá sangue, para que saibas. Porque eles levantam-se para que se sentem os deles. Assim, sabes: levanta-te, que me sento. Os filhos e netos deles vão sentar-se, tia. Os deles.

Tu não te ocupes deles. Nunca, nem uns nem outros. Ouve. Todos vão querer estar contigo, porque estão abaixo de ti. Estás noutro nível completamente diferente, Pexe.

E o czar vai voltar. O Simeãozinho vai voltar num cavalo branco. Vai ascender. Vai cair e muito depois disso as coisas vão andar. Não tenhas medo deles. Desaparecem, ouve. Ouviste.

Entramos na NATO.

Regressamos à Europa. Nós nunca saímos da Europa, mas ora...

E assim, palavra a palavra. Dia a dia. Ano a ano. Anos à frente, para séculos vindouros, tudo me disse, tudo me descreveu. Cinco horas inteiras de profecias. Predições... As polícias lá fora rebentaram. Ora, que rebentem. E ela lia, lia de qualquer lado, de algo, não sei. Só me gritava, gritava:

— Estás a ouvir-me, ó. Estás a ouvir-me, hein. No máximo dois anos, tudo começa, uma a uma a realizar-se. Ouve. Ouviste-me. Porque, na altura, o czar Boris não me ouviu e envenenaram-no. Disse-lhe que não devia ir ter com Hitler, porque lá, os seus ilustres parentes de Itália, pela linha da czarina Ioanna, iam envenená-lo, mas quem me ouviu. Assim se foi, incompreendido. Cuidava-se de Hitler — envenenaram-no os italianos. Ouve. A Karma, Pexe, não se muda. Não... Não. E mesmo que os avises, é assim. Mas sou obrigada a dizê-lo, tia. Ouve. Sou obrigada aos santos...

Mas tu tens outra missão. A tua missão. Muito maior e mais pura que a deles. Espiritual. Vais escrever. Vais criar. Escreve, ouve. Escreve tudo, depois esconde-o em qualquer lado e nem tu saibas onde está. Ouve. A tua neta vai encontrá-lo. Vais ter uma neta, ó. Do teu filho Boris vais ter uma neta, Pexe. Eia!, vais oferecer uma rodada, ora.

Eu vou morrer, Pexe, mas tu não pares. Vais regressar na velhice à casa do teu pai, a casa da tua mãe. Voa, filho. Voa até te tornares invisível. Até te fundires com a Profundidade, tia. Não tenhas medo deles. Tu vais

saber o que eles são, mas eles não te poderão ver. Para eles serás invisível. Só veem o teu corpo, mais nada. O resto não podem. Não podem, ouve. Ouve.

O guarda entrou para ver o que se passava e porque demorávamos tanto e pregou-se à porta. Petreficou-se de horror. Quase morreu. Porque, exatamente nesse momento, a tia Vangélia metera as mãos no meu ventre e, num êxtase, operava-me algo, operava. Não havia dor, sentia uma alegria qualquer. Assim: abrira-me o ventre com as duas mãos, tirara as entranhas para fora e remexia, remexia lá dentro, lá no mais fundo. No mais fundo. No mais secreto segredo. Até no EU.

Olhava-a e não acreditava, mas era verdade. Operava-me. Purificava-me. Via-a mesmo a fazê-lo. Só gemi:

— O que estás a fazer, tia Vangélia. Que sangue é esse em ti. É meu que corre.

— Aaa, nada, nada, Pexe. Já acabo. Não te metas nos assuntos de Deus. Ouve. Só não tenhas medo. Não lhe tenhas medo, tia. Ora vamos, pronto. Pronto. Estás como novo, Pexe. Reprogramado, filho. Sê orgulhoso e alegre, Águia, Falcão meu. Ouve.

Leveza extraordinária. Como se me tivesse elevado, elevado a um paraíso qualquer e não estava na terra. Sentia-me bem-aventurado... Xamã xamanizado. Direto maravilha das maravilhas. É isso.

— Tu, porque estás a boquiabrir, ó idiota, seu porco imundo — gritou ao guarda — Fora, fora e que não te veja outra vez assim a irromper, sem eu te chamar aqui, porque ficarás cego. Vou-te expulsar de todo o lado, ó avarento podre. Denunciante com denunciante imundo. Se falares, paraliso-te, esterco. Fora — e expulsou-o. E o homem desabou lá fora como um trapo.

Pensava sempre que estava a sonhar, que não era verdade. Mas era verdade. Sangrava. Formou-se uma cicatriz qualquer, num instante e num segundo desapareceu. Mãezinha... E ela limpou as mãos no avental e como se nada fosse, disse para deixarem entrar o agente de Sofia. Ora, o milagre é milagre, para que saibas.

— Chama esse descaramento, para eu lhe dizer como se escutam conversas alheias, Vangenhas. Destinos alheios. Agora vai ver onde está o diabo, tia. Mas ele também não tem culpa. Outros o forçam. Outros... Ora agora, Pexe. Já podes andar. Vai-te embora são e salvo. E vem na festa

cantar-me e bebermos um golinho com menta, ouve. Ouviste-me, ó águia maluca. Ha-ha-ha... — ri, ri, até gaguejar...

A polícia entrou — eu voei. E esperei, não por outra coisa, mas o Ilya Chavdarov pediu-me para vermos o espetáculo deste fanfarrão. Fanfarrão com um raminho de violetas murchas, não era.

Passados uns vinte minutos, a polícia voou. Corre, corre, direito a mim e tremendo grita, grita, esganiçando-se:

— Vede, vede o que me aconteceu. O que me disse. Mãezinha, Medo. Morro de medo. Ouvi, ouvi — e tira do bolso um gravadorzinho miniatura. Gravação secreta. De serviço.

E ligou-o e desmaiou…. Foi-se. E da maquineta dele, triste, triste ouvia-se, ouvia-se:

Mar, falcão bebe,

Água no Vardar...

Mais nada. Nada. Vinte minutos inteiros.

Eu e o Ilya Chavdarov rimo-nos até nos partir e arrancámos com o porta-aviões dele, em silêncio total. Nem ele me pergunta, nem eu lhe digo.

O segredo é sagrado. Segredo. Ouve.

O que me disse a tia Vangélia, o que não me disse, por muito tempo à frente, é assunto meu e nunca, a ninguém o direi enquanto for vivo. Negação total. Negação. Silêncio e mais silêncio. Dei-lhe a minha palavra. Palavra-lei.

Se a minha neta, Maria-Eliza, encontrar o que lhe escrevi, bem. Se não, saúde. O escrito é escrito. Um dia qualquer será lido. Encontrá-lo-ão.

De resto a deles, de facto, acaba. E que esperem, é isso. Lelei, lelei, o que os espera...

Muitas vezes perguntei-me se o cérebro dela era dela ou de algum outro. De algum extraterrestre do nosso tempo-fora-do-tempo. Eeh, tia, tia, senhora da Eternidade.

PAI QUERIDO

Os erros da juventude, paga-os a velhice. Das nossas loucuras, o meu filho Boris começou a gaguejar. Algo o assustou, ou o assustei eu, mas o meu rapaz começou a gaguejar para toda a vida. Levei-o a todo o lado. Paguei a não sei quem, sem remédio.

Um dia levei-o comigo e direto à tia Vangélia, e ela:

— Esta criança tem um susto, Pexe e remédio não há. Mas, por via das dúvidas, leva-o a Samokov à avó Venda. ela sopra em brasas e rola bolinhas de pão sobre a brasa, para sustos. Que Deus o ajude. Oxalá, tia. Tudo tens de tentar, filhinho.

E diz-lhe ao teu amigo Guenadi Pankin, genro de Boris Veltchev, que é o primeiro vice de Todor Jivkov e membro do Politburo, que no regresso conduza devagar o seu Mercedes, porque o volante vai cair... Vai soltar-se a direção, tia, e o carro fica ingovernável. Não vai conseguir virar, ouve. Que conduza muito devagar, senão voltam a assustar o Borischó, o teu lindo menino de Deus. Ouve. Lembraste-te? Vai haver muita neve, com forte nevada, e tenham cuidado. Tenham cuidado. Ouve.

Ouvi, mas como se não tivesse ouvido. Espantava-me como se lembrara e sabia do Guenadi Pankin. Fiquei pasmado. Nunca falara dele perante ela. Ele era, de facto, genro de Boris Veltchev, mas éramos amigos inseparáveis. Tinha um Mercedes amarelo pessoal, como eu lhe chamava «caganita de pato», e andávamos dia e noite para todo o lado. Naquela época, ter um Mercedes privado e ainda por cima sob a capa do Politburo do Comité Central do PCB, não sei se compreendes o que isso significava. Espaldeira de todos os lados. Espaldeira de quepes da milícia a saudar. Gozo, gozo, gozo em barda, para que saibas.

Os semáforos só funcionavam verde para nós, ouve. E, de facto, viajávamos com o Guenadi. Luxo supremo, no meio de uma beleza branca de neve. Conto de fadas. O Borischó, no banco de trás, cantava, cantava. Radiava.

Encontrámos essa avó Venda. Era a sogra-avó do Vasko, diretor da Vinprom Samokov. Um pescoço forte e que não se embebedava, e meu amigo pessoal. Vinho e bifes de todo o lado. Poder, irmãozinho.

Subiu o Vasko e levou-nos à sogra, na vila dele. Ele preparou a mesa para nós, e a avó Venda levou o Borischó consigo para o anexo com a lareira. O que fez, o que arranjou essa Venda, não sei. Soprou, preparou

algo, fez-lhe magia, não sei, mas o Borischó parou de gaguejar. Parou. Limpou-se. Milagre. E, quando se desatou, este meu menino dourado falava como metralhadora. Papá-papá-papá. Assim-assim-assim-assim. Ri-se e não consegue parar de falar. Eu e o Guenadi enlouquecemos de alegria. Não é para acreditar, mas era verdade. O Borischó falava sem gaguejar.

— Voa — digo-lhe — filho, para a tua mãe te ver. Voa, filho. Voa, minha águia.

E, esquecidos da recomendação da tia Vangélia, voámos com toda a potência do Mercedes para Sofia. Velocidade louca no meio de uma nevasca. A neve caía em flocos enormes, e nós voávamos como num trenó de Natal. Loucos mais do que loucos, malucos. Em qualquer lado, perto do Ninho de Cegonha, o Borischó gritou:

— Pa-pá, tenho medo...

Um raio atingiu-me, destruiu-me. E ouvia, ouvia a tia Vangélia dizer-me: «Conduzam devagar, porque o parafuso do volante vai soltar-se. Para não matarem a criança, tia.»

Berrei e paramos. Fizemos um grande boneco de neve. Ora isto, ora aquilo. A criança ri, ri, mas gagueja. Gagueja... Idiotas presunçosos. Esquecer a recomendação da tia Vangélia. Toda a vida, até hoje, não me perdoo.

— Guenadi — berrei como fera — daqui para a frente vais rastejar com o carro, ouve. Ouviste. Vais gatinhar. Não vais conduzir, vais arrastar-te, para chegarmos vivos e de saúde, pela vida do meu filho.

Não sei, devo ter rosnado, porque o Mercedes mal descolou e começou a rastejar como lagarta. Tarde, tarde. Tardeo... Curar o filho e estragar a magia. Meu Deus-Senhor, perdoa-me. Chegámos a casa em Sofia e o Guenadi para. Eu e o Borischó saímos e vejo o Guenadi em pânico total a rodar o volante, que balança como louco e o carro não vira. Acabou-se. Soltou-se. O Guenadi saltou do carro, rolou e fugiu em terror supersticioso. Anda em círculos como decapitado e não consegue parar.

Mais tarde fui ter com a Santa e, soluçando, choramingava, choramingava:

— O que se passa, tia Vangélia. Porque é sempre a mim que acontecem as desgraças. Cansei de maldições.

— O que aconteceu — diz-me a tia Vangélia — o que aconteceu. Escolheram a vida viva, acima de tudo. E a gaguez é preocupação. Preocupação — grande alegria, filho. O Borischó vai crescer valente e meio. Vai ter uma noiva linda, que lhe dará uma menina. Vais ter uma neta, ó, tia. Vais ter neta. Vai levar o nome das duas avós. Vai chamar-se Maria-Eliza, ouve.

Olha, a tua filha Luíza vai para a América. Não vais poder ir ao casamento dela, mas Deus estará com ela. Os filhos e a neta Deus não os abandonará, estará com eles, para que saibas...

Ouve, quando eu morrer, vem ao meu túmulo. Vem e canta-me baixinho. Baixinho, baixinho, só eu te ouvir, ouve. Ouviste, Pexe.

— Ouvi, ouvi, tia Vangélia.

Ey, disse-me isto quando o Borischó e a Luizinha eram criancinhas. Pequenos. Tudo se cumpriu. Uma a uma, palavra por palavra, tudo. Palavra por palavra, linha por linha...

Vou muitas vezes ao túmulo dela. Acendo uma velinha e canto-lhe baixinho, canto. Sim, canto-lhe como se estivesse viva. Já envelheci, mas o que posso, canto-lhe ainda.

É isso. Sei que me ouve. Sei, porque ela também me canta...

Coisas assim mudam a alma irrevogavelmente. Mudei-me eu também. Simplesmente, comecei a saber o que quisesse no instante.

PORTAS

Duas canções lhe escrevi. Uma em vida, outra no momento em que morreu. E as duas lhas cantei pessoalmente. Em vivo e em morto. Cantei-lhas, para que se alegrasse também no além dela.

Há anos, estava muito doente, de cama, e fui cantar-lhe «Cassandra és tu, santa Vange, Síbila és ou Nostradamus». Estavam a fazer um filme sobre as minhas canções e a minha poesia a Yuleto Kyuchukova, ainda Karadjova, com o marido Sasho Karadjov, e digo-lhe:

— Ora, tia Vangélia, levanta-te para te cantar a canção que escrevi para ti, santidade querida.

— Eeeh, ó filho. Eeeh ó meu tamborzinho. Por ti, mesmo morta, levanto-me. Volto. Volto para te ouvir para despedida... Senta-te no meu

banco, que está diante da cerca junto ao alecrim. Eu venho. Sento-me ao teu lado. Para nos filmarem a cantar os dois, para que saibam...

Saí para o banco lá fora e, como em transe, vejo-a vir, vir. Caminha completamente sozinha. Ninguém. Caminha, e as flores abrem-lhe caminho, como se voasse de alguma forma. E desfaleci...

Abraçada à coluna do portão exterior, com suspiro intenso, falava, falava:

— Eeeh, porta, porta... Há quanto tempo não nos víamos, ó. Há quanto tempo não nos víamos, minha porta. Ora, é hora de te abrires, para eu passar já... Para fugir, minha porta querida... quero ir-me embora. —

Chorava. Acariciava o espaço e chorava... Vivo estava, para ver as suas lágrimas. As lágrimas da toda-bondade dela. Comovido com essa comovedora cena... Agachou-se de alguma forma, sentou-se ao meu lado e sussurrava-me, sussurrava, desfalecida-radiante:

— Canta, Pexe, canta. Canta como para despedida, filhinho. Para adeus, por favor, ó, por uma conversa — e gritou ao Sasho Karadjov — e tu filma-nos só a nós os dois, como só tu sabes, Alexandre... Eeeh, ó, Macedónio...

Vou-me embora, filho. Num mês ou dois vou-me irrevogavelmente. Não digas a ninguém — e beijava-me, beijava a orelhinha assim. Beijou-me para adeus. Para adeus, eia.

Meu Deus, que pena me invadiu, transformando-me em canção. Cantei como para morta. Cantei a canção da morte. A minha canção. Despedi-me dela. Despedi-me com toda a minha pena penosa. Despedi-me da bondade da humildade dela... Para sempre me despedi, sem ninguém saber, e ela sussurrava-me, sussurrava:

— Ouve, Pexe, para que saibas que atrás da porta está a luz. Atrás dos portais da profundidade — e de repente abanou-me. Um raio caiu, abanou-me — Não faças igreja sobre Lyubovishte, como pensaste. Vais fazê-la no telhado da tua própria casa. Na casa do teu pai, lar da tua mãe. Paga o que te pedirem os teus primos e constrói. Ninguém perguntes. Ergue-te bem alto... Senão, vem aqui a Panteleto. A Panteleto, em frente da minha igreja, para estarmos juntos...

— O que me dizes, tia Vangélia. Vão matar-se pelo maldito herança, e tu dizes-me que vou fazer uma igreja.

— O que te digo, ouve. Aquilo que te digo agora, acontecerá depois, ouve. Ouve. A igreja, Pexe, que vais construir, é a coisa mais bonita numa vida. A mais bonita. ela é a Divindade... Mas é só o início para ti... Sei que vais construir igreja, só te digo onde é melhor fazê-la, anjinho querido. E vais pintá-la tu mesmo, ouve. Tu mesmo. Ouve.

— Que igreja, tia Vangélia. Que pintura. Que delírios, para me espantar. Eu nem uma rodinha consigo desenhar, e Tu falas-me de pintura. De pintar frescos...

— Vais ver. Vais ver... E quanto mais te ridicularizarem, mais alto te erguerás acima deles. Acima de todos. Até Deus... Porque no baixo, as águias não voam, meu cantor querido, meu. No baixo não há águias... E não te apresses a envelhecer. Não corras com a sepultura. ela é a morte, Pexe.

E agora, vem para te beijar, para nos despedirmos, tia. Não quero que vejas como morro, ouve. Ouve. Não venhas ao meu funeral. Ouve. Lá estará cheio de curiosos, meu filho. De donos de circo e fanfarrões, que supostamente me conheciam. Como não... Ninguém sabe nada, exceto o meu Mitko até certo ponto, e tu tudo. Mitko Vŭlchev, o meu amor, era o meu amor. Ele sabe...

E, como disse, assim partiu.

Uma vez, anos depois, no túmulo dela, o Maneto contou-me como, quando a visitara no Hospital Governamental, lhe dissera:

— Amanhã volto, tia Vange.

— Não venhas, Mane. Amanhã, com o Mitko e eu, volto para casa. Vou regressar a Rupite para sempre...

Numa palavra, disse-lhe que amanhã morreria. Sim, disse-lho. Era ela, sabia a sua própria morte. Sabia exatamente quando morreria. É isso. Nimbo dos nimbos brilha. Que força é precisa para saber quando se morre e fazer só o bem a cada um e a todos. Viver para os outros. Para os outros.

Adeus, tia. Ouviste a minha canção para o meu adeus e vénia perante a Tua memória. Cantei-Ta, no meio da Belasitsa, das rochas do prado de Tinka para adeus, tia. Para que saibas, tia Vangélia. Ouve. Não fui ao Teu túmulo, como me disseste, mas cantei-Te toda a minha pena.

De resto, o que Te hei de dizer. Construí a igrejinha no telhado da casa paterna-materna e pintei-a. Sozinho. Sem um grama de ajuda de ninguém.

Até ensinei uns jovens que se gabavam de serem grandes mestres, não era. Como me disseste — assim cumpri. Adeus, tia Vangélia... Adeus, Misericórdia.

RESPEITO

O que te hei de dizer agora, que à volta do Tatarchev estava cheio, transbordava de todo o tipo de escumalha, e porcaria masculina e feminina. É assim, mas ninguém, ninguém pode negar que o Vantche Tatarchev era homem e meio. É a verdade.

Ele é único, raça especial. Endemismo-erudito. Erudito no pleno sentido desta palavra mercantil ou conceito, não é. Mas, suposto trovão, suposto Procurador-Geral da República da Bulgária, e com a mais humilde reverência perante a tia Vangélia. Apesar de outrora ter sido advogado dela por qualquer coisa. Defensor dela. É educação, não é. Apesar de ser um nobre branco reencarnado, morto como guerreiro pré-revolucionário. Guerreiro no pleno sentido da palavra. E ele, como eu, nunca a incomodou com nada pessoal dele. Nunca. Mas hoje ela, enquanto conversávamos, como quem diz à taça de absinto, diz-lhe:

— Ai, ai, ai... Não te preocupes, Vantche. Se queres perguntar, pergunta, digo-te. É humano, ó. Tens preocupação. Esses palhaços no Parlamento, por mais que te amaldiçoem, por mais que tentem derrubar-te, não conseguirão. Quaisquer propostas que tenham, o mandato para que foste eleito, vais cumpri-lo até ao fim. Até à gota. Até à gotinha, ouve. Ouviste.

— Ora, se me derrubarem, onde mandato, Vange — abana, abana a cabeça o Vantcheto, sem acreditar em nada. Não, não era ateu. Nunca foi comunista. Era tatarchevista. A tia Vangélia, como se não o tivesse ouvido, fala-lhe:

— Aaa ó, Ivane. Não perguntaste, não te disse. O teu destino está predeterminado, ó. Predestinado. Tens missão. Missão, ouve. Ou não queres ouvir. Mesmo que não acredites, digo-te que o teu mandato de sete anos vais cumpri-lo até ao pó. Até ao pozinho. E vais pedir mais. Ora, ó, sê o Tatarchev, Tatar bei. Ha-ha-ha... São impotentes. E sem ti correria sangue. Ouve. Grita hurra...

E rimo-nos todos os que estávamos à volta dela. Ora, quem éramos: ela, o Tatarchev, o Dimitŭr Vŭlchev e eeu. Mas eu não conto, que sou ninguém, não é assim.

De repente, no meio do riso, a tia Vangélia voou. Entrou em transe... E começou a murmurar com aquele Seu subterrâneo. Gelámos. Grande medo, eia:

— Vantcho, Vantcho, o teu coração não está nada bem, meu voivoda. Ai, ai, ai... E a coluna vai bloquear algo. Breh, que o diabo o leve... Vão-te pôr quatro bypasses, Ivane. Vão tirá-los daqui, dos calcanhares, e pô-los direto no coração. Não tenhas medo. Em Houston, em um ou dois dias e estarás como novo. Vão-te dar alta são e salvo, apesar do ódio invejoso. Vais sobrevoar oceanos e — direto para casa. Aço, eia. Aço forte és tu, Ivane...

Muita porcaria vai cair sobre ti, mas tu és tu. Olha a coluna, vão-ta limpar em Viena e logo, no segundo após a operação, vais perguntar por raparigas travessas, he-he-he-he, hein. Digam o que disserem, esperam-te longos, longos anos ativos de homem. E assim, Vantche, a paixão estará contigo até ao fim. Ouve. E na velhice, homem serás.

Mandato, grande maravilha. Sabes quantos mais, após o teu mandato, vais defender aqueles que agora marcas. Muitos... E todos esses que agora ladram contra ti, vais mandá-los para o outro mundo. Eeeh, Vantche, Vantche, e a mim vais enterrar-me, para que saibas. E não esqueças onde é o meu túmulo. Onde são Rupite, hein. Mas para que saibas, enquanto viveres, vais precisar de mim, ouve. Ouviste, Vantcho.

E basta de te armares contra Todor Jivkov. Ele é inocente. Eu sei-o. Faças o que fizeres, Todor Jivkov será Todor Jivkov. Todos esses que agora o cospem, e o Andrei, e o Pexo um a um: bum, bum e oraaa. Adeus. Adeus.

Não te estiques tanto. E esses que armaram esta trama, também estão lixados.

"Bum-bum, ó noiva minha, ai... Bum-bum, ó padrinho querido, ai...?"

Eia!...

A mulher cantava e pronto. E ordenava, ordenava:

— Vantcho, diz ao teu general Nikolai Cheripov que a plevenchanka Vera Kochovska não o pode curar de nada. ela é oca. Oca. Nada pode.

Mente. Diz ao Nikolai que também o vão operar em Houston. De cancro no fígado vão operá-lo. Tudo será bem-sucedido e sem complicações, para que saiba. Mas tu não lho dirás, sei. Eeh, Vantcho, Vantcho, nem todos aguentam o copo como tu, ó. Eeeiyyy.

E calou-se. Parou. Como se não tivesse havido conversa, sessão, transe, não sei. Mas acordou e cuspiu:

— Ora agora. Combinámos. Às mulheres que estão contigo lá fora, não as atendo. Não me forces. Depois dói-me muito, muito a cabeça. Hoje passamos sem mulheres. Ouve.

E desatou um riso, e litro e caneca de vodca «Absolut». Dragão montanhês. Não há moleza, eia. Assim era e assim será.

Ivan Tatarchev cumpriu completamente o mandato e as operações, e ficou na história, como lhe predisse.

E Todor Jivkov viveu a vida até ao fim. Ele é toda uma história. Enciclopédia de história.

Olha, a tia Vangélia voou muito, muito acima da história. Eheeiy, no tempo-fora-do-tempo dela.

Mas não esquecer de dizer, também assim, para a história, não é: O general Nikolai Cheripov, que era Procurador Militar Principal da Bulgária, não acusou Todor Jivkov. Nikolai Cheripov absolveu-o. Só ele e mais ninguém. Bravo, Nikolai. Bravo, honra búlgara.

A história é história, não é, e é mutável. Não há história eterna. Muda-se...

SIMPLICIDADE

Se era fenómeno ou tempo-fora-do-tempo, tia Vangélia, não sei. Mas, fosse planta ou flor, se a tocasse, no instante dizia o que era e como se chamava, se quisesses até em latim. Fazia descrição académica, forma e cor, quando floresce, quando frutifica e que semente é. Que semente é. Ouve.

Numa palavra, se era erva. Se era venenosa. Se era medicinal e, o mais importante, o que exatamente curava. Mas no instante. A quem desse, curava sempre. Espanto.

Toca na flor e diz-me:

— Isto, Pexe, é coração de donzela. Para conversa, para paixão, filho. O, isto bebe. Isto é espinho amarelo. Em quantidades certas, estritamente doseado, cura borbulhas e abcessos e, sobretudo, cancro. Mas se erras, torna-se veneno, para que saibas. Vais-te embora.

E assim até ao infinito. Mas eu, o estúpido dos estúpidos, nunca anotei as receitas dela. Saber-se-ia tanto, tanto. O quê e porquê.

— E isto, filho, é outro tipo de coração de donzela. Coração — sol rosa, com pontinha branca na pontinha de baixo. Desfaz feitiços. Ora isto, é pequeno espinho amarelo e cura cancro do sangue. Limpa o sangue. Vou-te dizer a dose, para não dares cabo de ti. Morre até um cavalo no instante, para que saibas.

Não houve nem haverá curandeira popular assim. Diagnóstica genial, que conhecia o remédio exato. O tratamento mais correto. Mulher incrível.

Meu Deus, e como cozinhava. Olha que coisa!, não, ela não cozinhava. ela oficiava. Oficiava num tacho de cobre remendado, remendado, velho, velho. Tinha um tacho de cobre velho, velho, furado ainda da mãe Paraskeva, de antes de se tornar monja, a querida, e ela herdara-o da mãe, como herança do bisavô ou da bisavó, não sei. Antiguíssimo, remendado com um grande remendo mesmo no meio. No meio do fundo, grande remendo de cobre, estanhado com estanho duplo. Guardava-o como a sua alma. Tremia por ele. Estanhava-o ela própria e só ela cozinhava nele. Mais ninguém. Mexia as comidas, os pratos, as magias com uma colher de pau de antes do tacho, certamente. Quem sabe de que século. Delícias. Delícias até ao desmaio. Todos lhe perguntavam, jovens e velhos:

— Diz, avó. Diz, avó. Diz como, como hei de cozinhar isto. Como e o quê fazer aquilo. Peço-te, diz-me avó, tia Vange.

Numa palavra, mãe dos pratos. Lambiam-se os dedos, chupavam-se até as falangetas.

Mãe, quando amassava uns doces, não havia quem chegasse. Não. Como o doce dela de figos verdes não havia nem haverá em lado nenhum. Ou de tomatinhos verdes, verdes, pequeninos. Paraísos crocantes. E o doce dela de marmelos amarelos ralados com erva-doce, ainda, como ela lhe chamava junjuke ou mosquinho, dentro. Com o Seu junjuke. Morrias de gula.

Até hoje, o kurban* da igreja de Rupite, com verdura e sei lá o quê dentro, faz-se segundo a receita dela. A Sua receita santa. Tal não há, nem haverá, para que saibas.

**Todos os anos, especialmente no dia da festa da igreja (14 de outubro, dia de Santa Petka), prepara-se um kurban comunitário gigante — uma enorme panela de kurban chorba (sopa de kurban) que é distribuída gratuitamente aos peregrinos. É um ato de caridade e bênção, exatamente no espírito do kurban tradicional (oferta e partilha)*

Eheeiy, nos anos mais jovens dela era a primeira em tudo. Quando te digo tudo, é tudo. Inatingível, incomparável. Ora, agora que envelheceu um pouco, em Rupite a Vitka ajuda-a. Só a Vitka de Kŭrnalovo consegue agradar-lhe ao paladar, porque isso é só gosto dela. Vangin. Ouve.

Um dia, mas isto é muito, muito antes do terceiro milénio, digo-lhe:

— Tia Vangélia, estás louca, tagarela ou és fenómeno.

— O quê, o quê — diz-me ela, como se não tivesse ouvido, ó.

— Porque — continuo eu a minha canção — porque vejo que aqui vêm ter contigo, como a exame, médicos vários, cientistas científicos e professores e políticos estúpidos. Todos se tornaram académicos à tua custa, e Tu és a mesma corujinha, pomba arrulhando... He-he-he — rio-me eu, e ela assim:

— He-he-he — ri-se de mim, ri-se e pergunta-me — e eu, posso-te cozinhar pimentos picantes com alho-porro, mas assim, como só eu sei, a louca pomba, para te espantares de que mundo és, ó maluco, águia doida... — e de repente persegue-me, persegue com a colher — queres, ó anjinho, rouxinol da tua tia Vanga, que te persiga, hein. Ouve.

E abraça-me, enche-me o prato com alguma delícia dela, inesquecível. Encheu-me de comida e bebida, coitada. Não sei quem ela não alimentou, quem não deu de beber, mas ninguém deixou com fome ou sede, que Deus a perdoe... Para que saibas, a bondade também é dom. O maior dom, ouve.

Notaste que o verdadeiro Profeta, que é mesmo Profeta, não sabe que é Profeta. Para ele, tudo é obra de Deus. A mais, mais, mas mais comum obra de Deus. Trabalho completamente normal. E a tia Vangélia era a pessoa mais, mais, mais normal da terra. E Fenómeno, e Profeta, e Vidente, e tudo. Mas tudo, para que saibas. Simplesmente, a Alma. Ouve. Ouve.

Muita gente se adorna com os louros dela até hoje. TODOS querem ter sido muito próximos dela. Querem ser a própria dela. Querem, mas não podem. ela é única.

Que estejam vivos e de saúde. Só que eu conheci pessoalmente também a avó Slava Sevryukova, que era vizinha dela em Sofia e quase todos os dias estávamos juntos, e sei dela o que ninguém sabe. Nem o filho sabe. Quanto mais algum herói inventado que escreveu três tomos sobre Slava Sevryukova, citando em todo o lado «O Extraterrestre de Vanga». Escrevi um livro separado sobre a avó Slava Sevryukova «O Sem Limites da Avó Slava». Quando o lerem, desmaiarão. ela é simplesmente a Profundidade e não deve ser diluída em verborreias e invenções. Que Deus te perdoe, avó Slava... Sei que estão juntas: a Venerável Stoyna, a tia Vangélia e tu, Slava Sevryukova. Sei-o porque são a Harmonia. Com as iminentes mudanças de dimensões poderemos ver-nos. A nova ordenação aproxima-se, ouve. Ouvistes.

POLTERGEIST

Um dia, muito antes de oitenta, creio que foi, trouxeram-lhe uma menina de uns dez anitos. Não me lembro exatamente se de Plovdiv ou de alguma aldeia perto de Plovdiv. Os pais disseram que contactara de alguma forma com algum fenómeno, ser, que na altura se chamava modernamente poltergeist ou algum espírito. Pois, essa coisa entrara no ventre da pequena querubim e instalara-se lá. A criança nem comia, nem nada. Só gemia, gemia. Incharra como grávida no nono mês. Como se fosse parir a qualquer momento, a bonequinha-anjinho. A tia Vangélia abraçou-a, beijou-a na cabecinha e gritou ao pai:

— Tu fumas, ó.

— Fumo.

— Ora, se fumas, acende dois cigarros ao mesmo tempo, enche a boca de muito fumo. Incha as bochechas, ouve. Quando eu gritar, beija logo a tua filha e sopra o fumo na boquinha dela. Mas, como um raio, ouve. Como um raio. Ouve.

Este pobre homem até se encolheu e mal, mal descolou, acendeu dois cigarros, mas enrolados à mão em jornal, cigarros clandestinos. Forte, forte, muito áspero pobre clandestino. E mal se acenderam fumegantes, e a tia Vangélia berrou:

— Ora agora. Sopra, sopra. Mete TODO o fumo na boca dela. Rápido, rápido, mais rápido. Assim, assim.

Bravo. Ora, agora é que a corrente deste canalha se soltou. Foi-se e não se viu. E a ele também o procuram os dele, o desgraçado.

E a criança, como se engasgasse, engasgasse, espantada com olhinhos assustados, assustados e berrou, berrou, abrindo a boca. Até lhe rachou a boca. E, ai ai mãe... Da boca dela, daquela boquinha pequena, como se irrompesse fumo vomitando com um grito sufocante, mas guincho para veres, como se matassem um porco. Guincha, guincha: quiik-quiik-quiiik...

— Assim, tia. Agarra-te a mim, filho — grita, grita a tia Vangélia — encontraste o mestre este maldito, maldito, ó imundo. Vai entrar no teu ventre, hein? Fora, ó canalha com canalha imundo. Fora... Eles, filhinho querido, morrem com fumo de tabaco. Envenena-os como moscas. Fogem como diabo do incenso. Ha-ha-ha, ha-ha-ha...

A criança exalou, exalou e desinchou como furada. Como se lhe tirassem uma rolha qualquer. Desincheu num instante. E berrou com toda a garganta num riso louco de alívio. Do alívio da liberdade...

Certamente, isso é a felicidade. É isso, porque com todo o seu sol se aninhou no abraço da tia Vangélia, e ela chora, chora e enxuga-se timidamente na sua mantilha preta. As lágrimas dela de enternecimento e compaixão total caíam, como do abismo da sua alma. Ternura para veres, eia. Toda ternura...

Os pais, coitados, soluçam, soluçam, sem saberem o que fazer, o que dizer... A mãe, desfalecida, beija, beija as mãos da tia Vangélia e em pavor total geme:

— Obrigada, Deus. Obrigada, Senhor. Que estejas viva, salvaste-nos, Vange — e entoa, entoa.

O pai, mudando o peso de pé para pé, enxugava lágrimas assim, com um boné muito, muito cansado e amarrotado, remendado com pobreza, gasto pela penúria do seu grande labor. De repente curvou-se até ao chão e, simplesmente gemeu:

— Como te pagaremos, santa Vanga. Daremos tudo. Tudo... — para te fazer chorar de comoção, até uivar como lobo solitário.

— Olha, com nada pagareis. Eu de ninguém aceito alguma coisa. Nunca, ouve. Só que voltareis daqui a um mês e trareis dois litros de água

do vosso poço, que está ali, no fundo do quintal de trás — lele, começou outra vez — eu para a acariciar, acariciar a cabecinha dela, e vós com a água aspergireis a criança em casa, três vezes antes do nascer do sol. Antes do nascer do sol, ouve. Assim, assim — e deita água da sua chávena na mão e asperge-nos, asperge. Como se mostrasse, mas benze-nos, benze para saúde e sorte. Simplesmente banhou-nos, para nos purificar.

Ora, e eu também tive medo dela, mas estas pessoas petrificaram, petrificaram, como se tivessem visto a Salvação. A Salvação.

Foram-se embora e, de repente, trouxeram outra criança. Rapaz de doze-treze anos. O pai carregava-o. Como se carregasse um lençol estendido nas mãos. Ora, múmia. Múmia viva. Só pele e ossos, algo como saco de ossos. E a tia Vangélia sussurrou:

— O quê ó, trazem esta criança...

— Não consegue andar de todo, tia Vange. É muito fraco e sem forças. Não se sabe de quê está doente.

— Ora, ponham-no no chão. Não tem nada. Vai andar e voar. Que valente vai ser, ehee. Vai ter a noiva mais linda. Já consegue correr e saltar em altura, não é tia...

E, ó maravilha nunca vista. Esta criança ou esqueleto, saltou e voou para fora, corre, corre, com saltos assim e grita, esganiça-se:

— ela disse que andaria. Pessoaa, ela disse que andaria. Eu ando... — e corre, corre, em círculos. Voou e caiu aos pés da tia Vangélia e chorou — não é que ando, tia Vange. Não é...

— Tu já voas ó, tia. Não tens nada. Ora, e não esqueças de vir com a noiva, para me veres, ouve.

Todos estavam espantados e assustados com o poder dela. Os pais choravam e bendiziam-na, sem saberem o que fazer. E ele, o querido, só dizia:

— Mãe, pai, ela disse que andaria e teria noiva... Eia!...

Mal me espantava o que acontecia ou não, a filha dela Veneta, como todos a conhecem Vencheto, entrou e disse:

— Mãe, disseram a uma amiga minha que os médicos lhe disseram que morre de cancro. Ó mãe, vê-a, se não estás cansada, hein. Ajuda-a, mãe. Peço-te, mãezinha.

— Chama-a. Chama-a... Que entre, e vós ide com a criança. Já está saudável.

E entrou uma mulher linda, linda com olhos de chávena, sobrancelhas de cordão, e dos olhos dela não caíam, mas corriam, corriam lágrimas da sua ante morte.

— Quem te disse, Jivke, que tens cancro. Enganaram-te, tia. Não tens nada. Não tens cancro. Num mês, recuperarás completamente e dançarás horo no casamento do teu filho. Vais casar o filho, para que saibas, ouve. Ouve. E vais ter filha, vais alegrar-te com bisnetos, ouve. Ouve. Ora agora, Venche, todos saiam, mãe, que estou muito, muito cansada. Ó, Pexe, vem agarrar-te a mim, para me deitar um pouco, tia. Vem, filhinho, vem meu cantor de canções. Mãee... Vou dormitar e, depois volta, para nos alegrarmos, filho, ouve. Leva também o teu tambor. Quero ouvi-lo também, tia. Ouve.

A Vencheto saiu com a Jivka. Alegria incrível, alegria e mais alegria invadira a alma da lindíssima Jivka.

Anos depois, o rapazinho, aquele saco de ossos, veio mesmo com a noiva, para lha mostrar à tia Vangélia e convidá-la para madrinha. De quantos não foi madrinha ela, não sei. De todos.

A Jivka ainda está viva e de saúde e alegra-se com netos, a querida. Ainda é beldade, para que saibas. Beleza...

Ooooh, vem-me à mente quando Nikola Chorbadjiyski, que era responsável pelo Combustível em Petrich, e a mulher Stoyanka, vieram com o bebezinho Valentina, que no ISUL o prof. Bubev lhes dissera que a criança morria e que a levassem viva para casa, para morrer lá. Entraram com a tia Vangélia, e ela direto:

— E o professor Bubev vos disse que a vossa Valentina vai morrer. Eeeh, eeeh, eeeh — geme, geme a tia Vangélia — acende-lhe uma velinha, Stoyano, na igreja exatamente um dia antes do Petrovden. Exatamente no dia antes do Petrovden, Stoyano, ouve. Antes do Petrovden lhe acenderás uma velinha... Ora agora, são e salvos e volta antes do Petrovden, percebeste-me. Percebeu-me, percebeu-me...

Exatamente um dia antes do Petrovden, a criancinha Valentina morreu. Disse-lho, mas não direto. Ninguém lhe guarda rancor por coisas assim. Ninguém. Nikola e Stoyanka anos depois, no lugar da menina tiveram um rapaz. De antes de Valentina têm outra menina, que estejam

vivos e de saúde. Foi no longínquo mil novecentos e cinquenta e oito, mas lembra-se. A tia Vangélia é inesquecível, ouve. Ouve. Eu pelo menos lembrá-la-ei até depois da morte, para que saibas. Ouve. E depois da morte.

FUTEBOL

Em oitenta e um do século vinte passado, estava de visita em casa do Mitko procurador, no seu antigo apartamento, que fica atrás do mercado, do outro lado do rio, no bloco. Lá, claro, estava também a tia Vangélia. O Mitko dava jantar ao visitante de Sofia Krum Vassiltchev da aldeia de Kromidovo. O Krum era na altura chefe da Federação Búlgara de Futebol. Visitava-o com a mulher Ganka e os dois filhos. Estava presente também o inamovível presidente da câmara de Petrich na altura, Gilyo Bojikov e a mulher Veneta de Hŭrsovo.

Comida, bebida, como deve ser, não é, e a tia Vangélia matava-me a anedotas e partidas várias. Estava cheia de anedotas e ditos e sei lá que tropelias. E sempre mas contava a mim. Bebíamos um golinho com menta, e a tia Vangélia tagarelava, tagarelava:

— Ouve, Pexe. O mosquito foi caçar moscas e disse à mosquita: «Se ouvires um tiro, espera-me. Se ouvires uma palmada, não me esperes. Estou esborrachado.» — e ri-se, ri-se, até quase engasgar, a querida.

E o Krum Vassiltchev, como todo o macedónio, não parava de se gabar do quão grande era, e a Veneta, como carinhosamente lhe chamamos Aneta, diz:

— Tia Vange, peço-te, mas peço-te muito, atende o Krumcho, para vermos porque se vive tanto como Napoleão Bonaparte, não é.

— E que se gabe, e que não se gabe — trovejou a tia Vangélia — daqui a dois-três meses, o Krum vai demitir-se e não será mais chefe do futebol na Bulgária.

Caiu uma bomba, trovejou, até estoirou... O Krum Vassiltchev, a correr levou todas as crianças para o outro quarto e de olhos esbugalhados grita, grita:

— O que se passa ó, tia Vange. O que me dizes, tia Vange — e boquiaberto, boquiaberto, e ela:

— Krume, daqui a uma semana estás na Albânia. Vão jogar com os albaneses. Vais viver duas alegrias em Tirana. Bem, mas nem tu, nem a

nossa seleção nacional de futebol vão a Espanha, ao Campeonato do Mundo. Não te vejo lá.

— Está bem, ó tia Vange, quais são essas duas alegrias. Diz-me pelo menos a primeira — pergunta o Krum.

— A primeira alegria, Krume, é que vão bater a Albânia. A segunda alegria, é que a Áustria cai perante a Alemanha, em casa, no mesmo dia em que a Bulgária joga com a Albânia. A Bulgária ganha por dois golos, a Alemanha — por três. Mas, volto a dizer-te, não te vejo no Campeonato do Mundo em Espanha. Eia!, só daqui a dez-doze anos a Bulgária estará no creme do futebol mundial. Chega às finais ó, mas tu, outra vez não estarás lá. Ouve. Ha-ha-ha, sem ti será também esse Mundial. O mundo não quer saber quem és ó, Krume. Ouve. Qui-qui-qui... — e a Aneta empurra-a, empurra.

Mais tarde perguntei ao Krumcho:

— O que aconteceu com as profecias da tia Vangélia, irmão. O que se passa.

— E ele, abatido, abatido, confessou-me:

— O que se passa... Vamos para Tirana, eu, Krum Vassiltchev, a ninguém ouso dizer que não nos classificaremos e não iremos a Espanha. Vamos. Jogamos o jogo com a Albânia. No primeiro tempo, em vez de nos baterem por 3:0, ao intervalo, o treinador fez umas substituições e batemos os albaneses por 2:0 em Tirana. A Vanga acertou.

Partimos para a Bulgária e no avião soubemos que a Áustria perdeu 3:1 para a Alemanha em Viena. A Vanga acertou outra vez.

Nós — alegria, alegria, quase virávamos o avião. A nós abria-se a oportunidade única de ir ao Mundial em Espanha. Eu, nem vivo nem morto. Não ouso dizer palavra, nem mexer-me.

Bem, mas o último jogo jogamo-lo em Sofia com a Áustria. Se os batêssemos, íamos nós ao Mundial. Se empatássemos, ia a Áustria.

Começa o jogo. Primeiro tempo 0:0. Segundo tempo a meio 0:0. Aos oitenta e sete minutos, caso típico, Stoicho Mladenov, atual treinador da Seleção Nacional e do CSKA, sai sozinho frente ao guarda-redes e eu, Krum Vassiltchev, salto e com toda a garganta berro, berro:

— Tia Vange, não acertaste. Voamos para Espanha. Classificamo-nos. Não acertaste, tia Vange...

O Stoicho disparou um remate e a bola voou por cima da trave...

Perdemos o jogo. A Bulgária não se classificou e não fomos a Espanha. Nem eu, nem a equipa. A Vanga acertou outra vez.

Ora, quem me vai dizer que a tia Vangélia não acerta, hein? O facto é facto.

Outro caso.

O coronel Krŭstyo Chakarov, paz à sua alma, era treinador do Levski e da Seleção Nacional de futebol, sabem, não é. Pediu ao Krum Vassiltchev que o levasse à Vanga. No caminho de regresso passam pelo hospital do MVR, para apanhar o tio Kiro Todorov, que caíra numa crise psicológica e queria atirar-se do quarto andar de cabeça para baixo. O tio Kiro era irmão do Primeiro-Ministro da Bulgária Stanko Todorov. O Stanko, mais tarde, foi também Presidente da Assembleia Nacional. Mas, como quer que seja, não é. A tia Vangélia logo da porta diz ao tio Kiro Todorov:

— Ouve, Kiro, eu não me meto em política e não te vou dizer a que serviços de informações serves e servirás. Não é da minha conta. Vou-te dizer só da tua saúde. Mas espera-te uma viagem, vais sobrevoar oceanos. Lá onde fores, como embaixador, vais ter um acidente de carro. Não morres, mas vais ter consequências muito graves, ouve.

O tio Kiro, o valentão, diz-me:

— Esta fala disparates. Não acerta nada. Nada.

Bem, mas três meses depois, entregam ao tio Kiro a ordem de nomeação como embaixador, na Argentina ou no Peru, não me lembro. E olha só:

O tio Kiro sobrevoa o oceano. Torna-se embaixador, como lhe predisse a tia Vangélia. Não passou meio ano e sofreu um acidente grave. Voltou para cá, esteve sete-oito meses nos hospitais e tem defeitos graves do acidente. Incuráveis.

Não pôde negar que tudo isso a tia Vangélia lhe predissera. Quanto mais ao Krŭstyo Chakarov, paz à sua alma, o que não lhe acertou. Até discutiram, o Krŭstyo teimava, teimava, mas levou na cabeça.

— Krŭstyo ó, quantos filhos são vocês — pergunta ela.

— Somos seis, tia Vange — diz-lhe o Chakarcheto.

— Não, não, não são seis. Não me mintas, Krŭstyo. Não são seis, são sete filhos.

— Ora, tia Vange, eu é que não sei quantos filhos somos, e tu vais dizer-me. Não faças isso. Somos seis filhos e ponto final. Cresci com eles.

— Ouve, Krŭstyo, não me dizes a verdade ou não sabes. Vocês são sete filhos. O sétimo filho da tua mãe, teu irmãozinho, foi estrangulado e atirado ao vosso poço, que está na casa da aldeia. Ouve. Não te digo quem o estrangulou, esse menino dourado, mas para que saibas, foi estrangulado de forma brutal, muito brutal, com mãos nuas e atirado ao vosso poço, que está no quintal da aldeia.

O Krŭstyo, um raio atingiu-o, matou-o.

— Verdade, verdade, tia Vange, perdoa. Na aldeia ainda se fala desse caso. A minha mãe teve mesmo sete filhos. Agora percebo porque toda a vida usou mantilha preta.

— Por isso, Krŭstyo, por isso. Ora agora, adeus.

E ao Krum Vassiltchev, para despedida, diz-lhe:

— Krume, no teu terreno em Pancharevo, à direita das escadas, atrás da porta de entrada, há três-quatro metros de espaço vazio, não é. Aí planta uma macieira, ouve. Macieira.

O Krum, como se enlouquecesse e começou:

— Espera, tia Vange. Tu nunca foste à minha villa em Pancharevo. Nem sabes onde é a porta e dizes-me para plantar uma macieira.

— Planta uma macieira junto à porta de entrada e não teimes, como algum asno ou mula brava, ouve. Ouuvve — berrou a tia Vangélia.

O Krum abanou a cabeça e fomo-nos embora.

Um ano depois o Krum apareceu outra vez e ela ralhou-lhe forte:

— Tu, Krume, porque não plantaste a macieira, hein. Basta de te armares em maior que tudo. Se plantares a macieira, trar-te-á grande alegria, ouve. Ouve.

O Krum obedeceu-lhe e mal lhe disse que a macieira pegara, a criança dele curou-se. Há longos anos era incuravelmente doente de asma brônquica. E se isso não é alegria, não sei o que é. O Krum e a Ganka estão vivos e de saúde, pergunta-lhes se não foi assim. A Vanga acertou outra

vez. De quantos casos me lembro, mas como comecei com o Krum Vassiltchev, conto-vos mais uma coisa. Não por outra razão, mas porque se armava em galo de crista alta, sempre fazia perguntas «globais». Uma vez perguntou-lhe:

— Tia Vange, qual dos políticos respeitas mais.

— Não sei se é político, mas respeito mais a Lyudmila Jivkova — respondeu ela, sem pensar duas vezes. E o Krum começou com as suas teimas:

— Espera, ó tia Vange. Essa é a filha do líder Todor Jivkov, ó. Porque haverias de respeitar ela.

— Ouve, Krumcho — rindo-se, respondeu-lhe a tia Vangélia — estás a ouvir. Todos os anos, a Lyudmila convida-me e fico um mês como hóspede em Sofia. Onde exatamente, não é da tua conta, ouve. Isso de ela ter ligações lá em cima, não compreendes e não to digo. Olha que coisa!, não são só os iogues. É muito maior. ela é mais inteligente que todos vós. Mais inteligente. Mas respeito-a mais porque, quantas vezes fui hóspede em Sofia ou Boyana, a Lyudmila cozinhava para mim. A Lyudmila servia-me. A Lyudmila tirava-me a mesa. E tudo, tudo, pessoalmente a Lyudmila. Ninguém mais. Enquanto lá estou, só ela me serve, para que saibas. Ouve. Mas o Krum não parava de picar:

— Tia Vange, estás a gozar comigo agora, não é. A filha de Todor Jivkov, a filha do maior mandachuva vai cozinhar para ti, vai isto...

— Krume, podes não acreditar, mas como a Lyudmila não há outra. ela é santa. Mataram-na inocente, coitada. Inocente a mataram... Eeeeh, cedo, cedo — e suspirou, suspirou.

— O que dizes, tia Vange — esbugalhou os olhos o Krum, quase lhe saltaram. E a tia Vangélia continua:

— E sei que vais perguntar, por isso te digo. Não fui ao funeral dela, para não me perguntarem todos o que e como aconteceu. Tudo sei, mas nunca o direi. Não quero confusões. A Lyudmila não merecia tal crueldade. Não. Mas, pronto, destino. É isso. Os assassinos são assassinos.

E peço-te, não me chateies, como sempre, com a Macedónia. Pela última vez te digo algo e lembra-te, que te expulso e nunca mais te deixo entrar. Ouve. Um dia a Macedónia vai unir-se. Salónica e Skopje são de género masculino e neutro e voltarão à mãe deles Sofia. Os filhos voltam para a mãe. Ouve. Ouviste. Não ouses mais remexer nesta dor. Eu sou

macedónia, ó, não sabes. Ora tu quem és, ó. Não sejas egípcio. Tu também és macedónio, ouve. Ouuvve. Ora agora, fora... — saímos como escaldados. E, de dentro, dela ouvia-se, ouvia-se um grito terrível — e cuida só do teu desporto. Basta de te meteres em estábulos alheios. Vais perder tudo. Vem um golpe. Vem um golpe. Vai chegar. Vais ver. Vais ver, ouve. Ouuvve.

Assim sendo, mas conto-vos algo de outro caso no desporto. Para as Olimpíadas de Montreal, em Petrich treinavam autonomamente a Ivanka Hristova e a Maria Vergova. Trabalho diário e noturno, nunca visto. Não sei, certamente milhões de toneladas de pesos, somados uns aos outros, ergueram estas raparigas. Incrivelmente modestas, modestas até ao desmaio. A Ivanka Hristova, como eu era do Levski, era-me especialmente agradável levá-las à tia Vangélia. Tanto para a verem, como para lhes atender, como se diz.

A tia Vangélia recebeu-as da forma mais, mais humana da sua humanidade. Mais de uma hora conversámos e, só na despedida, diz-lhes, diz-lhes:

— Yoanno, a ti vão dar-te um relógio de ouro, e a ti Mare, de prata. Por vós vão tocar o hino da Bulgária, mesmo no meio de Montreal. Não choreis. E, se chorardes, não enxuguem as lágrimas. Sede filhas orgulhosas do vosso povo. Ora, boa sorte e voltem outra vez.

Tudo acertou. A Ivanka Hristova lançou o peso a vinte e sei lá quantos metros, não me lembro e tornou-se Campeã Olímpica. A Maria Vergova ganhou medalha de prata. Vice-campeã olímpica de lançamento do disco. É isso. Cada um com o seu desporto.

Eu não ousava cumprimentar a Ivanka Hristova. Quem a cumprimentasse, a mão ficava sal. Não sentia a força, coitada. Tão forte era. Mulher-Dan Kolov, sem dúvida.

Eeeh, tia Vangélia, tia Vangélia, sabes que posso mil e uma noites contar a quem, o que acertaste, mas não me permitiste e não ouso. Lembras-te, tia, quando a nossa equipa de futebol Belasitsa entrou na A grupo e o primeiro jogo jogámos no estádio «Narodna Armiya» com o CSKA. O general deles pergunta-me:

— Ora, Petya, por quantos golos vão perder...

— Não sei, mas a Vanga disse-me que quem marcar golo à Belasitsa, seca-lhe a perna... — Mãezinha, o rumor espalhou-se logo, até ao balneário

do CSKA. He-he-he, só um ou dois dias antes, o Stoichkov ou alguém, estivera com ela, e ela deixara-o pasmado, predizendo-lhe um monte de coisas.

Dominam-nos completamente, mas ninguém ousa chutar a bola para a nossa baliza. Bem, mas alguém se lembrou, não sei quem, e cabeceou a bola e... gooool. Bateram-nos. Pfu, da cabeça nem me lembrei de os enganar, tia Vangélia. Devias ter-me lembrado, mas pronto, tudo passou.

Grande Vanga me armei, não é. Vanga e meia, desgraçado com desgraçado, sem dúvida.

A Ti agora todos acreditam, mas foste-te embora. Como pelo menos uma vez não disseste quem seria presidente da câmara ou quem seria czar. Bufos, quantos quiseres, tia Vangélia. Cheio de bufos políticos e polícias. Mas, para que saibas, não esqueci o que me disseste na despedida, assim:

— Pexe, para que saibas, tia, não haverá nenhum apocalipse, filho. E inferno, e paraíso, são puras invenções, filhinho. Disparates, ouve. Há só uma grande, cósmica Inteligência da Harmonia. A Harmonia da clareza total, Pexe. ela decide qual caos, até quando ser e quem, para onde se mudar. A Harmonia nunca se viola. Nunca. Somos partícula dela. Balanço do equilíbrio. O resto é «Mentiras, Vere»...

Para que saibas, saiu verdade o que me disseste, tia:

— Dinheiro tereis, Pexe, mas poreis só água para compota e pickles. O trabalho será queimado. Ouro não se come, filho. Não se almoça ouro, tia. Não...

Verdade, tia. Geadas e inundações devoraram-nos. Seca queimou-nos. Ouve. Ó, dá algum sinal para a recuperação, tia. Mexes o túmulo ou mandas notícia, não sei, mas dá sinal. Peço-Te, tia Vangélia. O povo embruteceu, ouve. Ouve. Cansei de polícias e bufos. Tal guerra não há em lado nenhum. Cansei.

Isto é, cerca de trinta anos antes da morte dela. Antes de morrer, não é. Não sei o que me deu, pergunto-lhe porque fala com os mortos, como se estivessem perante ela.

E, metendo-me em expressões e terminologias que nunca ouvira nem sonhara, como se lesse de um livro muito antigo, mas pré-antigo, ainda de antes do pré-tempo, de muito antes, antes das bíblias e talmudes, Livro dos Livros. Tudo vê e sabe, até me encolhi, encolhi, completamente assustado:

— Os vivos, Pexe, diferem dos mortos, dos falecidos, filho, pela maior densidade do tempo. Pela maior densidade do tempo. — E fala-me como académica das ciências, como se fosse alguma sacerdotisa-extraterrestre, não é. Ehee, quem sabe de que mundo estarás lá. ela fala — não quero saber:

— Eles sabem onde estou, Pexe. Tudo sabem e quando precisam dizer algo, estão aqui. Assim, ao meu lado. Porque o homem, Pexe, é energia. Energia com memória. Com memória, Sim...

E a consciência dos universos, Pexe, é ilimitada e em níveis diferentes. Níveis, ouve. Ouve. A consciência não é categoria mental, para que saibas, ouve.

A alma abandona os limites dos nossos corpos e continua a viver no ilimitado. Porque ela é finíssima, partícula sem peso. Substância divina, passada por todas as esferas. Pelos lados do Espírito e dos Senhores, pelos lados dos anjos e arcanjos, pelas esferas planetárias, para baixo, pelas forças da natureza e chega à Terra, em conformidade com o momento do nosso nascimento, o espaço e o tempo.

E, para que saibas, a alma é sem peso, mas tem nove invólucros que a protegem, e esses pesam de trezentos a trezentos e sessenta gramas. A alma pura, claro, não tem um grama de peso. Existe transformação total do mundo material em espiritual. De forma única, somos físicos e não físicos. Tremor harmónico de todas as substâncias e é fonte dos sentimentos humanos.

E o tempo não existe, porque é energia, mistura entre passado e futuro, vindo junto, como presente. Aquilo que somos agora é passado e futuro. O presente é passado e futuro. Presente, portanto, não há. E no fim da história, vem nova era, nova época. De todo novo Princípio. Novo

Princípio, ouve. Ouve. Agora somos só uma das infinitas civilizações e espécies que há por todo o lado...

Muito em breve, seremos hóspedes de outras civilizações, noutras galáxias. Muito, muito fundo no infinito Infinito. Longe...

Não te disse eu, Pexe, que nos cosmos não há espaço vazio e está atafulhado de vida. Vida, desaparecendo e aparecendo, em período determinado, ordenado de tempo.

Os extraterrestres, Pexe, não adoecem e não conhecem doenças. Na realidade, as doenças não existem. Não existem... Sim...

Olha bem para qualquer pedra que quiseres e verás que é assim. Verás muitas coisas, porque, sabes, as pedras são os discos vivos da Eternidade. Da memória em geral. Tudo lá, passado e futuro. Porque o mundo é visão matemática da memória original, essencial, da intuição, não é.

E, de repente, abanou-me a febre:

— A atração gravitacional, Pexe, depende só e unicamente do Senhor. Da Força, filho, ouve. São as infinitas leis matemáticas e racionalidades. Toda a racionalidade, para que saibas. E lembres. Nós, há muito estamos em contacto com os extraterrestres, seres alienígenas. Temos corpo emocional e ligação divina, espiritual entre nós.

Os fantasmas também são reais e mentais. Sim...

Os fantasmas, de facto, são reais e mentais.

Ehee, ainda em quarenta e um, Hitler, por exemplo, voou à Lua e voltou em menos de uma hora. Hora e meia no máximo. Fora contacto direto com os extraterrestres, não é. Tivera ligação direta, fora de todas as sociedades secretas dos Templários, de Thule, do Sol Negro ou das maçons Vril, para que saibas. Ouve. E, Pexe, Hitler não morreu. Os extraterrestres levaram-no com eles, para o lugar deles. No planeta Meton. O planeta Meton, que tem dois sóis e está a quatro-cinco anos-luz daqui, na constelação de Centauro.

E os extraterrestres das Plêiades, as sete estrelas-irmãs, construíram as pirâmides de Quéops e todas as outras e há muito, muito que vivem entre nós. Aqui estão, para que saibas. Levam os Maias e os Aztecas para junto deles, noutra dimensão e tornam-se invisíveis. Estão vivos. Não desapareceram, ouve. Ouve.

As Plêiades tinham laboratórios terrestres conjuntos com Hitler, para que saibas. Sim, Pexe, laboratórios conjuntos com Hitler, para máquinas voadoras, discos ou sei lá como mais lhes chamam. Os desenhos eram recebidos por duas médiuns de contacto. Duas virgens eslavas. Uma de Zagreb e chama-se Sugun, e a outra, Maria, é de Skopje. Essa é a verdade.

Esses laboratórios ainda funcionam, algures na Antártida. Ora, não te digo onde, para não falares demais, não quero problemas na tua cabeça. Porque, Pexe, amarrar cebola esmagada na cabeça sã, tia, não é...

Quero que saibas que se envenenou o duplo de Hitler, e não o próprio Hitler. E que importa. Tinha um duplo, ó. Não eram todos heil-Hitler... Quem não tem um duplo. Todos temos duplos, tia, ouve.

E o Estaline, Pexe, tinha até nove duplos. Cópias completas dele. Vai lá encontrar qual é o verdadeiro. Por isso se diz a «verdade» de que Estaline nunca dorme. Como não. Quem não dorme, ó, tia.

O sono é a pequena morte, ouve. Enganava todos a ridículo e os mais, mas mais fiéis, mal, mal se apercebiam. Ora, olha... Tinha quarenta vilas à volta de Moscovo e ninguém sabia em qual estava o verdadeiro Estaline. Quem sabe onde ele está, onde estão os sósias. Não o vejo entre os mortos. E os malvados, Pexe, também são experiência, para que saibas. O que não há no mundo. Tudo há, ouve. Experiência, tia. Experiências. Somos tentativa, Pexe, para que saibas, ouve. Ouve...

Se ouvi ou não ouvi, mas até hoje estou pasmado. Choque total. Absoluta, louca loucura. Deixa que também a ti te abane com algo que nem ouviste, nem sonhaste, e depois pergunto-te como estás, quem és e porque és. E tu espantar-te-ás, para que saibas. Ouve.

Verdade ou não, mas tudo dito por ela, sempre aconteceu ou acontecerá, foi e será. Vazio não há. Dá, Deus... Dá, Deus... E nós vejamos os outros mundos. As outras galáxias. Que a Profundidade nos aceite... Cansei de loucura. Basta. Sofremos o suficiente.

A VIZINHA

A tia Vangélia chega a Petrich ainda durante a Segunda Guerra Mundial, por volta de quarenta e sei lá que ano. Antes disso, ela estava em Strumitsa. Sim... Quando se casa com o mestre de casas de pedra, o tio Dimitŭr, ela ainda estava em Strumitsa. O Mitko vai a Strumitsa para lhe perguntar quem matara o irmão dele Tanas, e ela diz-lhe:

— Ouve, Mite, não te digo o nome daquele que matou o teu irmão, mas o primeiro que encontrares no caminho à frente da tua aldeia, para que saibas que é ele o assassino do Tanas. Não terás de te vingar dele... Outro companheiro do teu irmão o matará. Outro, Mite. E tu não pararás de vir ter comigo até eu aceitar casar contigo. Vais casar comigo, ó Mite-Mitezinho.

E assim acontece. A predição dela cumpre-se.

ela vai jovem, jovem, linda, linda, noiva para a aldeia de Krŭndjilitsa, aqui em Ogražden, para a grande casa de dois andares de pedra do mestre Dimitŭr Gušterov. Nessa casa-colar, no sótão do segundo andar, a Vanga faz predições épicas. Nessa altura era a mais forte na sua força.

Em Petrich chegam primeiro de aluguer, ali ao lado da minha tia Olga. Já esqueci como se chamavam os senhorios dela, mas eram muito pobres, coitados, mas acolheram a Vanga...

Depois, já como jovem nora, a tia Vangélia e o marido Dimitŭr compram aqui, perto do mercado, esta casinha arruinada, arruinada, de quem sabe que século. Não havia ruína maior, para que saibas. Apesar disso, o Mitko superou tudo e sozinho, sozinhíssimo, fez a casa e a cerca. Tudo, sozinho. A tia Vangélia endireitava-lhe até os pregos velhos, porque não tinham dinheiro para novos. E, carregando às costas a filha Veneta-Vencheto, subia por uma escada tosca, quase vertical, de andar para andar. De facto, a Vencheto, anjinho da mamã Vanga, cresceu às costas dela.

Assim, pedra sobre pedra, uma sobre a outra, tudo direitinho, sozinhos, construíram toda a casa de pedra, para que saibas. O tio Dimitŭr era grande mestre. Mesmo que bebesse, era mestre completo. Sem um tostão, construir casa de dois andares é trabalho enorme do labor. Ogražděniano, eia. Sem dúvida. ela e o Mitko. Chamava-se Dimitŭr Gušterov. A tia Vangélia leva o nome dele Gušterova. Vangélia Pandeva Gušterova. Com esse nome foi-se também para o além dela. ela, a filha Vangeto, do avô Pando e da mãe Paraskeva, que se tornou monja no mosteiro «Vadi-ochi» perto de Strumitsa, quando o marido Pando se voltou a casar com a madrasta da tia Vangélia, para não lhes estorvar o amor.

Portanto, estes são os três destinos da tia Vangélia: Strumitsa, Krŭndjilitsa e Petrich. Os RUPY são os guardiões dela. Mas o verdadeiro monumento dela são as casas de pedra em Krŭndjilitsa. Casas sem prego nem tijolo. Só pedras orgulhosas, livros da memória, da Eternidade. Bíblias da Profundidade.

Que mestres ignorantes eram esses, não sei, mas as casas deles, como nasceres da santidade. Colares, gargantilhas da Divindade.

Pois, como vizinha, ela veio a nossa casa inúmeras vezes. Inúmeras, inúmeras vezes. Uma vez, lembro-me, veio com um roupão, assim. Um roupão chinês de seda pura, mas muito, muito rico em cores intensas. Beleza. E ela ainda era muito jovem, e não sei quem lhe dizia, dizia:

— Avó — em petrichês, quer dizer como — ora, avó, vira-te assim, um pouco de frente, um pouco de trás, para te vermos, avó. Pareces-me de Xangai. De Xangai, avó. — A tia Vangélia ri-se, ri-se: qu-qu-qu...

Ora, não há como. Era muito bela. E como alma era magnífica. E como vizinha — duas vezes mais. Tinha figura feminina maravilhosa. Madame. Madame. Exceto que era cega, coitada. De resto via tudo e em todo o lado. Nós é que éramos cegos, não ela. Não ela. Nós. Nós nada sabíamos nem sabemos.

E sempre, nas festas, este Ano Novo, Natal, Páscoa e tudo, estávamos ou em nossa casa ou na dela. Mas, sobretudo íamos à dela. Não se deve enganar a alma. Estávamos constantemente na dela.

E cozinhar. Não deixava outro cozinhar. Só ela. Pessoalmente ela. Mais ninguém. A colher, o tacho, os pratos, os sarmas,* isto e aquilo, tudo Mestra de todas as delícias. Das delícias dela. E ainda hoje assim. Foi, creio, cinquenta e dois, porque eu estava apenas no oitavo ano. Exato. Eu e as minhas irmãs crescemos com ela. A minha mãe, o meu pai, Lyubka, Antoaneta e Zoya, a tia Vangélia e a filha dela Vencheto, a minha quarta irmãzinha. Inseparáveis.

**(Um dos pratos mais tradicionais e amados da culinária búlgara: rolinhos de folhas de couve, ou de videira, recheados com arroz, carne picada, geralmente porco ou mistura, cebola, especiarias e, por vezes, passas ou nozes.)*

Pois, estamos de visita dela, mas quem não. E ela ri, ri, num prazer e felicidade loucos da hospitalidade dela. E, de repente calou-se e fitou o Slavcho Mŭtoko, que estava na NARMAG na altura:

— Slavcho, ó. Vejo-te fardado, ó. Fardado te vejo, ó.

— O quê, avó. O que me dizes, avó — esbugalha, esbugalha os olhos o Mŭtoko, quase lhe rebenta o pescoço.

— Sim, Slavcho, vizinho meu. Fardado vais estar. Na milícia vais estar fardado. E diz ao teu protetor Angata e ao Stoyan Kiryako que isto não é fazer-lhes café. Não eras tu o criado de café pessoal dele em quarenta e um, não eras. Criado de café. He-he-he... criado de café e polícia fardado. Não é a mesma coisa, Slavchooo, ouve. Ouuvve.

Ora agora, diz-me o que é isto, hein. Kera-vara, não passou um mês e o Slavcho, tenente júnior. O ovo não chocado, mŭtoko, vestiu o uniforme e vai lá apanhá-lo, se conseguires. Oficial, ó. Da Milícia Popular. Fantástico.

Como calculas tu isto. Oficial. Ehee... A palavra dela cumpriu-se. É isso. A Vanga predisse-o, não eu. Nós perante ela somos nada, ela é pessoa de Deus. Santa. Verdadeira, Santa Santa. Não parava de nos lembrar:

— Nunca renunciem à Rússia. E renunciaram, e perderam.

De resto, sei de cor, comunistas e fascistas — mesmo lixo. Estrume. Vão-vos trocar... — A palavra dela cumpriu-se. E ninguém mereceu o respeito dela. ela reverenciava a Rússia...

Não sei se te lembras, bastante mais tarde assim, em setenta e cinco, foi roubada a igreja de Santa Petka. Mas saqueada, saqueada... Janelas, grades, tudo sal. Vidro a vidro. Pogrom absoluto. Não é de agora que roubam igrejas, não é de agora. Tudo por encomenda.

A milícia tirou o que tirou lá, impressões digitais, isto e aquilo e, imaginas, o mesmo Slavcho Mŭtoko, que agora lhe chamam Bacheto o fotógrafo, direito à tia Vangélia. A ousadia deles não tinha fim. Para tudo, sempre iam à tia Vangélia. Todo o trabalho deles ela fazia. Pois e agora ofegante, ofegante, o Slavcho diz:

— Avó, saquearam a tua igreja de Santa Petka — supostamente dela, para a comover de alguma forma, sabes, a esperteza — levaram, avó, os ícones e aquela Tua de Santa Petka, a grande, o maior ícone de Santa Petka. Esse também foi roubado. Diz, avó, vamos descobri-los ou não.

Mas isto não era a primeira vez que iam oficialmente ter com ela. Pois ela diz-lhe, como algo corrente e diário, o mais comum:

— Olha, Slavcho, são dois. No segundo dia vão apanhá-los e tu vais descobri-los. Um dos ladrões é genro de Petrich, ouve. Não o conhecem. O outro é jugoslavo. Ambos trabalham na Alemanha, mas não lhes apetece trabalhar e meteram-se em gatunice. Ouve. Ladrões são.

— Ouvi-te, avó. Peço-te, avó. Já que o dizes, acredito. Acrediiito... — e correu alegre, alegre para relatar, como se já os tivesse descoberto.

E assim, no dia seguinte, ligam de Sofia pelos ícones:

— Alô, Petrich. Têm ícones roubados. De alguma igreja, roubados ícones...

Os nossos, pasmados:

— Temos, temos...

— Dois indivíduos — diz o de Sofia — estão implicados aqui connosco. Venham já, com as impressões digitais, para comparar se são eles ou não. Já.

Vão e o quê... Tudo coincide com as palavras da tia Vangélia. Apanharam-nos durante o dia. Após o roubo, os ladrões partem para a Alemanha para os vender e op no laço. Kaput.

Numa palavra, a tia Vangélia é a tia Vangélia. Até recebeu carta de agradecimento do bispo de Blagoevgrad, creio que já era Pimen. Patriarca, creio era Maksim, não me lembro. Da milícia, nada. Eles achavam-se acima dela e de Deus. Mortais-imortais, sabes.

Para cúmulo, como gratidão assim, mais tarde organizaram-lhe uma revista em casa que enlouquecia. Sim. Revista à tia Vangélia, que dava caminho à formiga, sabes, não é. Enriquecera ilegalmente. Era traficante de divisas. Ora, à tia Vangélia tudo lhe fora dado por Deus, para a saúde das pessoas que vinham perguntar-lhe por sofrimentos vários, para encontrarem salvação dela, para saúde e amor.

E tudo porque não quisera servir o então chefe do MVR Kosta Mihalchev. Mandara-lhe alguma amante, e a tia Vangélia expulsara-a. Não gostava de florzinhas. Por isso, Kosta Mihalchev ordena revista, como a criminosa e ladra. Para que se saiba quem manda e quem mata.

E, imaginas, o mesmo Slavcho Mŭtoko, como atormentava dela, obrigando-a a posar em todo o lado, supostamente para provas materiais. Fotografa, fotografa perante as testemunhas: Risaf, Lyubo Lyonov, Angel Ivanov, Yordan Hristov e vários outros nulidades, para não os enumerar. Para não os imortalizar junto ao nome dela, esses insignificantes sussurradores. Todos choram — o Mŭtoko fotografa. Foto a foto. Geral e individual. Clic, clic, o quê, como é. Debaixo do colchão, por cima do colchão. Debaixo do soalho. Na cave. No sótão. Em todo o lado escavam, escavam, destroem, destroem. Ação geral, eia. Percebes. Ação.

Confiscaram-lhe tudo e hop, uma foto geral para memória dos carrascos. Para memória, como a humilharam. Meteram tudo em caixotes, e o dinheiro, e o ouro, e a prata, e todos os presentes. Tudo. Tudo. Presente a presente, dos quais ela nem sabia. Quem onde os deixava, lá ficavam. ela nem os tocava. Era absoluta sem-prata. Sem prata. Espanto. Aqueles que estavam à volta dela, roubavam-na, e ela sabia, mas não ligava. A maldade não a deixava em paz. Inveja sobre inveja.

De repente, a tia Vangélia desabou no chão. Teve um leve AVC. AVC ou outra coisa, não sei, mas em segundos levaram-na para Sofia, para o Segundo Hospital da Cidade. Porque lá, não sei. Nem perguntei. Não é da minha conta.

Logo a visita Lyudmila Jivkova, filha de Todor Jivkov. Do nosso czar comunista, na altura. E assim, todos os dias. Até várias vezes por dia. Eram muito, muito próximas as duas. A tia Vangélia amava a Lyudmila como a sua alma. Como filha própria. O amor era mútuo e espiritual...

Chegou a hora de se saber tudo sobre este caso. Quem ordenara o quê e porquê. A confusão no MVR — Petrich, foi terrível. Ninguém admitira que o raio caísse de cima. Lyudmila Jivkova, paz à sua alma, pessoalmente cuidara, através do Tato, que tudo voltasse ao lugar. Pessoalmente ela, viria com o pai, para ver se a ordem fora cumprida.

E começaram a colar, umas fotos ampliadas, uma ao lado da outra, uma sobre a outra. Numa palavra, papel de parede-reconstituição, do roubo policial, não é. Não há moleza. Ora agora, vejamos quem é chefe acima da tia Vangélia. Arrumam-desarrumam, devolvem-viram, mas algo não batia certo. Não há moleza... Faltavam bastantes peças de ouro e outras coisas. Não sei quem, como, mas faltavam. Nas fotos estão, na devolução não...

Tinham sido roubadas. E, o mais importante, a tia Vangélia sabia tudo, mas guardava-o em si. Não denunciou ninguém. Morriam de medo

que os desmascarasse, mas ela — não. Pôs tudo na sua alma. Ficou mais triste, coitada. E assim até ao túmulo dela. E depois dele, certamente...

Tinham-na roubado antes da revista. E depois também a roubaram, mas calava-se. Havia implicados, como a tia Vangélia me disse, e gente do MVR, mas também pessoa dela, interna. Não tens ideia de quão delicada era. Meu Deus...

Acusaram o mais fiel dela, o Blago o Guarda. Um gigante com sapatos número cinquenta e cinco. Bom, bom e muito manso. Não aguentou a calúnia e a injustiça e enforcou-se no portão da barraca dele, ao lado da casinha dela no meio de Rupite.

A bondade não resistiu ao falatório.

Meu Deus, quanto chorou a tia Vangélia por este manso Blago. Não parava de gemer:

— Foi-se o mais inocente. O mais puro e modesto homem. Amava-o como irmão, Pexe. Para que saibas, ouve. Era-me mais que irmão, ouve...

Lembro-me como uma vez, como numa parlenda, dizia ao Kosta Mihalchev, chefe do MVR em Petrich:

— Para de espalhar que sou tua colaboradora da Segurança do Estado, desgraçado. Para de dar relatórios que me levas sob o pseudónimo Strumska. Não mintas aos grandes e aos teus chefes diretos que sou tua agente da Segurança do Estado, supostamente ó. Que Strumska sou eu para ti, ó desgraçado sem vergonha. Sei que és culpado de todas as minhas desgraças. Foste e és um porco, um ladrão, um ladrão. Ouve. Anão. Anão de alma. Ouve. Tu e mais ninguém, durante todos estes anos de chefia, me roubaste. Quem não vendeste, quem não traíste, ó hipócrita dos hipócritas. Tu e só tu. Mais ninguém. Sei-o. Os mortos mo dizem. Aqueles que pessoalmente mataste. Mas, para que saibas, vais apodrecer como o camarada Ninguém. Bem sabes que és nada e ninguém, não sabes. O violentador morre como violentador, ó indigno, imundo. Ouve. Ouviste, camarada Ninguém. Maldito sejas, maldição, maldito. Amaldiçoo-te, porco, com toda a maldição negra.

Mãezinha, como disse — assim aconteceu.

O que mais te hei de dizer. E quem te pode dizer mais que o silêncio dela. Ninguém, Ninguém.

Como disse, assim morreram, não é.

O ESPÍRITO

A pedido do meu chefe geral e amigo pessoal Stefan Neichev, aceitei pedir à tia Vangélia que atendesse um malfeitor do Comércio Grossista em Sofia. Porque eu quarenta e três anos vivi em Sofia e pelo mundo. Foram-se, como se nunca tivessem existido, esses anos. Verdade, o tempo não existe.

Pois este MOL, materialmente responsável, dera défice enorme. Beberam e não se lembrava onde escondera os valores do volume de negócios, e era muito dinheiro, não é. Supostamente escondera, para não lhos tirarem e não se lembrava onde os pusera. Mentiras-Vere. Mentiras-Vere, hein. Para mim, era-me completamente igual o que o canalha bêbado me mentia, porque sabia que a tia Vangélia o meteria no lugar de onde viera. Não suportava, mas mesmo nada, ladrões e bêbados. Bêbados. Especialmente os que roubavam o Estado. Lele-mãe, não estejas perante os olhos dela. Não estejas à frente dela, eia.

Pois, com o carro pessoal do implicado, porque os bandidos também na altura, como agora, tinham Mercedes e tudo, para que saibas, e hop — direito a Rupite à dela. À tia Vangélia, quer dizer. Lá, como nunca, não havia ninguém. Nem fora, nem dentro. Nem guarda, nada. Direto paraíso. Paraíso do silêncio.

E eu entrei direito à dela. E ela, uma alegre, alegre, alegre, até me mostrou a língua e de repente diz-me:

— Ora traz-mo, esse apache teu para mim, para eu lhe dizer como se embrulham milhares-milhares de levs no jornal Rabótnichesko Delo. Para lhe dizer onde escondeu a caixa atrevida, porque pensou que havia excedentes. Qu-qu-qu — ri-se, ri-se ela — Bem, mas o cérebro dele curto de memória, pequeno e vai para a prisão. Vai o bêbado, o bêbado dele com bêbado — cambista, direto para a prisão, se não lhe disser que o dinheiro está lá onde o escondeu. O álcool, Pexe, tudo destrói. E rabo e cabeça. O bêbado é pior que o louco, para que saibas. Ouve.

Eu até me encolhi, mas chamo o diabo à dela e num instante saí, que não queria mesmo ouvir como esfolava vivo este atrevido. Mas ela fala tão alto que mesmo morto ouvirias:

— Porque, ó desgraçado, quando te embebedas como enxada, escondes o dinheiro roubado, hein. Ei-los. Em maços, em maços

embrulhados em jornais duplos Rabótnichesko Delo. E meteste-os na caixa enorme com os subornos. A caixa com os subornos, sabes onde está, não sabes. Ora, aí estão também esses dinheiros que não declaraste a tempo. Ora agora devolve tudo direitinho. Em monte e gorjetas e os regulares. Oxalá te venha juízo, para da próxima não beberes como esfarrapado. Ouve. O dinheiro está na tua caixa, atrás do sanitário, ó cagão imundo. Devolve já, que vais para a prisão por muito tempo. E suplicar misericórdia a esse homem de ouro Stefan Neichev, para não te entregar à investigação, porque vais queimar-te à luz do dia, como nada. Queimar, ouve. Ouve.

Meu Deus, e o nome do chefe abanou-o, e a mim escureceu-me completamente, e corri para as nascentes minerais no fundo de Rupite. Mal tinham oferecido as galinhas-da-guiné. Galinhas maravilhosas, com pintinhas brancas na penugem cinzento-preta e cabeçazinhas nuas com orelhinhas, como se pintadas com tinta branca e vermelha, tinta pascal. Puro gozo. E assim olhava-as, olhava-as, acariciando-as com o olhar, perguntando-me qual era macho, qual era fêmea. Nem se distinguem.

À volta de mim ninguém. Silêncio total. Só pensava nisso assim. Passava-me pela cabeça, uma ideia assim. Ninguém, só um galo, garboso, cacarejava assim, vermelho, lustroso, com cauda muito emplumada e incrivelmente bela, colorida. Galo valente, sem dúvida. Aqui, em Rupite, parece que algo engorda estas aves. Ficam enormes. Espantava-me se ele as cobria ou não, as galinhas-da-guiné, passando-me pela cabeça pegar duas e criá-las em Sofia, no rancho com a avó, mãe da minha mulher Maria. A avó Lozena criava galinhas de raça e perus.

E já me via a criá-las e tornarem-se muitas, muitas... E olho, o materialmente responsável sai disparado da casinha da tia Vangélia, como louco de alguma loucura feroz. Ficara completamente lunático. Uma insolação batera-lhe.

— O que aconteceu — digo-lhe — acertou-te... — e faço-me de parvo.

— Deixa, deixa, dispersou-me toda a família. Enlouqueceu-me. Estou assustado até ao fundo do cérebro, eia. Disse para não lhe tocarem nas galinhas, que se zangam. Mãezinha, vamos fugir, irmãozinho. Tenho um medo terrível...

— De que galinhas falas, ó.

E nesse momento, de dentro, do além, ouve-se um grito trovejar, trovejar, até me encolhi. Espanto:

— Vais levar duas galinhas-da-guiné, hein. Vais criá-las em Sofia, com a tua avó Lozena, hein. He-he-heee. Só se lhes tocares, ouve. Com o galo parto-te a cabeça, ouve. Ouve.

Ora, sem dúvida. Mãe-mãezinha. Egati o milagre e o monstro juntos. Nem podes pensar algo na mente. Vai esconder-te algures, se conseguires dela. Morrinha. De onde me leu os pensamentos, viu os sonhos, não sei. Confundi-me e digo-lhe:

— Quem toca nas tuas galinhas ó, maluca doida, doidivanas, imunda. Um homem nem pode pensar algo. Eu só me espantava se o galo cobria esses papagaios pintados, ó. Que mal tem. Os pescoços ficam nus. Ouve.

— Vais ver exatamente quem as cobre, quem as monta, ó águia, se eu sair. Só se eu sair ó, ó águia tagarela-doidivanas. Ha-ha-ha — morre de riso a querida e diz-me, diz-me:

— E não me tragas mais tais ratos, que me dói muito a cabeça, ouve. E vem no próximo domingo. Levo-te ao mosteiro de Rojen, para acendermos velinhas, ouve. Depois, no moinho em Kŭrnalovo, bebemos um golinho com menta, tia. Cantaremos, filhinho. Ouve. Ora agora, leva muitas saudações à tua família. Ouve.

ela é ela. Não há outra assim. Não há. E digo-lhe:

— Ouvi, ouvi, ouvi, que rebentes... — E rindo-me, meti-me no carro do gatuno e fumo que não nos vissem. Arrancámos para Sofia, sem as galinhas-da-guiné. Fugir é que é. Não há moleza. Aquele conduzia como mastigado, até cuspir num vaso pisado. Como chegámos, só eu sei. Zigzag, zigzag, em pavor total.

Olha, o dinheiro encontrou-se, e o bêbado salvou a pele, porque deu grandes excedentes. Idiota é idiota. Não sabe roubar, e meteu-se a «enriquecer». Grande piada, não é. O meu chefe disse-me bravo e assim acabou a minha criação de galinhas-da-guiné e de patos. A sorte é sorte. Ou tens, ou não tens, para que saibas.

Mais tarde, quando fui com a tia Vangélia ao mosteiro, morri de rir, porque ela me contou o que ainda dissera ao apache Georgi, até à nona geração. Imaginas, hein. Entra-te mesmo no cérebro, eia. No cérebro dentro.

O homem enlouquecera de horror. Mas, ora, dela passa.

Agora em Rupite está cheio de galinhas-da-guiné e os meus cães Yantŭr, Jiveц, Djina e Snežec morrem por brincar com elas. Grande voo e grasnido cai, que os cães param em posição de sentido e começam, de alguma forma, a rir-se. Riem-se, riem-se até se partir. Quem sabe o que exatamente veem. Talvez a tia Vangélia lhes faça graças, sei lá. Assunto de cão. De cão.

De resto, eles sabem milhão de vezes mais que nós. Mas nem cão sejas. É assim, sem dúvida.

DIMENSÕES

Outra vez algures nos anos sessenta do século vinte. Ehee.

Como se diz, há mil anos e eu cantava-lhe, cantava:

Ora, sol, põe-te —

a lua brilha...

Até o meu tambor chorava, em pena penosa. Soltei um gemido e parei. Chorava. Chorava de sofrimento louco, vendo os abismos jorrados da tia Vangélia. A bondade dela chorava, eia. Meu Deus, mas choro para veres. Não viste tal coisa. Não. Não viste o choro da Visão. Da Visão da cegueira dela. A alma dela chorava, com lágrimas de poço da santidade dela. Acariciou-me a cabeça e, como de algum além-túmulo, soluçou, soluçou:

— A canção, Pexe, é como a raiz da raiz, das civilizações terrestres. ela vê todas as dimensões, para que saibas. Ouve. Aqui connosco, filho, vivem pelo menos mais dez-onze civilizações. Civilizações terrestres, ouve. Ouve. Não as vês, porque estão noutras dimensões, atrás dos mortos. E, no fundo dos oceanos vive a mais antiga e a mais alta delas. A mais, mais inteligente...

De tempos a tempos, saem à praia para ver o Sol e a Lua. A Lua, filho, é a nossa pátria ancestral. A Lua, para que saibas, não a Terra. A Lua é a nossa mãe. Quando formos para trás dela, verás que é assim. Lá estão ELES. Sabes quem, hein. Em lua cheia, se sentires pena suave, para que saibas que ELES cantam. Cantam às estrelas — olhos dos nossos ante-antepassados. E nós somos das estrelas e voltaremos às nossas estrelas, filhinho. Voltaremos. Lá, e isso é o sexta dimensão da Alma. Da Carma. A

Carma, Leis das causas e efeitos em cada dimensão. A alma é a mesma, ouve. Ouve. A lei das leis é a Alma. A Força. Sim, a Força.

Ora, começou outra vez e tremo nos tremores do meu encolhimento, numa pontinha completamente invisível. Desapareço outra vez, quem sabe onde. Arrepiei-me todo e balanço, balanço em pavor louco. De todo o lado me arrepio. Arrepio-me e pronto. E ela tagarela, tagarela maravilhas das maravilhas nunca ouvidas:

— E para que saibas, podemos ter acesso com muitos corpos, com formas humanas ou outras. Eles estão em estado de nos ajudar no salto catapultante da consciência, para usarmos completamente o universo e os universos, existentes para nós.

A reflexão de que nós próprios podemos ser multidimensionais, expande o conhecimento limitado das leis que guiam o Espaço. O Espaço, para que saibas. E, quando o homem começa a estar no segredo da expressão mais incrível, das infinitas variedades, torna-se Criador. Sim. Criador, filho, ouve. E nós podemos criar a própria realidade física. Ouve. O mundo, Pexe, é sistema aberto, que parece redemoinho no meio de rio. Quando o rio muda, muda também o redemoinho.

Se quisermos evoluir, temos de remover a ilusão da separação, além das diferenças das espécies, como consciência cósmica composta.

Temos não só ADN físico, mas também ADN emocional e ADN Espiritual, ligados indissoluvelmente a nós, nesta existência. Porque há outra existência, para que saibas. Ouve.

Assim, Pexe, no invisível existem também outras civilizações, nas margens da própria Terra. Verdade é, para que saibas.

A origem dos seres humanos e de alguns extraterrestres que visitam a Terra é comum. Comum. De um mesmo Princípio comum. Comum. Ouve.

Há grupos de extraterrestres que são de facto idênticos e semelhantes aos humanos em tamanho, aparência externa e natureza física. Completamente iguais a nós. Um a um. Sim.

Os visitantes extraterrestres são absolutamente discretos e, para que saibas, existem. Existem. Verdade é. Estão aqui, entre nós. Vêm e vão, quando e como quiserem. Pois. Isso é a plasma cósmica da Eternidade. Da Verdade. Eeeh, Meu Deus-Senhor, Senhor. A Verdade muda-se, Pexe... Muda-se. Ouve. Não há verdade eterna, percebeste. Ouve.

Suspirou-suspirou e calou-se, como se nada tivesse sido: — Ora, até quando te espero para me cantares, ó tagarela, aquela tua canção. Canta-ma, ó, criança doida da Canção. Parte com ela pelas dimensões da Profundidade. Acorda a escuridão... Canta, meu nimbo. Canta, Pexe.

E chorei, sufocado em lágrimas de alegria. Alegria extraterrestre, que cantava-lhe outra vez, que estava aqui na Terra. E na Lua. Meu Deus, que alívio.

Simplesmente cantava, canção recém-nascida no momento, na minha consciência para ela.

Para a tia Vangélia:

Cassandra és tu, santa Vanga,

renascida da eternidade.

Nostradamus ou prisão,

luz cegada.

Síbila és, santidade...

ela emudecera, na maravilha da Criação. Participava nela, pasmada da penetração do instante. Eeey, para que saibas, a felicidade de criar algo é o maior toque na Força do bem. Não há nada mais belo que isso. Essa é a Essência. Ouve.

Depois, sozinhos, só nós dois, bebendo absinto com menta, em dueto forte cantámos:

Não te zangues,

velha mãe,

porque estou bêbado...

Dançávamos, dançávamos o horo louco, como ruivos tagarelas, da pré-eternidade do plasma. Horo da terrenidade. Completos malucos. Míticos com o extraterrestre e terrestres com a terra.

— Pois nós somos terrestres, Pexe. Terráqueos somos e o nosso signo é octagrama. Octagrama volumosa, para que saibas, ouve. Octagrama cósmica. Essa é a nossa lei. Estrela. Estrela-octagrama...

A ILUMINAÇÃO

A tia Vangélia bordava algo, enredava-o, enredava e falava-me:

— Tu, o que pensas. O meu pai também me batia, quando mais pequena, assim. Eia!, quantas vezes me bateu, para que saibas.

Olha, a minha mãe Paraskeva, nunca. A minha mãe, a querida, nunca, Pexe.

Uma vez, lembro-me, trepara à figueira do vizinho, para colher o marmelo mais amarelo. O mais amarelo, o maior marmelo. Cheirava tanto, o maldito marmelo a beleza, que enlouquecia de paixão para o colher. Para ser meu, para o cheirar de paixão. E o meu pai, ao encontrar-me, baixou-me, espancou-me no rabo... Bateu, bateu, até azular. Não o esquecerei enquanto viver.

Mas eu, como menina, era muito travessa. Muito. Rapazola era. Nada me calava. Ora, ó, criança louca. Louca.

— Ora, como se agora não fosses louca, não é — digo eu e rio-me debaixo do nariz.

— Ora cala-te agora, que te conto o que foi, o que não foi. Tuuu, águia doida, maluca, ó. Pois, estás a ouvir. Estás a ouvir-me, ó. A mim o tornado cegou-me, quando já era maior. Donzela era. Eia!, donzela das donzelas, tia. Com olhos assim, olhos de chávena. Azuis, azuis — azul. Macedónia de olhos azuis, acima das macedónias, ouve. Porque nós somos macedónios, não é, filhinho. Eu sou de Strumitsa, e vós de Radoviš, não é assim, hein. Se agora vivemos em Petrich, ouve.

Os meus olhos levou-os o tufão, filho. E a mim toda me ergueu, o maldito tufão ou tornado, e atirou-me não sei onde — nem vejo, nem consigo mexer-me. Estava toda esmagada. Cegara-me, Pexe. Fiquei cega, filhinho, para toda a vida.

Ainda bem que o meu pai me encontrou... Não foram médicos, avós e sei lá o quê, mas nenhuma ajuda.

Mais tarde fui a Salónica aprender o Braille, que é para cegos, sabes. Aprendi-o. Consigo ler por ele como por água. Mas, que proveito. Muito mais tarde, por volta de mil novecentos e trinta e quatro ou antes ou depois, não me lembro, ELES vieram dizer-me que devo anunciar, avisar as pessoas que haverá guerra. Haverá Guerra Mundial. Eu nem entendia do que falavam. E de onde havia de saber, não é.

Primeiro veio um cavaleiro, assim, com o cavalo dentro do meu quarto. Surgiu mesmo perante mim. Sobre mim até. Mas todo brilhava, como sol assim. Ele e o cavalo brilham. O cavalo, como unicórnio, branco, branco, brilhante, falante. E Deus, de repente diz-me, assim:

— Foste escolhida pela Inteligência, para predizeres às pessoas o que acontecerá adiante, ainda antes de acontecer, para que saibam. Para se prepararem e não temerem.

Olhava-o, olhava-o, como se não fosse cega, mas nada entendia. E ficara completamente mole, olhava-o, olhava-o, como pasmada, desfalecida de ternura e paixão. E alegrava-me, alegrava-me, como se estivesse apaixonada por ELE. Porque era muito, mas muito, muito belo, digo-te. E como cheirava, como cheirava, Ai de mim. Não tens ideia. Não tens ideia de que bem-aventurança fluía DELE. Beleza, Pexe. Bela beleza, para que saibas.

E Ele ergueu-se com o cavalo e mal ia voar assim, virou-se e gritou-me, até me encolhi. Mãezinha.

— Não terás filhos. Todos serão teus filhos. E velhos, e jovens. E vivos, e mortos. A ninguém digas de mim. A ninguém. E ainda: todos nós viremos ter contigo e dir-te-emos como e o quê atender. Para profetizares. — E desapareceu. Ora, assim, simplesmente desapareceu. Não há. Onde, como, mas percebi.

Passou tempo assim e, um dia derramaram-se no quarto, na casa do meu pai em Strumitsa, mesmo perante mim. Mesmo ao meu lado, todos os santos. Derramaram-se de repente, todos os santos. Sabes o que é isso. Não sabes, Pexe. Como brilhou, uma luz assim, como se o Sol entrasse em casa. Que beleza apareceu, meu deus, não tenho palavras. Palavras não há para to descrever como deve ser, para compreenderes. Beleza nunca vista. Brilho nunca visto. Não, não era o paraíso, mas algo muito, muito mais belo. Muito mais florido assim. Tanta flor, tanto sol, Pexe.

Cercaram-me, cercaram-me assim, todos perante mim e via-os individualmente. E via-os. Mas um bem-aventurança, Meu Deus, Senhor, embalava-me no regaço, como se fosse de Deus — DELE. Desfalecera numa magia desconhecida. Magia, desfalecida. Desfalecida, até aqui debaixo da colherzinha. E ondas me inundavam, inundavam, como se voasse, voasse, de alguma forma. E começaram a sussurrar algo entre si, como se consultassem algo. E decidiram que atendesse à chama. Ao fogo. À chama de velinha acesa. E, pela chama da velinha, de alguma forma

predisser. Sim. Exato assim me disseram. Olhar para a chama, o que acontecerá, o que não acontecerá, muito, muito antes do tempo. No futuro que virá, não é, através da chama.

E, um a um, todos passaram, acariciaram-me os olhos e beijaram-me a testa. Primeiro a testa, depois as duas bochechas e mais os olhos, como se lá estivessem. Sentia que me acariciavam os destinos e todas as fortunas, juntas. Todas as fúrias.

E eu, como se nas nuvens, não é.

Acenderam uma velinha maravilhosa, nunca vista e muito interessante. Eu tal não vira. Olha que coisa! E mal flamejou, flamejou assim, pegaram-me nas mãos e puseram-nas, como se segurássemos a chama nas palmas. Assim, como se florisse nas minhas mãos. Nas palmas.

E, Meu Deus-Senhor, como se ganhasse os olhos mais mágicos. Vejo tudo. Tudo. Coisas, coisas que nem sonhara, nem sonhara. Surpresas. Surpresas, de todo o lado.

E foram-se. Assim, como fumo. Opa, e ninguém no quarto. Evaporaram-se, Pexe.

Um deles, de alguma forma voltou, pegou na velinha e gritou-me, gritou:

— Diz às pessoas que haverá Segunda Guerra Mundial. Planeia-a Estaline e acendê-la-á através de Hitler. Estaline, Estaline, Estaline é o incendiário. Mais ninguém — e evaporou-se.

Nem sei quem é esse Estaline, nem o ouvira, mesmo. Mas o Santo assim mo disse, assim to digo agora, Pexe. Disse-mo, até a cabeça me flamejou. Toda, como se ardesse em fogos do Fogo, em geral. E até hoje, esse fogo murmura, murmura em mim. Ainda me murmura. Guerra é isso, Pexe. Guerra, tia, ouve.

E, quando se juntaram, juntaram em casa amigas, parentes, vizinhos, isto e aquilo, digo-lhes:

— Para que saibais, daqui a um-dois anos, haverá Guerra Mundial. Muita gente morrerá. Muita. Para que saibais, eia. Para que saibais...

E todos riam-se de mim, riam e troçavam. Não sabiam, Pexe. Não sabiam. Não sabiam. Mas, pronto, não passou tempo e a guerra explodiu. Começou. E, olha só o que aconteceu. E, como comecei a ver, a atender mortos vizinhos, próximos, parentes e sei lá o quê, e sei lá o quê. Feridos,

não feridos. Ensanguentados, mutilados, tudo. Tudo. E de alguma forma, não sentia medo, nem nada. Até, não sei porquê, mas caía numa calma absoluta da calma, mesmo.

Simplesmente digo o que vejo e pronto. Como se lêssemos telegramas, assim.

Só depois comecei a ver os mortos. E a dizerem-me o que precisam. Para eu dizer o que esqueceram de dizer aos vivos, não é. Tudo. E eu digo-lho. E assim, os mortos de um lado — os vivos do outro, e eu no meio. Quem, como morre e opa, senta-se ao meu lado. E, olha só, Pexe. Transmito o que vejo, o que ouço. Como se acordada os visse, é isso. Os mortos estão vivos, Pexe. Vivos estão os mortos, para que saibas. Ouve.

Mas, perante mim, há sempre uma chama, um foguinho. Porque eu, todos os dias de Deus, acendo uma velinha. Para que brilhe. Para que cante. E a chama está-me sempre nas palmas. Como se viva fosse. Viva é. Não sei de onde nem como, mas tinha um maço eterno de velas. Talvez os santos o tivessem deixado, sei lá. Mas estavam lá.

Bem, mas um dia, mal peguei na chama assim e queimei-me, gemi, não sei, mas de repente, desapareceu e derramaram-se no meu quarto todos os santos. Tudo brilhou. A porta abriu-se e saiu, aquele cavaleiro nunca visto. Mãezinha. E Ele, e o cavalo dele, brilham, brilham, como Santidade em brasa. Mas não tens ideia, Pexe, o que é. Luzinha das luzinhas. Beleza inacabável.

Deus desceu do cavalo dele e ergueu-me, ergueu-me, acima de todos os santos e disse-lhes:

— Basta com a chama. De hoje em diante, até à sua velhice profunda, vai profetizar com açúcar. Com cubos de açúcar. Porque pode queimar-se ou derrubar sem querer a vela e, até chegarmos, tudo pode arder. Estas não são velas comuns, sabem, e pode até ela arder por dentro. Não convém. Vistes. Vistes o que aconteceu, não é. Virou-me para Ele e beijou-me, beijou os meus dois olhos. E, de alguma forma, como se me pusesse o terceiro olho, no lugar deles. Um enorme, olho que tudo vê — azul. Mas olho, para veres, Pexe. Toda, como se brilhasse no que tudo vê. Sim. No que tudo vê, para que saibas, ouve. Assim foi.

Pôs-me outra vez na cadeira, como estava. Beijou-me a testa, como para adeus e foi-se, como se evaporasse, com o cavalo dele. Direito para cima, através da nossa casa. Fundiu-se no Não-Ser. No Invisível, filhinho. O Invisível é tudo, para que saibas, Pexe. Ouve.

Ora, e todos os santos acariciaram-me, acariciaram, beijaram-me também e, como apareceram, assim se fundiram. É isso. Vai lá esquecer, se conseguires, não é.

Desde então, até agora, atendo com cubos de açúcar, Pexe. Toque-lhes e o milagre acontece. O olho abre-se ou não, não sei, mas vejo tudo e em todo o lado. Não há mortos, não há vivos. Tudo, mas tudo ouço, como se Deus me falasse aos ouvidos, Pexe. Tudo, ouve.

Assim começou o meu segundo destino. Tanto sofrimento, tanto graça. Grande benevolência divina, Pexe. Benevolência nunca vista, para que saibas. Canso-me muito, mas sou bem-aventurada. Bem-aventurada sou, filho, ouve. Bem-aventurada, por tudo o que tenho e o que posso...

E aquilo que te conta esse caçador de tesouros, o nosso Mitko, à Lyuba sobre a caverna com riquezas, nem o ouças, mesmo. Ele nada sabe. Nem saberá. Não lhe foi dado saber. Olha que coisa!. Isso é obra de Deus, Pexe. De onde havia de saber ele. De lado nenhum.

De resto lá, acima da aldeia de Pirin, há de facto uma caverna muito secreta com muitas, muitas antiguidades dentro, mas é guardada pelo Grande Espírito e quem lá entrar, lá fica. Cheia de caveiras e ossos. Vai ver, se tiveres coragem. Eu posso dizer-te exatamente onde é e o que é, porque ELES me dizem que o Grande Espírito nem te tocará. Mas isso não é assunto teu, ó tagarela, doidivanas águia, imunda. Fica quieto, minha alma. Não precisas. Não.

A tua vem depois da minha, Pexe. Não te apresses. Não te apresses. Tudo virá como deve ser. Viste os sherpas conquistarem o Evereste nos Himalaias, hein. Não. Porque haviam de o conquistar — eles lá estão, Pexe. Filhos dele são, não é. Ouve.

Ninguém arrumou o mundo, exceto a Força. Ouve. É hora de parares de te dar todo. Hora de o compreenderes. Não há complacências, para que saibas. Ouve. Ora agora, vou deitar-me um pouco, que me cansei muito, tia. E não esqueças, Pexe: primeiro disseram-me para profetizar pela chama da vela, depois trocaram por cubos de açúcar, para não me queimar. Os cubos de açúcar são açúcar, não é. Não ardem, adoçam. He-he-he... — E de repente cantou, cantou:

Que me é doce, e querido,

em Struga a cidade,

ter loja.

Oh, lele, lele, amor meu,

a alma minha, minha alma, ardeu...

Canta, a querida, e adormece, adormece, no transe terrível da profecia dela. Em todas as profecias dela, que há neste e naquele mundo. E em sonhos atendia, a algum ou alguma grande sofrimento. Morreu de sofrimento, para que saibas. Digam o que quiserem, essa é a verdade, mais nada. Mas para que saibas, ela voltará. Não sei quando nem como, mas voltará, apesar de ser Cidadã Honorária da Profundidade, ouve. Cidadã honorária de todos os caos e universos. Da Grande Harmonia.

O GRAVADORZINHO

Num Primeiro de Maio, há muitos, muitos anos, Valentin Karamanchev, na altura presidente da União Búlgara do Livro e Imprensa, o general Kosta Kyulyumov, chefe do importantíssimo sexto departamento da DS e Ivan Popovich, filósofo e conselheiro do chefe do MVR Dimităr Stoyanov, com as mulheres, trouxeram à tia Vangélia um gravadorzinho do Corecom, pelo qual ela dera dólares adiantados, e eles compraram-lho, porque tinham acesso a compras lá. Mimados do Partido, sem dúvida. Como quer que seja.

Ao entrarem, lá dentro estavam também Mile Markovski com a mulher, mais Mitso e Kitso, irmãos da mulher de Valentin. Kitso estava destacado dia e noite do MVR junto à Vanga, e a ela era-lhe indiferente, não é. Mas, em interesse da verdade, Kitso era homem consciencioso e decente.

A casinha encheu-se até cima, mas mal nos acomodámos e entrou a irmã dela Lyuba. A irmã da Vanga da madrasta dela.

— Avó, não há táxis nenhum. Não há, avó. Não consigo encontrar-te táxi.

— Vais procurar outra vez — diz-lhe a tia Vangélia — tenho de ir ver o meu afilhado na estação Pirin. Dei-lhe a minha palavra. Se não houver, vais ter com o presidente da câmara Katulata, para dar carro, senão não haverá alpaca de Kremikovtsi para Petrich. O diretor de Kremikovtsi pede-me para receber a mulher dele para lhe atender. Ha-ha-ha... Vou atendê-la. Ouve.

A Lyuba foi, foi onde foi e voltou e diz:

— Avó, não encontrei ninguém. Nem Katulov, nem táxi. Lá fora há um de Kyustendil. Há três dias espera para o receberes. Está disposto a levar-te à estação Pirin e trazer-te de volta.

— Dá-me esse aí, Lyube. Dá para o ver, que homem é.

E entrou um homem pequeno. Mas, ao entrar, atrás da porta estava sentado o enorme Valentin Karamanchev, que se inclinara para abrir e ela bateu logo com o peso dele. Este homem, ao ver tanta gente lá dentro, cambaleou e apoiou-se no Valyo. Nas mãos dele o jornal, com os cubos de açúcar, tremia de pavor. Engolira a língua. E a tia Vangélia:

— Porque andas por banhos, ó. Vais cozer nesses banhos. Em Kyustendil há um único médico com bigodes assim. E as alpercatas dele são médico. Ele te curará. Para com esses banhos, ouve. Ouviste. Mas tu, porque tens tanto medo da água, hein.

— Porque me afoguei — mal deixou cair, o trémulo.

— No Volga te afogaste, ó — diz-lhe a Vanga. — Sim.

— Ora, o que fazias lá.

— Estava em excursão.

— Aha. Tu o que és agora ó, não és funcionário. Trabalhas na Energo.

— Sou encarregado na Energo.

— Roubas fio.

— Roubei.

— Quantos filhos são.

— Somos dois irmãos.

— E esse menino, Georgi, que morreu, não é filho da mãe deles. Quer dizer que são três.

— Ooo, verdade, verdade, verdade.

— Porque te zangas tanto com a tua mulher, hein. A um filho fizeste casa, e ao outro, de quem estás apaixonado pela mulher, não dás um tostão, para o menino comprar carro. E sem ti vai comprá-lo. Odeia-lo, por causa da mulher dele. Não tens vergonha. És muito mau homem. Não viajo contigo. Fora.

Ora, de propósito o fez, assim em espetáculo, por causa dos convidados. Dos importantes convidados. E ao Mitso diz-lhe:

— Mitso, tu és cão pequeno, sarnento, que me ladra e persegue, mas vais partir a mandíbula. De todo o lado te vão tirar, cão sarnento... Vão-te expulsar.

E começou, conversa de todo o tipo. Todos lhe oferecem os carros, mas ela recusa. Assim passou esse Primeiro de Maio.

Mais tarde, Kosta Kyulyumov veio ter com a tia Vangélia, com pedido para receber Filip Bobkov, na altura vice-presidente do KGB da União Soviética, pelas questões ideológicas. A tia Vangélia recebeu-o, e a nós todos expulsou lá para fora. Ficaram sozinhos. ela e o general Filip Bobkov do KGB. Não sei o que falaram, mas Bobkov saiu como bêbado. Não sabe onde está, eia. Cambaleando, cambaleando, só disse:

— Ora, ora, Kosta, vamos embora. Dosvidaniya, Petya, spasibo... — e cambaleando, cambaleando, subiu ao carro com a escolta dele. Veio de joelhos ter com ela, e foi-se como se tivesse visto o Juízo Final, eia...

Mãe, quando veio ter com ela o grande escritor soviético Leonid Leonov. Um siberiano, assim. Logo da porta, a tia Vangélia diz-lhe:

— Quem é esse de bigodes. Alto, magro, de bigodes... Maksim... Maksim... Alto, magro, de bigodes, que te fez escritor, ó. Reconheceu-te como escritor. Mostrou-te ao mundo.

— Maksim Gorki — balbuciou Leonov, amarelo como limão, até o cabelo lhe arrepiava, como de choque elétrico — ele descobriu-me, ele é tudo para mim. Ele fez-me homem. Maksim Gorki fez-me o que sou.

— Maksim Gorki, hein. E porque não o honras, hein. Desde que morreu, nem uma vez foste ao túmulo dele. Grande pecado, Leonide, para que saibas. Ouve. Mas é nada perante teres esquecido o túmulo do teu pai. Não tens vergonha — e começou-o. Mas não é para contar. Não tens ideia do que lhe disse sobre a União dos Escritores da União Soviética. Desmascarou-os, até às intrigas mais fundas e lutas pelo poder e unção de cima, Partidária.

Lá estava também o escritor Lyubo Georgiev da União dos Escritores na Bulgária. Pergunta-lhe, vais perder o juízo. Leonid Leonov, ao sair, não parava de se benzer, não parava de se benzer e bradar «meu deus, meu deus, porque me abandonaste?...»

Veio de joelhos, benzendo-se e morrendo de medo. Mais tarde escreveu que Vanga é a mais santa, Santa.

Assim sendo, comecei pela União dos Escritores, conto do atual chefe deles Petev. Outra vez, através de Valentin Karamanchev, Petev veio ter com a tia Vangélia. Capitão Nikolai Petev, tivera quatro-cinco casamentos. Gosta de casamentos, o homem, não é. Pois o pai de uma das mulheres dele estava na embaixada no Zimbabué ou sei lá, queria comprar lá terra e Petev ir fazer tipografia em África. Por isso viera perguntar à tia Vangélia se devia ir ou não, e ela diz-lhe:

— Ah, és tu aquele que publica os livros da minha sobrinha sobre mim, sem me perguntarem.

— Sou eu — diz Petev.

— Porque ela me diz que nada lhe dás nem pagas.

— Como não lhe pago, tia Vange. Pago-lhe.

— Cadela — diz a tia Vangélia — cadela... Mente-me e pensa que não sei. Não me perguntou. De agora em diante, se quiserem fazer algo, para que saibas que têm de me perguntar, ouve. Ouviste-me. Ouuvve. E, se és louco, vai para África. Não precisas desse trabalho. Ora agora, adeus. Ouve.

Assim Petev não foi para África.

Uma vez, Kitso veio com a irmã dele, mulher de Valentin Karamanchev, para perguntarem à tia Vangélia por uma colega dela do quarto departamento da Segurança do Estado. A mulher que lidava com os documentos e dossiers mais secretos, há dois dias desaparecera e todo o ministério do MVR estava em pânico total, porque essa mulher sabia quase tudo o mais, mais secreto. A tia Vangélia só disse:

— Não temam, não há perigo. Procurem-na em Karlukovo. Ouve. Loucura. Ora, aí a encontrarão. Ah, espera, espera. À outra tua colega, que abre as cartas, essa sim, nora de Georgi Djagarov, mulher do irmão dele ou quê, digam-lhe que a criancinha dela foi atropelada, porque se agarrou à tampa atrás do camião, querendo subir, sem o motorista notar e, ao dar marcha-atrás, esmaga-a no lugar, sem saber que havia criança. A investigação descobrirá. Digam-lhe para não se atormentar, porque a criança dela está no paraíso. Ouve — e desmaiou.

Sempre, ao ver grande sofrimento ou morte desmaiava, não sei porquê.

Ee, não consigo esquecer o sofrimento de uma maravilhosa mãe russa, a quem, durante as Olimpíadas de Moscovo, raptam a criancinha. Menino de nove anos.

Essa mulher escrevera a todas as instâncias da União Soviética. Escrevera a Leonid Brejnev, e a Valentina Tereshkova, a cosmonauta, na altura secretária do Comité das Mulheres da União Soviética, e ao KGB, e a sei lá quem mais.

Em vez de a ajudarem, submetem-na duas vezes ao detetor de mentiras, para não ser ela a inventar as coisas. Ora, porcaria até ao pescoço.

Então, Valentina Tereshkova lembra-se e propõe encontrarem alguém para a levar à Vanga na Bulgária. Pois a tia Vangélia, o que quer que lhe dissera a Valentina Tereshkova, tudo se cumprira. E a Titov, e a Bykov, e a Leonov... A todos os cosmonautas.

E, quem, quem, quem, lembram-se e escolhem Toma Dremdjiev, a voz de veludo da Rádio Nacional Búlgara de Moscovo. Encontram-no e destacam-no para levar essa mulher a Petrich. E o Tomcho era petrichanino de sangue puro, não era.

E, na véspera de Ano Novo, mais exatamente a trinta e um de dezembro de oitenta, contra primeiro de janeiro de oitenta e um, chegam a Rupite.

A tia Vangélia estava exausta de cansaço e dizia-me que a cabeça lhe doía terrivelmente. Não recebia ninguém. Digo-lhe:

— Ó, recebe só esta mulher de Moscovo, tia, é mãe.

Ah, a tia Vangélia, geme, geme:

— Que entre, mas o Tomcho traduza, para não errar algo, Pexe.

— Pasmado. Eu não sabia que o Tomcho estava aqui, e ela... Meu Deus.

E olha o que acontece, irmãozinho. Mal entra, como se atira aos pés da tia Vangélia, essa mulher, mas não tens ideia, irmão, que mulher era. Não tens ideia do que se trata. Dama Russa, das damas. Com beleza incrível. Como se visses Vassilisa a Bela, das contos russos. E dos olhos dela flui inteligência e intelecto total, em geral. Uns olhos húmidos, tristes.

Olhos de sofrimento materno. Mulher de muito antigo sangue aristocrático, eia, para que saibas.

Pois, como se atira essa mulher aos pés da tia Vangélia, beija-lhe os pés e chora, chora:

— Tyotya Vanga, tyotya Vanga, peço-te tia Vanga — mas pelo menos mil vezes o repetiu.

A tia Vangélia, toda arrepiada e diz-me, diz-me:

— Tudo me passou, Pexe, esta mulher é infinitamente devota. Santa é. Que me dê o seu açúcar. Diz-lhe para se levantar, Tome. Que se sente.

E começou:

— Pelo menino vieste, não é. Pelo Vitalik, não é — mas ninguém dissera palavra à tia Vangélia.

Brilhara em toda a sua aura e luzia:

— A criança está viva. Viva está. Viva e saudável está. O Vitalik voltará. Sei onde está. Vejo prados verdes e ele corre por eles. Alegre está. Feliz está.

E por um instante calou-se, como se visse algo, e Toma Dremdjiev só punha o dedo ao nariz e fazia sinal à arquiteta Sholachkova, esqueci-lhe o nome próprio, para calar. Silêncio de tumba. E de repente, a tia Vangélia, como se desatasse e falou:

— Vives no terceiro andar, não é. Em Moscovo, no terceiro andar. Ora. Sobem dois indivíduos. Tocam à campainha. Abre-lhes a tua criança. O Vitalik abre-lhes. Dizem-lhe que o pai os mandou, para lhes dar o que pedira. E a criança deixa-os entrar. Levam tudo. Mas o teu relógio de ouro, que está no aparador em cima, na chávena, não encontram. Dizem ao Vitalik para ir com eles, ao pai. Metem-no num carro preto. E desaparecem. Mas devolverão a criança. Vejo-o com mochila às costas, como se fosse para a escola. Com mochila às costas está. O Vitalik voltará. Vitalik é não é. Vitalik é, Vitalik...

E essa mulher, como estava de mantilha preta, como para morto, desatou-a e atirou-a ao ar e atirou-se outra vez aos pés da tia Vangélia, uivando de alegria:

— Vanga, Vanga, Vanga... — não sei quantas vezes lhe beijou os pés e as mãos. Abraçou-a, para adeus e foi-se, transbordando de felicidade materna.

Mais tarde, antes de morrer, o Tomcho disse-me que a criança de facto voltara para casa. Apertou-me a mão e através de lágrimas, como para adeus, sussurrou:

— Eeh, Pexe, Pexe. Petrichanino é petrichanino, especialmente se for com a alma. Obrigado...

A tia Vangélia estava muito, muito acima destas coisas, mas acima de tudo era Pessoa-Humanidade. Eeeh, tia, tia, quem não recebeu, a quem não acertou.

HIPNOSE

Logo desde a minha chegada a Sófia para estudar, o Destino — não sei porquê, mas não posso nem quero perguntar-lhe — foi infinitamente benevolente comigo, ligando-me a algumas das personalidades mais ilustres e notáveis da Bulgária e de fora dela, de quase todas as áreas da vida. Começando pelo académico Nikolai Obreshkov e pelo tio Dechko Uzunov, passando pelo académico Nikolai Kaufman e pelo génio tio Genko Genkov, por Stefan Getsov, até ao académico Sendov e a John Atanasov.

Uma pletora das mais importantes figuras de artistas, escritores, cantores e os mais incríveis cientistas. Mas, entre todos eles, senti-me infinitamente feliz por o destino me ter ligado numa amizade inseparável ao precioso cientista e grande inventor de tudo e mais alguma coisa, Krum Tsvetkov. Era bastante mais velho do que eu. Secretário-geral da União Técnico-Científica da Bulgária e membro correspondente da Academia Búlgara das Ciências. Um fenómeno natural dos fenómenos. No pleno sentido da palavra, um Homem de humanidade, com maiúsculas.

Era forte como uma rocha, muito forte. Mas, havia algum tempo, sofria de dores terríveis nas costas e mal se aguentava em pé. Simplesmente arrastava-se. No entanto, todos os exames, médicos e aparelhos mostravam que estava absolutamente saudável e robusto, como num manual. Um dia, diz-me ele:

— Petar, leva-me à Vanga. Há muito que quero conhecer essa maior de todas as profetisas e talvez ela me possa ajudar com alguma coisa. A dor é insuportável. Não tenho nada, mas a dor nas costas é cruel.

Liguei para a tia Vangélia pelo telefone de Rupite. Tinha telefone fixo, a querida. O número era 20-50, em Petrich. ela disse-me para ir ter com ela no dia seguinte, antes do meio-dia, às onze horas. Não sabia para quem nem para quê, nada.

Dito e feito.

À hora marcada, estávamos em Rupite. Vejo-a ao longe, sentada no banquinho em frente à casinha, à minha espera. Quando me sentiu, levantou-se e veio ao meu encontro, de braços abertos, como se uma águia voasse:

— Anda, Pesho, meu querido tamborzinho, minha canção e meu amor. Vem cá para eu te abraçar — e abraçou-me como a Mãe das mães.

Meu Deus, que ternura fofa era aquela minha tia Vangélia. Como um bebé. Tenra, tenra, um bebé que arrulha. Até chorei.

— Ora, ora, não chores, Pesho. Tudo se vai resolver. Entra tu também, Krum. Tu és o Krum Tsvetkov, não é? Anda, anda, o Pesho não me disse como te chamas. Foram outros que mo disseram. Outros, Krum, do mais alto, para que saibas. Ouviste.

Entrem, então. Krum, nós os dois somos quase da mesma idade, não é? — na salinha com uma mesinha, uma cadeira e a cama dela. — Tu, Krum, senta-te aqui ao meu lado, e tu, Pesho, do outro. Não tenham medo, estamos sozinhos. Até a mulher que me ajuda, a Vitka, mandei-a fazer qualquer coisa. É muito importante estarmos só nós os três hoje.

O tio Krum olhava para ela com evidente reverência, mas ela sobressaltou-o:

— A dor nas tuas costas, Krum, vem das tuas vidas anteriores, de antes, muito antes de Cristo. Se concordares, vou levar-te para trás, para essas vidas, para vermos o que aconteceu para que, exatamente na tua idade atual, apareça essa dor. Se concordares, começamos. Concordas em regressar àquela tua vida, Krum...

— Concordo, Vanga — quase sussurrou Krum...

E começou algo que eu nunca tinha sonhado, visto, nem voltarei a ver. Um conto de fadas acima de todas as minhas fantasias. Como se estivesse numa Força qualquer e não pudesse mexer-me.

Krum pareceu tremer ligeiramente, como um passarinho do paraíso, e relaxou na cadeira, como se o seu espírito tivesse voado para sabe-se lá onde. Os olhos esbugalharam-se como os de um peixe e transformou-se num corpo sussurrante, uma múmia, não sei. Nunca tinha visto nada assim. A tia Vangélia tocou-lhe levemente e um espírito muito antigo começou a falar, como se saísse do diafragma de Krum. Do plexo da nossa memória. Um espírito com o rosto de Krum, mas com a máscara da morte. E a tia Vangélia guiava-o, orientava-o:

— Volta ainda mais atrás, muito antes de Cristo. Anda, vai. Isso... Mais, mais atrás... Diz-me, onde estás agora...

— Agora estou ao colo de uma mulher muito bonita que cavalga um camelo elegante pelo deserto. Sou um bebé, ela é a minha mãe.

— Sim, essa é a tua mãe. Vai mais adiante. Diz, o que está a acontecer agora...

— Do meio das areias surgem beduínos e atacam a nossa caravana. Um homem qualquer disse à minha mãe para fugirmos e indicou exatamente para onde. O camelo saltou por ordem dele, como se voasse. Esse homem salvou-nos.

— Esse é o teu pai, Krum. Agora cresce depressa, depressa. Corre para a frente — gemia, gemia a tia Vangélia. E Krum respondia-lhe:

— Já estamos na grande cidade e eu estou a estudar. Olha, já sou erudito.

— Vai ainda mais adiante. Para. Onde estás agora — dizia-lhe ela.

— Agora sou o bibliotecário-chefe da Biblioteca de Alexandria e guardião de milhares e milhares de pergaminhos e dos livros mais valiosos, escritos em papiro especial tecido com ouro, cosidos com finos tendões secos de búfalo, entre capas de madeira, também revestidas com a mais fina pele de búfalo, com imagens em relevo.

— Vai, mais um pouco adiante, mas muito devagar. Ouviste. Para. Onde estás.

— Estou na biblioteca e vejo como, de pelo menos cinco lados, árabes invadem e acendem fogueiras com lenha e deitam resina. De repente, a

biblioteca incendiou-se ao mesmo tempo de todos os lados. Está toda em chamas. Peguei no Livro dos Mortos mais valioso, para os vivos, e fugi para o salvar. De todos os lados caem vigas em chamas e tudo o mais. Uma enorme viga caiu sobre mim e esmagou-me. Protegi o Livro com o meu corpo, mas não consigo mexer-me. Estou a arder. Os árabes puxaram-me e arrastaram-me para fora das chamas. Tiraram o livro debaixo de mim e fugiram. Uma dor terrível. A minha coluna está partida. Esmagada. Dói horrivelmente. Morri.

— Para aqui. Agora quero que vejas que estás morto e que a dor voou para outro lado. Vamos, agora começa devagar, muito devagar a regressar à tua vida atual. Já nada te dói, ouviste. Nada te dói. Ouviste. Não tenhas pressa. Devagarinho. Mais um pouco e estás nesta vida. Começa a respirar fundo e recupera a visão. Nada aconteceu. Não sabes de nada. Não te lembras de nada. Estás vivo e saudável e nada te dói. Ouviste. Nada te dói. Pronto. Bem-vindo de volta junto de mim e do Pesho. Ufa...

O tio Krum, como se acordasse de uma sesta leve, disse:

— Desculpa, Vanga, deve ter-me dado uma soneca, como se tivesse sido só um instante. Mas o que se passa, por favor. A minha dor desapareceu. Sumiu. A sério, já não me dói. És uma feiticeira, Vanga. Meu Deus, meu Deus, que milagre dos milagres. Acreditava, acreditava, mas isto não acreditava. Nem percebi como me curaste. Onde é que eu andei, Senhor. O que aconteceu...

E ela:

— Calma, Krum, não aconteceu nada. Simplesmente a sesta curou-te. Vamos, ainda tens muita vida pela frente. Ouviste.

Para que saibas, Pesho, vivemos na Terra há pelo menos doze mil anos e mais, e depois vamos para outros planetas, noutras galáxias, para nos instruirmos. Vem cá, tia, vem cá para eu te abraçar — e abraçou-me, sussurrando-me ao ouvido — nunca, mas nunca lhe digas o que ouviste e viste. Juro-to...

Vamos, serve um pouco de rakia de anis com menta e canta-me qualquer coisa, filho, que me está a doer a cabeça, meu menino. E para que saibas, o dinheiro vai para o dinheiro, mas a Razão só vai para a Razão, Pesho. Sê razoável, filho, de Deus, da mãe e do pai. Ai, à saúde.

E bateu com o copo na mesa, e eu comecei a cantar, sem parar. Morria de alegria por ter salvo Krum Tsvetkov. Estava feliz. Estava infinitamente

feliz por ela existir neste mundo. Agora estou infinitamente feliz porque sei que ela existe também no outro mundo. Eh, tia Vangélia.

SABEDORIA

Não ia a Rupite há algum tempo. Fiquei mesmo surpreendido ao ver que tinham começado uma construção qualquer, uma igreja ou o que quer que fosse, não sei. Entro e digo-lhe:

— Tia Vangélia, vejo que puseram uma base qualquer, parece um heptagrama. Vai ser uma igreja ou um bunker de defesa circular contra extraterrestres — e rio-me assim.

— Estás a sonhar, Pesho. A igreja vai ficar do outro lado do dique, atrás da pontezinha.

— Então para que é aquele betão ali.

— Teimosia, Pesho. Não sabem que o Invisível já decidiu o quê e onde. Essa Força não usa força, filho. Não sentes nada e tudo acontece como ela diz. Não há outro. É isso. Força. Deus. Hierarquia.

E até o pó, que é pó, treme diante dela, ouviste. Vais envelhecer e vais entender. O pó é o que mais viaja. Não rasteja, não voa, mas está em todo o lado. Viaja. Move-se. Flutua. Então, se está morto, como se move, diz-me, Pesho. Quer dizer que tudo está vivo. Vivo, ouviste. Ouviste. O pó está vivo, mas não tem direito a deixar a Terra, tia. Está condenado para sempre a ficar aqui, até ao fim...

Agora chama o pintor para entrar.

Meu Deus, outra vez me deixou pasmado. Meu Deus, de onde o viu, não sei. Tinha vindo com Georgi Nedyalkov, um ilustrador gráfico incrivelmente talentoso, que também se aventurava como escultor, e trouxe-o comigo, supostamente para ver qualquer coisa. Simplesmente, tinha decidido fazer-lhe um monumento de granito, por minha conta, em frente à futura igreja dela. Tinha-o projetado e desenvolvido com Ivan Kolev, se não o melhor no ofício, estava lá perto. Um escultor e entalhador de pedra incrivelmente modesto e talentoso. dele é o monumento ao Kolyo Shicheto e a tantos outros. Mas não. Não me deixaram, os tais projetistas e todos os tipos espertalhaços. A guilda. Para cúmulo, eu não era informador nem banqueiro, por isso decidiram que um plebeu como eu não podia andar-lhes debaixo dos pés. Era um alho demasiado pequeno e

completamente apartidário e não servia para as negociatas deles. Como se diz: Peido — tusso, vou denunciar a quadrilha. Não sirvo para negócios. Um palerma. Deus nos livre que um mortal se julgue imortal, o delator generalíssimo...

Tinha levado um pequeno modelo em barro que tinha cozido no forno e levava-lho para ela ver. Para o apalpar e, de caminho, ver o Georgi Nedyalkov. Bebia demais, mas era um talento. Com um único traço de pena, sem levantar do papel, desenhava o que quer que fosse. Bufava, bufava, erguia a cabeça e sorria, sorria assim. Uma maravilha. Então, entra o Georgi e ela imediatamente:

— Porque te fazes de escultor, ó rapaz. Tu não podes fazer o meu monumento. Ponto. Ponto. Mas já que vieste, vou-te dizer o que a tua mãe e o teu pai me dizem. Aqui estão eles, aqui. Ouve-os, ouve. Estão aqui...

Dizem para ires ao terreno de um hectare, plantado com luzerna, lá em baixo, depois da última ponte no rio, mesmo depois da aldeia. No canto inferior, em frente ao rio, há um velho celeiro em ruínas e ao lado dele há um marco — sinal de três grandes pedras brancas puras e entre elas uma pedra preta. Debaixo dela está enterrado um tubo de latão untado com graxa. Dentro estão todos os documentos dos vossos bens de antes do nove, seu comunista podre, ouviste. Dividam tudo por igual. Não como irmãos, mas igualmente. O que for para ti, o mesmo para a tua irmã, ouviste. Ouviste.

O Georgi ficou louco. E começou a chorar, meu Deus. Chora, chora e não consegue parar. E a tia Vangélia não parava de falar:

— Depois vais à barraca ao lado da vossa casa velha e aí vais encontrar o que está escondido para ti. Anda... Aqui está, aqui está, ó rapaz. O que é isto, minha alma. Oh, uma pistola e uma espingarda Berdan, ó rapaz. He-he-he... O teu pai guardou-as e são de antes dele. São do teu avô. Pendura-as em casa para te protegerem, ouviste. Ouviste.

E para de engolir esses caracóis nus, ó rapaz. A baba deles não vai curar a tua úlcera. Vais levá-la para a cova, mas muito mais tarde. E como os engoles vivos, esses vermes nus, ó rapaz. Tens juízo, Georgi? Caracóis nus. Quem te enganou, ó rapaz. Quá-quá-quá... — ria-se ela.

ela ri-se — o Georgi chora. Era para nos baralharmos, para onde virar. E de repente parou e disse-lhe:

— Diz ao Ivan Kolev — mas não o conhece nem ouviu falar dele de ninguém — que o projeto dele é bonito. Eu gosto. Bem, isso vem da cabeça do Pesho, mas calemo-nos, está bem.

E a mim disse-me, rindo-se como uma criança travessa:

— E agora, Pesho, como pensas representar-me, hein? Diz-me para eu ouvir. — E apalpava, apalpava o modelo de barro. Passeava, passeava por ele com as pontas dos dedos que tudo veem, transbordando de prazer. Gostava, não havia dúvida.

— Bem — digo eu — tia Vangélia, quero que o teu monumento fique do outro lado da pontezinha... Como estás sentada e olhas, olhas para as Plêiades, as tuas sete estrelas, que irradiam luz azul e são como um enxame estelar, não é. Outrora foram deusas ilustres, mas a Força transformou-as em estrelas. Deusas, vaga-lumes-estrelas. E os olhos delas, como Tu dizes, tia, são azuis-azuis.

Ah, e das tuas duas mãos, das tuas palmas, vai jorrar água, para que os fiéis, ao beberem, Te beijem as mãos em agradecimento e cura que a Força lhes envia com a água, assim. Porque Tu és como a mãe das mães, para que saibas. Santa Mãe Vangélia, ouviste.

— Meu Deus, o que dizes, ó Pesho. Meu Deus, que bonito.

E começou:

— Sabes que os extraterrestres das Plêiades construíram as pirâmides na Terra. As de Quéops, as peruanas e todas as pirâmides que existem na Terra. Construíram-nas como pontos de orientação, Pesho. Orientam-se por elas quando vêm à Terra. Essa é a verdade. O resto são invenções, he-he-he.

E para que saibas, esses seres de outros mundos estão entre nós há muito tempo. E agora estão aqui. Mas são tão invisíveis e delicados que me admiro como não os pisámos... Eles sabem o que fazem...

Ainda somos muito, muito ignorantes, Pesho. Nem sequer existimos à luz do dia.

O Georgi estava completamente atordoado, então digo-lhe:

— Mais devagar, tia Vangélia. Deixa-me a mim, mas vais tirar o juízo ao homem. Já Te acham completamente louca e agora ainda isto por cima. Não vês que o Georgi olha como se tivesse comido cogumelos venenosos.

Ficou completamente baralhado. Eh, cheia de voltas e reviravoltas para a frente e para trás. És mesmo louca, hein.

— Louca ou não louca, volta para a frente-volta para trás, o que te digo é a verdade, ouviste ou não ouviste. As Plêiades estão aqui. Estão aqui, para que saibas, ouviste.

Nesse momento entrou alguém do círculo dela e começou outra conversa. E lá se derramaram canções, não há palavras... Cantamos e tocamos no meu tambor. Um dos "mais próximos" dela batia-me, batia-me nas mãos de inveja, como se fosse ele que tocasse e cantasse. Um inútil.

Doíam-me as mãos e parei, com a desculpa de ir à casa de banho.

E ouço, ouço a tia Vangélia dizer àquele idiota:

— Anda, anda, toca no tambor e canta. Canta, anda. Toca, anda.

— Mas eu não sei — tremia ele.

— Então, se não sabes, porque o atrapalhas, batendo-lhe nas mãos, ó rapaz. Para de o bater. Para de o maltratar. As mãos dele estão roxas, ó inútil. Para de lhe atrapalhar. O que vos fez ele. Ele só canta. Canta. Canta. Ouviste.

E parem de me perguntar de onde vem o dinheiro dele, de onde vêm os sonhos dele. Saltaram-vos os olhos e só: De onde vem o dele. Pfu. Pfu, nojo com nojo, seus podres.

A ele, a Razão foi-lhe dada pela Força e enquanto viver será assim. Não tenha um tostão, continuará acima de vós. Em vez de se alegrarem com ele, invejosos de boca aberta, não param de o odiar sem saber porquê. Querem que vos diga porquê? Porque é capaz e dotado com dons para ser diferente de todos vós. Alegrem-se com ele, ó rapazes. Eeeh, o Pesho é a canção, ó cães...

E nesse momento alguém entrou e trouxe uns peixes, uns barbos, meu Deus. Barbo frito com azeite e batatas fritas pequenas, pequenas, fresquinhas. E a tia Vangélia cortou de repente a conversa feia.

E lá voltamos ao baile no pátio. Cantamos e dançamos. Não vamos estar só a chorar, pois não. Basta de chorar.

A morte, o que é a morte, até ela quer um baile. Também quer dançar. Dança-se com a Alegre. Agarra-te, terra, que a lama te pisa. A lama te pisa

— pó te tornaste. À saúde do pó. À saúde, de uma vez. A tia Vangélia quase se dobrava de prazer e riso.

Que risota, hás de ver.

REJEIÇÃO

**Recusa de toda a propriedade e posse*

Estávamos sentados com a tia Vangélia e eu contava-lhe anedotas picantes. E ela morria de rir. Mas daquele riso esperto, sabias, quá-quá-quá... Baloiçava-se, baloiçava-se, até tremia.

E de repente petrificou-se. Petrificou-se e pronto. E explodiu com aquele trovão subterrâneo dela:

— Olha só, olha só. Mataram o marido a esta mulher e a sogra quer tirar-lhe a casa. Eh, que avareza, que goela. Maldade. Não lhe interessam nem os netos nem a dor. Aaa, isso não vou permitir. Olha que coisa!, não vai acontecer como a sograzinha pensa. Não.

E saiu disparada lá para fora. Mas lá fora gente, gente, mais que um comício. Comício é pouco, até. Ah, cheio de sofrimento humano.

Quando a tia Vangélia apareceu, tudo se calou. Um respeito total, nunca visto. Até o silêncio se calou. A tia Vangélia apenas sussurrou:

— Sofia, Sofia, vem cá. Vem cá, ó rapariga — e apontava, apontava com os olhos cegos para uma simplicidade campesina encolhida, mas encolhida, dobrada ao meio. Simplicidade consumida pela dor e pelo choro. Uma sombra viva, sem dúvida.

— Sofia, ó rapariga, é a ti que chamo, minha alma. Anda, vem cá, anda. Afasta-te do caminho dela, Blago — e afastou o guarda gigante, pegou-lhe na mão e, levemente, levemente, levou-a diretamente para dentro, onde estávamos sentados, não era. Acariciando-a, acalmava-a, acalmava:

— Senta-te, Sofka, aqui. Tu és a Sofka de Sushitsa, não é. Não fiques nervosa, Sofka. Os documentos que procuras estão escondidos no baú da tua sogra, entre os tapetes.

Que porca, porca das porcas. Escondeu-os entre os tapetes, mas eu vejo-os, Sofka. Estão lá. No baú, entre os tapetes. A chave está pendurada do lado direito, nas costas do baú, virada para a parede. Ouviste. Vais para casa, abres e pegas neles. São teus. Não tenhas medo. Quando chegares

agora, não vai estar ninguém. Vais estar completamente sozinha. Não vais ter medo, ouviste. Ouviste. Vou dar-lhe eu a essa vampira, até ela ficar completamente vampirizada. Sujeira nojenta.

Volta, Sofka, e amanhã traz-me todos os documentos, tal como estão, para eu os apalpar. Para eu os apalpar, Sofka, para eu arrasar essa praga das pragas. Vai ver ela com quem se meteu. Tu não estás desamparada, Sofka. Eu estou contigo, tia. Eu, Vangélia Pandeva Gushterova. Não fiques nervosa. Estamos todos contigo, para que saibas.

E aquela pobreza, como se voasse. Beijou a mão à tia Vangélia e voou. Ah, voa, voa como se voa. Ouviste.

Imediatamente regressa a casa e abre o baú, exatamente como a tia Vangélia lhe ordenou. E, entre os tapetes — os documentos. Todos os firmãs e teskerês, ainda do tempo dos turcos, estão lá. Até ao último.

E no dia seguinte, Sofia, aquela remendada com remendos, lenço preto, veio e entregava, entregava uns títulos esfarrapados, esfarrapados à tia Vangélia. ela pegou neles e, um a um, documento a documento, acariciava-os, acariciava-os e arrumava-os, arrumava-os, enrolou-os como um rolo e atou-os com um fio de lã vermelho forte. Atou-os com um nó e entregou-os àquela que tremia de tanto sofrimento dos sofrimentos. Ah, plena santidade pobre. E disse:

— Tu és de Sushitsa, não é, agora chamam-lhe Zlatolist, ah — dizia-lhe a tia Vangélia e acariciava-lhe, acariciava-lhe a cabeça. — Isso mesmo. Agora, quando fores para a aldeia, vais diretamente ao túmulo da Venerável Stoyna, sem te desviares para lado nenhum, ouviste. Sabes onde é o túmulo dela. Vais acender uma velinha de cinco stotinki e, em meu nome, vais curvar-te três vezes até ao chão, ouviste. Assim, assim. Até ao chão, vais curvar-te diante dela. Ouviste.

E saltou, curvou-se, curvou-se como se estivesse no túmulo da Santa Stoyna.

— Vais beijar a cruz e a fotografia dela e vais dizer-lhe: Muitos cumprimentos da Vanga. De Vangélia Pandeva Gushterova.

ela sabe... Cumprimentos, da minha parte. Ouviste.

— Ouvi, ouvi, tia Vanga. Ouvi. Vou fazer tudo, exatamente como me ordenas.

Tudo, tia.

Pegou no seu rolo, passado com o fio vermelho da tia Vangélia e por ela abençoado. Curvou-se diante dela três vezes até ao chão, beijou-lhe os pés, beijou-lhe as lágrimas e dissolveu-se, como sombra do seu sofrimento pobre.

E a tia Vangélia pegou em mim:

— Ouve, Pesho, se alguma vez houve ou se há um santo de todo nesta terra macedónia amaldiçoada, esse é e será apenas a Venerável Stoyna, para que saibas, filho. A Venerável Stoyna da aldeia de Sushitsa, que renomearam Zlatolist. Porque a santa Stoyna, a minha santa, era mais como um ser extraterrestre que flutuava no ar, que voava sem asas. Um extraterrestre voador da plena santidade. Plena, sagrada santidade.

Tudo nela era Santidade, em todos os sentidos dessa palavra, Pesho. Eu, de todo, não me posso comparar com ela. Não pode nem deve, tia, ouviste.

Aqui está, olha, como se estivesse diante de mim esse antigo, enorme bispo qualquer, como tira, desaperta do pescoço o seu cruz episcopal forjado a ouro, todo santificado, e dá-o a Stoyna. Põe-lhe a cruz ao pescoço dela, Pesho. Uma coisa assim não aconteceu nem acontecerá em nenhum outro lugar. Aqui está, olha... O bispo dá-lhe a cruz, tira a sua batina e pendura-a na grade de madeira da secção das mulheres na igreja e cai de joelhos diante da santa Stoyna. Beija-lhe a veste monástica, que chega ao chão, ondeando levemente acima do piso... E, até ao fim da sua vida, permanece em jejum e orações no mosteiro de Zograf, no Monte Athos. Permanece um simples monge até ao fim.

Que coisa, hein. Stoyna, sem dizer uma palavra, transforma-o num Santo. Assim ele envergonha-se da santidade dela e renuncia, no instante, a tudo o que é mundano e episcopal... Meu Deus, Pesho. Só com um olhar, tia, ouviste. Tendo em conta que ela, como eu, era completamente cega. ela, até, de nascença, não era.

Eu não consigo assim. Olha que coisa!, não, não há maneira. Não consigo como ela. Nem falar dos outros. Impossível. Todos somos como grãos de pó diante dela. Nem sequer grão de pó, Pesho. E bebemos, e comemos, e isto e aquilo, e tudo, e ela — nada. Nada. Só jejum e oração, mordiscando de vez em quando uma migalha de pão ou um gole de água. Nada mais. Oração dia e noite.

Essa é a santa Stoyna. Como um pintainho santo, uma galinhazinha preta, ainda uma freirinha noviça, com um lenço preto na cabecinha e com

púrpura-branco tenro por baixo das asas, muito tenro, como se abrisse as asas para voar, assim. Uma raridade nunca vista. Um rouxinol preto, Pesho. Sim, tia, um rouxinol preto santo, filho. Viste-o, não viste. Preto, santo rouxinol. Uma santidade sagrada, cantadora.

Ninguém é como ela. Nem eu, nem ninguém. Mas ninguém, para que saibas. Ehee, quão alto ela está, onde estamos nós. Era, pelo menos cem vezes mais poderosa do que eu, ouviste. E um dia hás de dizê-lo a todos, ouviste. Di-lo, Pesho, para que se saiba, tia.

E, imaginas, chega a Sushitsa com doze aninhos. Criança. Pura criança. Criança, no final do século XIX e início do XX, não era. Com doze aninhos, essa santa cegueira consagra-se à igrejinha enterrada na terra. Enterrada, para que o sabre turco não a visse. E aí fica até à sua morte.

Com doze aninhos, a pé, com uma bengala, vem de longe do Mar Branco. Da aldeia de Haznatar, em Serres, que fica na margem do Struma, exatamente onde este desagua no Mar Branco. Ouviste. E durante todo esse tempo levitava. Flutuava a um ou dois palmos acima do chão. Eu, Pesho, nem sonhar com uma coisa assim, quanto mais comparar-me com ela. Ninguém se pode medir com a santa Stoyna. Não há dúvida.

E na igrejinha, também levitava. Flutuava entre a secção das mulheres e a sua cela, que ficava três ou quatro degraus acima. Uma celazinha, como um túmulo, dois por dois, com uma caminha de madeira, uma cadeira e qualquer coisa como uma mesinha para água e pão. Nada mais. Nada. Não há casas de banho, nem banheiras, nem lareiras, nem nada disso. Paredes nuas e ela. Pureza, pureza, até te vires refletido. E ela brilha, como se fosse a própria aura, assim. A aura de todas as auréolas, como se...

E, todos os dias de Deus, voa, voa. Cura, cura. Profetiza, profetiza, aos pobres, sem distinção, búlgaros, ciganos, turcos, judeus, macedónios e quem mais. De ninguém — nem uma migalha, nem uma stotinka. De ninguém, Pesho. Plena e única desinteressada pelo dinheiro. Desinteressada pelo dinheiro, ouviste. Ouviste. Ninguém é como ela. Por isso, quando fico sozinha comigo mesma, sem ninguém saber, ela é o meu Ícone. Stoyna é a minha Santa. Confesso-to, Pesho, e um dia, quando eu morrer, diz-lho, para que saibam quem foi a minha Santidade. Santa Stoyna e Deus. Ninguém mais.

E, imaginas, logo à chegada a Sushitsa, diz a todos lá:

— De mim só cuidará a Aneta.

— Na altura, também criança, como ela. Uma criança, que ela, sem a conhecer de todo, escolhe sozinha. Ou lhe foi enviada de cima. Sabes, Pesho, de cima, do Desconhecido. DE LÁ.

E essa criança, mais tarde mulher bonita, até ao fim do seu caminho terreno, cuida até ao fim do caminho terreno de Stoyna. Cuida dela como dos seus próprios olhos. Exatamente assim.

E sabes quem é essa mulher, Pesho. Não sabes. Essa é a tua avó Aneta da aldeia de Sushitsa. A irmã mais velha dessa Sofia que esteve aqui comigo. A pequena Sofka, a quem eu consagrei os documentos do seu património. Ouviste. Consagrei-os, na mais profunda vénia, viste, diante da santa Stoyna e daquela outra, desconhecida para todos, santa Aneta.

Sim. Aneta. A irmã de Sofka, que dedicou toda a vida à Venerável Stoyna, para mim há muito santa Stoyna e santa Aneta.

E, para que saibas, Pesho, a santa Stoyna era qualquer coisa como o extraterrestre para as mais altas mensagens santas, assim. Como e o que acontecia, ninguém sabe nada, exceto a tua avó Aneta da aldeia de Sushitsa ou Zlatolist, que fica a uns vinte minutos pelo caminho direto do mosteiro de Rozhen.

Quando o mosteiro arde no século passado, quando os ateus o reduzem a cinzas, não era, o novo grande ícone, Pesho, da Santa Virgem Porteira, que é a padroeira do mosteiro, foi pintado por um pintor de Ohrid, que na altura vivia em Ioannina. Foi pintado no santuário, sobre o qual, mais tarde, foi construída a igrejinha de Stoyna e a sua cela. Por isso o ícone é milagroso. Porque carrega o conhecimento do antigo lugar de fogo, dos Xamãs de milhares, milhares de anos antes dela. Por causa dela. Por causa de Stoyna, Pesho, ouviste.

Ah, e não esquecer, a tua irmã Antoaneta, a Ancheta, foi batizada com o nome da tua avó Aneta, ouviste. Mas, seja como for. Ouve-me atentamente agora, ouviste. Ouviste.

Sabes, lá onde está agora o grande plátano, que parece uma cruz aberta, assim, Pesho. Eeee, atrás daquela amoreira cor-de-rosa, a amoreira de fruto grande com as amoras enormes cor-de-rosa, sabes, não sabes. Exatamente. Ao lado daquela doce, doce, grande marmelada amarela, sim. Pois aí, aterravam e descolavam os dela, os extraterrestres da santa Stoyna. Esses, que estão a mais de cinco anos-luz daqui, tia.

Nem som, nem mugido, nada. Como do nada e do Nada. Ninguém os conhecia de todo, Pesho. Levavam a Venerável Stoyna com ELES e antes do amanhecer, antes dos primeiros rouxinóis, devolviam-na. E as naves deles, roda dentro de roda. A exterior gira em fúria — a outra está em plena paz. Círculo em círculo, roda em rodas, não há dúvida.

Assim: Fiuuu, fiuuu e opa, num instante, descolam como o pensamento, Pesho, tia. Só pensas e pronto, estás — não estás. Tudo num instante. Trac-trac...

Não há teletransporte, não há morte. Mas, milhares, milhares de vezes mais rápido que tudo. Porque com ELES, Pesho, a velocidade da luz não conta. Têm os seus túneis, e por eles. Por eles, por eles, por toda a Profundidade.

E a tua avó Aneta, que a terra lhe seja leve, esteve presente em todas essas coisas. Em todas, para que saibas, ouviste. E também a levaram, para qualquer lado com Eles, lá. No Extraterrestre deles, ouviste. Ouviste.

Assim as duas voaram, e todo esse conhecimento levaram com elas. E, a quem o diriam. A quem o deixariam. Ainda é plena estupidez. Plena ignorância, Pesho. A quem, diz-me. A algum professor. Meu Deus, ele diria que estás louco, ó rapaz, tia. Loucos são eles, Pesho, que nada sabem, ouviste.

E queres que te diga. Tudo o que vejo assim, e os mortos que mo dizem, os extraterrestres levaram as duas com Eles para a imortalidade. Sabes porquê, Pesho.

Porque Stoyna evitou, com toda a sua força de virgem absoluta de contacto, uma muito rápida reação em cadeia natural dos átomos do urânio, que está enterrado por estes lugares como minério. Salvou a Terra de se fender, Peshooo. De se fender, filho. Termina o seu trabalho e o corpo torna-se desnecessário. Cumpriu a sua missão. Por isso era cega, Pesho. Para não ver nada mais, nada. Só o urânio. Essa é a verdade sobre a Venerável Stoyna. ela não é só santa da Terra, mas também de cima, até. Ouviste. Santa dos cosmos é Stoyna, Pesho. Heroína da Razão Cósmica, filho. Ouviste. Aqui só estão enterrados os corpos delas. A embalagem da alma, Pesho. Assim me dizem, assim te digo. Ouviste.

Sabes que nós somos divinos e temos Espírito. Possuímos Alma. E podemos saber, saber tudo o que todos algum dia souberam e hão de saber, não é. Porque nos reencarnamos. Disse-to milhares de vezes.

Reencarnamos, Sim. Centenas de vidas nos reencarnamos. Ouve o que te digo eu. Afasta esses supostos cientistas. Nada sabem. São professores só para o primeiro passo, para aprender a andar aqui, na Terra, não é. Após a morte também os ensinam, como primários, para crescermos para mais acima. Porque aqui, na Terra, já te disse, temos cada um dois professores espirituais de Cima, Pesho. Espíritos do Bem. Quem os expulsa, quer queira quer não, cai nos intercamadas. Desaparece do nível da Alma.

Caso contrário, a Venerável Stoyna morre jovem, por volta dos trinta e quatro anos deste século XX. Fica a tua avó Aneta. Para quê e como, ninguém sabe. Nessa altura, Pesho, eu fico cega, filho. Ouviste. Stoyna parte, e eu fico cega. Para o bem ou para o mal, é assim.

Para que saibas, Pesho, a idade para os extraterrestres, filho, não tem importância nenhuma. Podem existir nesta ou em qualquer outra forma e aparência, durante quantos vidas terrenas ou não terrenas quiserem. Até se fartarem. Só depois nos reencarnamos num nível mais alto. Esses, que nos reencarnamos, como nós, somos Eles, não é. Eles somos nós e nós somos Eles. Ouviste.

E a santa Stoyna, e a tua avó Aneta estão algures no Invisível e quem sabe em que se hão de reencarnar.

Ainda bem que temos memória coletiva, dos representantes passados da espécie, por isso tudo se sabe. Tudo. Tudo, Pesho. E ninguém, mas nunca, desaparece, exceto os malvados e a má intenção.

Para que saibas, Pesho, que a Venerável Stoyna assim, de vez em quando, do lado dos mortos, muito raramente, mas vem para conversarmos um pouco, assim. Como agora por causa dessa Sofia com os documentos e a sogra má, não era. Se soubesses o que me diz, realmente enlouquecias, apesar de seres completamente desmiolado de juízo, seu maluco. Quá-quá-quá... Quá-quá-quá...

Ri-se e cacareja, mas não para:

— Em breve vem o tempo da energia positiva. Do Grande Razão. Tudo o que provoca explosão, incluindo os foguetes interplanetários, que descolam com explosão, esses desaparecem. Porque são de energia negativa. Toda a explosão é energia negativa. Tudo o que é disparado desaparece. Os estrondos, Pesho, vão desaparecer da Terra de todo e para sempre. Haverá coisas completamente diferentes. Outras Energias.

E a música, não será de todo como a atual. Olha que coisa!. Será meditativa. Sim. Meditativa. Ouviste. E, o mais importante, com toda a sua consciência unida, que os caos e os universos têm, e todos os cosmos, vamos lutar contra coisas, como os computadores atuais, por exemplo. Quá-quá-quá... Não haverá competição, quem é mais forte ou mais rico. O importante é ser inteligente, que a Razão é comum, Pesho. Não se divide. Não se divide, para que saibas. Ouviste. Os foguetes serão mentais. Mentais, sim. Terão pensamento. Ouviste. Serão inteligentes. Terão memória, Pesho, ouviste. A Razão estará neles.

Tudo é noutra base microbiológica e seja o que for da Plasma Cósmica. Da Hierarquia. Ouviste. Tudo estará em plena harmonia com a Harmonia. Pleno, sincrónico plasmático é a Harmonia, Pesho. Ouviste.

E, de repente, abanou, abanou a cabeça, como a afastar as lágrimas que lhe corriam. Suspirou, suspirou e deitou-se, exatamente no melhor. Vai lá dizer-lhe alguma coisa, se conseguires. A tia Vangélia é única e dificilmente haverá outra. Já ouviste por acaso uma anedota sobre ela. Não ouviste nem hás de ouvir. O povo caricatura quem não deve, mas a ela — nunca. A tia Vangélia é o sofrimento do povo e o seu amor. Ouviste.

SOFRIMENTO

O meu telefone tocou, tocou no escuro, muito antes dos primeiros galos, antes ainda do rouxinol cantar. Era a tia Vangélia.

Chorava lamentosa, lamentosa, como por um morto:

— Tenho vergonha, Pesho. Tenho vergonha, filho. O que hei de dizer aos santos, ó meu menino, quando for ter com eles. O que hei de dizer ao meu Senhor, ó rapaz. O que hei de dizer à minha santa Stoyna. Eu sou a continuação da missão dela deste o século passado, Peshooo...

Esses miseráveis aqui, de dragonas civis, querem roubar-me e manchar-me a alma, tia. Espalharam o rumor de que sou agente da Segurança do Estado, ouviste. Ouviste. Queimei-me. Não há nada mais terrível que a má língua, Peshooo. Sacrifiquei-me à luz do dia, filho. E deram-me um cognome, como lhe chamam eles pseudónimo, não é. Inventaram-me Paramona, Peshooo. E sabes qual é o meu paramona, de colaboradora não remunerada ou delatora, não sei. A alma dói-me. Agente Strumska, Pesho, ouviste. Agente Strumska, ouviste.

Até as pernas me fraquejaram, dobrei-me, como se alguém me tivesse batido com um pau na barriga. Eh, seus bastardos. A tia Vangélia, agente da DS. Eh, que golpe sujo abaixo da cintura, hein.

E ela, chora, chora:

— Meu Deus, meuuu Deeeus. Eu sou a Vanga, ó filho. Vangélia Pandeva Gushterova e nenhuma outra. Nenhuma outra, nem Strumska, nem Drumska. Ofendem o grande rio Struma, para que saibas, ouviste. Loucos enlouqueceram esses ingratos e o Struma há de afogá-los.

Salva-me, Pesho. Diz onde e o que for preciso, que me queimei. Difamaram-me. Não quero ser nenhuma Strumska. Eu sirvo só a Força, sabes, e a mais ninguém, exceto ao Bem. Quero ser como sou, Vangélia Pandeva Gushterova. E eles, como quiserem, que continuem com as suas invenções.

Para cúmulo, ameaçam liquidar-me, se não os obedecer. Não sabem que se vão autoeliminar, para que saibas. Eu, não vou dizer inverdades nem ameaçar, por ordem deles, algumas pessoas santas, por causa desses sem alma, Pesho. Ouviste.

Ajuda, para que não tenha sido em vão o leite da mãe e o sangue da mãe e do pai. Aaah, aah, morro... E para que saibas, bloqueei-os com todas as minhas forças agora, para não escutarem o que te digo, Pesho. Estou muito doente, e já envelheci. Não consigo como dantes. Adeus e cuida-te. Odeiam-te muito. Nem eles sabem porquê. Cuida-te, que são treinados só para odiar e matar, tia. O ódio deles está-lhes nas entranhas, ouviste. Cuida-te.

Ajuda-me. Tu sabes a quem hei de dizer, não sabes.

E desligou o telefone. O dela, em Rupite, 20-50, Petrich.

Eh, isso já é o cúmulo de todo aquele realismo socialista maduro – comunismo verde. Vá que vá com as invenções, mas dizer que a avó Vangélia era agente da Segurança do Estado, isso já é demais. É uma overdose. Fica a saber que isto já não é um Estado, é uma espécie de esquadra de denúncias aberta dia e noite, «Denúncia» ou «Abominação», não sei.

O telefone voltou a soluçar, a soluçar, como se estivesse engasgado em lágrimas, e ela disse-me:

– Vem cá, estou doente. Estou muito doente. Estou toda enfaixada com ligaduras, como uma múmia qualquer. Ouve. Enganam-me, mas eu sei que é cancro. Sei-o, Pesho. Sabe-lo tu também. E cala-te, para que a lua não te beba.

– Não tenhas medo deles, avó Vangélia. Mesmo que a lêndea e o piolho cresçam, continuam parasitas. Sabes como são moles as cabeças dessas bonecas de papoila podres. Diz-me uma palavra e todos os voivodas saltam. Vão-lhes arrancar os olhos pelo nariz, ouve. Que agente és Tu, ó santinha, santa. Que vergonha. Dá um sinal e esses carrapatos serão esmagados.

– Não, não. Não vale a pena gastares lágrimas com essa fedentina, tio. Não te apresses. Até ao último vão morrer antes de ti. Ouve. E um dia hás de contar tudo isto, ouve. Dei a minha palavra aos santos e não quero partir difamada. Jurei, Pesho. A Eles e ao meu Deus. Que vida a minha, ó Força das Forças.

E certamente desabou, porque o telefone gemeu, gemeu:

– Vem cá. Traz o teu amigo doutor Ivan Kyuchukov para me examinar, ouve. Ouve...

E jurei que não morreria, com a ajuda de Deus, enquanto não os mandasse todos para o túmulo. Nos interstícios das reencarnações, de onde ninguém, nunca mais, pode voltar a renascer. Nem subir a um nível superior da Alma. Apodrecem sem alma, inúteis para qualquer um.

Fica a saber que a alma negra nunca, mas nunca, pode tornar-se branca, nem sequer desbotar. Não. São apagadas da memória da Grande Harmonia, como a avó Vangélia me disse.

O telefone voltou a soluçar:

– E que me respeitem, Pesho, e que me respeitem muito, tio, fica a saber que é hipocrisia. Completamente hipócrita, ouve. Não acredites neles nem um bocadinho. São o duplo rosto, meu filho. Adeus...

Que crueldade, que impiedade é esta desumanidade, hein. Basta de bunkers e trincheiras. Basta de defesa circular, basta.

Mas, seja como for. Muito cedo, muito cedo, fui buscar o doutor Ivan Kyuchukov e, com o Kircho, diretor das fábricas de armamento em Sopot, creio que era, voámos para Rupite.

A avó Vangélia esperava-nos sozinha. O doutor examinou-a e ela, para lhe dizer de que estava doente, bateu na mesinha que tinha no quarto e gritava:

– Posso estar doente de tudo, menos de cancro. Não de cancro, doutor. Esse cancro maldito, doutor, doutor...

Olhámo-nos, olhámo-nos, e o doutor Kyuchukov acenava-me que sim, era mesmo cancro e o fim estava próximo. Não havia remédio. E ela era carne, como nós. Sim. Cancro da mama. Tinham-na enfaixado como uma múmia viva. Múmia que predizia a quem quer que fosse o que quer que fosse. E sabia da própria morte, a pobrezinha. Força, eh. Força.

A saia dela, de alguma forma, subira de tal modo que se via acima do joelho, e eu disse-lhe, envergonhado pela sua santidade:

– Cobre-te, avó Vangélia, é vergonha. Não me envergonhes.

ela sorriu, sorriu assim e sussurrou-me, mas para todos ouvirem:

– Eh, ó santinho pateta, que homem és tu, Pesho.

Mas ela era como um bebé. Terna, terna como a sua alma. Ehhh...

Não sei o que lhe deu, mas disse-me, batendo na mesa:

– Pesho, esse Mercedes com que vieram tem um defeito de fabrico, tio. Um em milhões, mas caiu no do Kiril. Há uma bolha na bomba de gasolina e a bomba vai rebentar, meu filho. Quando voltarem para Sófia, façam reclamação e troquem-na imediatamente. Imediatamente, ouve. Senão o Mercedes vai sofrer um acidente. Tu não voltes a entrar nele. Ouve.

O Kircho, incrédulo, piscava-me o olho. Numa palavra, a Vanga não acertava em nada. E ela continuava:

– Kiril, Kiril és tu, não és. O Mercedes é preto e novinho em folha, mas defeituoso. Há uma bolha e a bomba – kaput. Ouve. E em vez de se rirem de mim, quero que ouças o que a tua mãe e o teu pai te dizem agora. Estão mortos, não estão. Opa, aí estão eles. Querem que lhes leves azeitonas e queijo com pão ao túmulo, que estão com fome. Apetecia-lhes isso, Kiril. Olha, olha como se alegram contigo, os queridos. Estás a ouvir-me, Kircho. E vai limpar os túmulos deles, que é uma vergonha. Meu Deus. Que erva cresceu. Espinhos, espinhos... Vai o quanto antes. O Estado não vai fugir. Armas vão fazer-se sempre. Incensa os túmulos com um padre e põe-lhes cruzes de pedra, mas não de mármore. Não querem mármore,

ouve. E põe as fotografias deles nas cruzes. Não és de lamentar. Não tens vergonha.

E quando começou, não há como contar, não vou dizê-lo agora. Noutra ocasião.

– E tu, Ivan – disse ao doutor Kyuchukov – vais ter um enfarte terrível, tio, já na próxima semana. Vão operar-te, ouve. Vais ter o enfarte na mesa de operações, doutor. Tem cuidado, ouve. Com muito esforço o professor Chirkov vai salvar-te. E quando te recuperares, não voltes a operar. Vais esperar pelo menos seis meses, senão é o fim. Vão levar-te, bonito rapaz da tua mãe. Ouve-me e viverás mais do que eu. Eh, doutor, doutor. És bom homem. E a tua mãe vão operá-la a um cancro na mama esquerda. Vão cortar-lhe a mama, mas será muito bem-sucedido. Não será o Baev a operá-la. Será outro...

E a mim:

– Agora adeus, meu filho – e estendeu-me a mão para despedida – queres que leve notícias e saudações à tua mãe e ao teu pai, lá no além, Pesho. Aí estão eles, vieram. Querem ver-te, meu filho. Vê-los? Aí estão, aí estão. Ehh, como se alegram contigo, meu filho. O teu pai diz-me que há mais de vinte anos que não te via. Mandou dizer bravo, ouve. E a tua mãe acaricia-te, acaricia-te. Bravo, Pesho...

Chorando, beijei-lhe a mão como para um adeus eterno. Inclinei-me diante dela como diante da minha mãe e do meu pai e, soluçando como uma criança, fugimos dali.

De facto morreu de cancro. Morreu no Hospital Governamental de cancro e de mágoa. De toda a mágoa que havia. Era também a mágoa dela. Tudo o que predisse se cumpriu. O Mercedes, o enfarte. Tudo. O Kircho colocou cruzes de granito nos túmulos dos pais e o doutor foi operado e reformou-se prematuramente. Sim...

À avó Vangélia fizeram-lhe algo como um funeral governamental. Ao nível do Politburo. Para mostrarem que grandes czares eram. Czares acima da avó Vangélia. Os apressados «continuadores» dela, os imortais impostores. No fim de contas, ela era um ser humano mortal comum, como todos nós. E morreu mortalmente.

O resto? Ehh, o resto é só dela e não haverá outra como ela. A não ser que a avó Vangélia regresse. Que Deus o queira. Aliás, quanto mais tempo passa desde a sua morte, mais triste, cada vez mais triste, se torna um de

todos eles. E ficará ainda mais triste. Esse é Dimitar Valchev. Fica a saber: ficará completamente triste sem o sopro dela. Sem a grandeza do seu amor extraterrestre totalmente dedicado. Grande amor. E quando começar a sentir o que perdeu, ficará infinitamente silencioso. E, postumamente, compreenderá a essência da santidade. De que vale...

Aos outros tanto lhes faz. O importante é terem proveito, até do túmulo dela, da igreja dela, do pó dela.

Mas em breve os bois vão-se-lhes embora. ela disse-mo:

– Nada, Pesho. Deixa-os pensar que enriquecem e que se sentem imortais. Deixa-os. Vão rebentar como rãs. Como os grandes cigarrões das árvores que, cantando com as asas, expiram com o seu canto, ao verem o inferno, coaxando de horror. Nem pó nem memória restará deles. Nunca existiram nem existirão, Pesho, tio.

O vulcão vai mudá-los, vai arrumá-los a todos, meu filho. O vulcão, Pesho, fica a saber, ouve. De baixo, da parte da magma. A Terra baloiço-de-fogo balança. Vais ver, tio. Vais ver, Pesho... Não tenhas medo... Assimmm... A verdade é mutável, como tudo o mais.

Pesho, ha-ha-ha... Pesho, Pesho, à tua tia Vanga...

KOZARCHE

Antigamente tínhamos cabras e o Stoil, o cabreiro, depois da pastagem, deixava as nossas à nossa porta para não comerem as plantas de tabaco.

Ajudava-me o homem, porque os meus bigodes mal tinham nascido e, enfim, sabes como é...

Então, meto eu as cabras no curral e vejo que falta a mais bonita, a de melhor leite, que dava cinco ou seis litros por ordenha. Chamava-se Milka, uma cabra branca, branca como leite. Meu Deus, o meu pai ia matar-me de pancada. E com razão. Saí a correr à procura dela.

Procurei, procurei, virei a vila do avesso, nada. Pensei que alguém a tivesse matado. Certamente a esfolaram para fazer pastirma *(carne de vaca curada)* coitada. Por onde andei, nada, como se a terra a tivesse engolido.

Nem dei por mim que passava pelo muro baixo da avó Vangélia. Naquela altura era baixo, não como agora, e de repente ouço, como de qualquer lado:

– Pesho, vem cá, tio, buscar a tua cabra – disse-me a avó Vangélia.

Desatei a chorar, com lágrimas grossas:

– Basta, avó Vangélia. Não basta que o meu pai me mate, a minha mãe acaba comigo e Tu também, avó... – chorava eu. E ela, de trás do muro, mesmo no meio das suas flores, como de um conto de fadas do paraíso:

– Para de chorar, meu filho. Vai desamarrar a tua cabra. Aí está ela, vejo-a, Pesho. Está amarrada à vedação ao lado do forno do Madjirov, no lado de cima. Ouve.

Eu chorei ainda mais:

– Porque te ris de mim, avó Vangélia. Passei ali cem vezes, não estava lá. Não tens um pingo de pena, ó tu. – E ela cantava a sua canção:

– E tem cuidado, está amarrada com cadeado, ouve. Vais puxar a ponta longa, não a curta, ouve. Não puxes a curta, como estamos habituados. É ao contrário, fica a saber, ouve. Corre, que vejo o teu pai a chegar a casa. Corre...

Vergonha ou não, e mesmo que mentisse, voei para o forno do Madjirov e fiquei gelado. Meu Deus, que era aquilo. Morri. A cabra estava lá, mesmo no lado de cima. Mas eu tinha passado ali pelo menos cem vezes e a cabra não estava. A maluca acertou outra vez. Ehh, adoro a minha avó Vangélia, pronto.

Essa cabra, a maldita Milka, quando me viu, pôs-se a balir: bééé, bé-ke-keéé. Bééé, ai, que pena. Ia romper a corda. Olho para a corda, estava amarrada de maneira estranha. E agora. Ia puxá-la e ouvi como que:

– Puxa a ponta longa, não a curta, ouve.

Como se me lesse o pensamento por telepatia, a querida avó Vangélia.

Puxei a ponta longa e tudo acabou. A Milka voou para casa. Que alegria, alegria, ehh. Uma alegria assim quase não voltei a ter na vida.

Cheguei a casa antes que o meu pai soubesse da aventura e fui direito à avó Vangélia. E ela, ainda da porta:

– Então, maluco novo, disse-te que estava lá, Pesho. Estava, não estava, ó Tomás incrédulo...

– Avó Vangélia, salvaste-me. Tinham-me esmagado. Muito, muito, mas mesmo muito obrigado, ó loucura não terrestre.

– Cot-cot-cot-cot... – ria-se, ria-se e gozava comigo – ó tu, devias ter calado, mas vá, por mim tudo bem.

E enfiou a mão no avental, no bolso sem fundo do seu pijama, e deitou-me um punhado valente de rebuçados e outra vez:

– Toma, para adoçares a tua alminha, meu querido. O doce é o melhor para o susto. Come e voa, pintainho-passarinho, meu, bonito. Meu falcão, minha águia...

E cavava, cavava a horta. Mas tudo em linha: alfaces, tomates, pimentos, cebolinhas, alho, rabanetes, tudo. E, imagina, ela, a cega, a que os espertalhões chamavam de zarolha, sozinha: plantava, regava, cavava, mondava, colhia e fazia as saladas mais saborosas com azeite e mil diabruras. Como lhes chamava, mezé-zeire. Comia-se a alma. Incomparável. Tudo o que tocava era do bom o melhor.

– Tu nem me deixas agradecer, hein, avó Vangélia – resmungo eu e enfio rebuçados.

– Ehh, isso não é nada, Pesho. O nosso Parcho perdeu a vitela e nem a via, tu agora por uma simples cabra Milka. Milka chamava-se essa tua cabritinha leiteira, não era... Ehh, o teu pai trouxe-lhes ramos do monte. Devoram, devoram carvalhos e faias, e ficam cheias, he-he-he...

E começou a festa. Eu canto – ela dança. Mas de tal modo que se contorcia na cintura, como se fosse a serpente do paraíso. Cantei-lhe a vida toda e fui feliz. Dançámos a vida toda o khoro pesado, o silencioso, o de viúva, não sei, mas dançámos com os sonhos das nossas lágrimas...

– Ataque, avó Vangélia, voa, alma, extraterrestre...

RELIGIÃO

Ouve agora, avó Vangélia. Quero perguntar-Te uma coisa, mas não me assustes, está bem. Não vás zangar-te para qualquer lado, quem sabe para que mundo, que eu morro de medo, fica a saber. Ouve. Vou perguntar-Te sobre Jesus Cristo.

– Peshooo, nós somos cristãos antes de todos, depois de Belém, ó rapaz. Que medo há nisso, tio. Noé com os arménios, e depois de Jerusalém, Cristo – aqui. Aqui, na Macedónia, chegou primeiro o cristianismo. Mas Jesus de modo nenhum é como O pintam nas pinturas e ícones, fica a saber. Era completamente diferente, ouve.

Era muito encaracolado, encaracolado em caracóis pequenos, pequenos. Caracolado. Negro – quase negro. Com cabelo curto, muito curto, até à testa. Tinha olhos enormes, castanho-escuros, mais para pretos. Olhos brilhantes, Pesho. Tinha nariz grande, carnudo, sobre lábios cheios. Eh, judeu puro, não há como. Mas judeu puro de sangue puríssimo. Cópia de Moisés. Moisés reencarnado é Ele, ouve.

Eh, sabes, o exterior, Pesho, não tem nada a ver com o espiritual, que está bem fundo dentro dele, no corpo ígneo interior. Ele é filho de rei, Pesho. O resto é conversa fiada. Mas é também filho das Plêiades, conheces. Os extraterrestres, das estrelas-irmãs azuis, as Plêiades. Mestiço. A Mãe Maria é terráquea e o Pai é Deus-Plêiade. É deles. Das Plêiades. Mestiço-plêiadiano. É isso. As Plêiades, Pesho, podem tomar qualquer forma, tio. Ouve.

Quando Jesus faz vinte e três, vinte e quatro anos, ELES levam-No para junto DELES e depois deixam-No, por algum tempo, no Vale dos Mortos, algures nos Himalaias. Lá onde estiveram também Buda, e mais tarde Maomé, e todos esses mestiços dos extraterrestres. Numa palavra, mãe-terráquea e pai-extraterrestre. Porque ELES acasalam aqui com as nossas raparigas mais escolhidas, de tempos a tempos, de milénio em milénio, ouve. Para semente do falo, Pesho. Tudo é a semente, a semente, fica a saber. A raça pura é o nosso gene. A linhagem, Pesho.

No Vale dos Mortos, Jesus foi instruído pelos matakmis *(mestres extraterrestres).* Os matakmis, Pesho, são os nossos mestres extraterrestres aqui na Terra. Foi instruído quase oito anos, até à Sua plena iluminação divina por volta dos trinta e um, trinta e dois anos.

Aprendeu tudo: levitar, curar tudo, porque os extraterrestres, embora não adoeçam, curam tudo. Sabem. Então, pode dizer-se, Jesus tornou-Se quase como ELES. Numa palavra – plêiadiano, da galáxia Touro.

Podia meditar quanto e quando quisesse. Entrava em nirvana, porque a Sua alma abandonava o corpo, por Sua vontade, pelo tempo que quisesse. O corpo aqui – a alma lá.

Fica a saber que quando O crucificaram estava em nirvana. Não sentiu nem sangue nem dor. Nada. O corpo não sentia nada porque a Vida estava fora dele. Os romanos pregavam-Lhe os pregos e pensavam que morrera, mas não. Estava em nirvana todo esse tempo, e o nirvana, Pesho, protege o seu corpo quanto e como quer. Só ele sabe porquê, fica a saber, ouve.

É verdade que o oficial romano Lhe untou a boca e o corpo com vinagre e antídoto. O homem estava verdadeiramente grato porque Cristo lhe curara a mulher e muitos outros. Sobretudo sabia, como Pilatos, que Jesus era inocente. Foi oferecido como sacrifício pelas Plêiades. Sacrifício vítima daquilo que é a Santidade. Por isso prepararam também o Seu corpo, porque tudo estava planeado de antemão. Sabem o futuro, Pesho. Porque a alma é algo completamente diferente. Muito pessoal, dele. E fica a saber, a Alma encontra-se aqui assim, na parte baixa da garganta, exatamente na concavidade da glote. Ouve. E aquilo que estremece debaixo da colher, no plexo do estômago, é a Memória. A Taça da Memória. De toda a nossa memória, das reencarnações, não é. Do Destino, que é a Lei da Atração dos universos.

Então, a crucificação foi numa oliveira antiga, poderosa, milenar, com raízes grossas, que tinha um grande nódulo no tronco e, atravessada nele, uma trave em cruz, para pregarem as mãos de Cristo. Assim, o crucificado podia sentar-se no nódulo do tronco da oliveira, para que o corpo não se arrancasse dos pregos, não é. Fica a saber, Pesho, a dor é que provocava a morte. Morriam de dor atroz, Pesho, é isso. Matança do corpo em puro horror. O resto voa num instante para as estrelas. Ouve. Nessa coisa chamada cruz fica apenas a casca, o casulo do corpo da alma.

A cruz, Pesho, tem pelo menos cem milhões de anos, ó tio. Não é só cristã. Ouve. Ehh, quantos outros passaram por ela, nem imaginas... Nenhum terrestre inventou a cruz. Nenhum. Foi dada de cima, das Pedras. Da Harmonia.

Então, descem Jesus da cruz e só aí a alma dele regressa a ele. Revive num instante. A alma sai e entra no corpo, no nirvana, aqui assim. Da parte

de trás da cabeça, bem no alto da coroa. Ali onde o cabelo faz redemoinho, Pesho. Do centésimo lótus, como também lhe chamam, ouve. Olha como, tio. Aqui, da serpentina da alma.

– Avó, não, avó. Não vás zangar-te para algum fosso dos caos, que eu morro, fica a saber. Tenho muito medo quando começas a falar assim, ó avó Vangélia. Por favor, tenho medo.

– Não há, ó rapaz. Não há, aaa... Ouve agora o que acontece: ele, ao voltar a si, sussurra à mãe Maria, a Mãe de Deus, que bilhetes e como prepará-los, para curar as dores e as feridas dos pregos e os coágulos de sangue. Porque começa a sentir o corpo, com todos os seus horrores, não é. Só então O levam para a sepultura com o leito de pedra. Olha, vejo-O, era assim. Depois fecham-No com a enorme pedra-porta e colocam a guarda romana.

Mas, por baixo, debaixo do próprio leito, havia a entrada secreta para a sepultura familiar de Nicodemos, onde O esperava Barlaam. Barlaam, Pesho, na sua época, era o maior curandeiro, o maior herbalista-terapeuta. Para lá levam Cristo às escondidas e Barlaam faz-Lhe lavagens completas do estômago e de tudo. Dá-Lhe antídoto, porque antes Lhe dera um veneno leve, para parecer morto, e salva-O. Salva-O em troca de Jesus ter salvo a vida de Barlaam, assumindo tudo sobre Si.

Senão, Pesho, também a Virgem é filha de rei. Filha do rei Joaquim e da rainha Ana. A Virgem também é de pele escura. Jesus parece-se com ela, sim...

Então, a mãe Maria prepara-Lhe as infusões que Jesus lhe indica e leva-as para a sepultura entre os frutos e os alimentos para os mortos. Ninguém a revistou. ela dá-Lhe o alívio. Jesus, pela saída secreta, com a ajuda das Plêiades, desaparece. Esconde-se no jardim de Nicodemos, envolto na mortalha, o lençol com que O transportaram da oliveira-cruz até à sepultura. De modo nenhum morreu nem esteve entre os mortos. Olha, os mortos mo dizem.

Numa palavra, isso é a Ressurreição de Cristo, e depois a Sua Ascensão às Plêiades. Que mais. Mais não há. O resto foi deturpado pelo cunhado dele, São Paulo, que diz: a Deus o que é de Deus, a César o que é de César. A grande justificação para os abusos deles, para enriquecerem. Os santos inventados não são mais do que encobrimento das várias invenções. E fica a saber, Pesho, Cristo morre com mais de oitenta e seis anos. Já to disse, mas digo-to outra vez. Enterra a mãe Maria no Indochina.

Sim, ela esteve sempre com ele até ao fim. Nunca se separou dela, sendo plêiadiano. Essa é a verdade, mais não há.

Tu lá com o José. José é José, ó tio. Jesus não é dele. Jesus é das Plêiades. Filho do Deus-Plêiade, fica a saber, ouve. Ouve.

E hoje, no Vale dos Mortos, os matakmis estão a formar o novo Messias, tio. Desde bebé, mas vão ensiná-lo muito mais, para ser realmente Messias, sem misturas. Ouve. Aparecerá depois do ano vinte do próximo século, no novo milénio. No novo milénio, Pesho.

Está a chegar uma nova ordenação das dimensões e todas essas religiões, que são dezenas, dezenas de milhares, vão desaparecer. Evaporam-se no nada, inúteis para qualquer um. Começam a estorvar os extraterrestres. As Plêiades e os outros, sabes, não sabes, meu filho. eles estão aqui e entre nós, Pesho. Um dia vais vê-los. Começas a vê-los e isso faz-te feliz. Com a mudança das dimensões tudo se altera. As dimensões são a hierarquia da hierarquia, fica a saber. Ouve. Então, tens mais alguma coisa para me perguntar agora ou vais cantar. Vais cantar, ó rapaz.

– Vou cantar, avó Vangélia. Vou cantar e dançar-Te o khoro, vampirinha selvagem, única. Selvagem, mas a mais inteligente de todos nós juntos. Eh, amo-Te tanto, ó avó Vangélia. Infinitamente, ouve. Mas se eu contar tudo isto, vão dizer que estou completamente louco, fica a saber. Como não me vão difamar, meu Deus...

– Sei, sei. Canta agora. Não fales muito. Canta e ri, he-he-he... Tudo se vai arrumar, Pesho. Tudo. Ouve. Tudo, tio. Diz o que te disse, e que pensem o que quiserem. As gerações depois de nós vão entender que lho predissemos, para bem delas. As gerações, Pesho. As gerações das dimensões, ouve. Ouveee.

E comecei a tocar o tambor, e ela canta comigo, como se nada, nada tivesse acontecido. Nada. Nem me tivesse dito nada assim. Ergue, ergue os braços, estala, estala os dedos, dança, dança assim, no mesmo lugar, o Seu khoro. Não há como contar, fica a saber. É preciso ver para crer. Flutua, flutua no Nada e não lhe interessa mais nada. Meu Deus.

Tive a sensação de que estava enterrado em cruzes, cruzes. Caos-cruzes. Para onde quer que me virasse, só cruzes crucificadas. Cruzes-universos. Serpentinas, eii...

E estava eu a começar a transformar-me em cruz ou em serpentina, não sei, e trás, a bomba explodiu. E enquanto estava sentada a estalar os dedos, marcando o ritmo, disparou contra mim:

– Agora, que dia é hoje, Pesho. Mil novecentos e setenta e cinco, não é. Bem, vá. Eu, quando for para as minhas estrelas para sempre, algures no fim do século, e não passarão dois ou trinta anos após a minha morte e ELES vão voltar a aterrar aqui assim, Pesho, em Rupite. Mesmo no meio de Rupite. Pode ser dez anos mais tarde, ELES decidem, tio. Virão os Anunnaki, os Kachini, os Rupi, as Plêiades, os Druidas, e todos, para ver o que é – o que não é. Não nos esqueceram, fica a saber. Somos filhos deles, Peshooo, filhoss. Filhos deles somos, meu filho.

Que estejas vivo para os ver, ó rapaz. Vais vê-los, vais vê-los, meu querido. Pode ser até mais cedo, não é. E não te assustes, para não os assustares. Não o faças. ELES são completamente pacíficos. Não sabem o que é o mal, Pesho. Não sabem, não. Tudo neles é bom e só bom. Fazem apenas boas ações, não é. São os santos. São os santos, Pesho.

Desta vez decidiram remover a inveja da Terra de uma vez por todas. Perceberam que ela é tudo isso: guerras e males. Não haverá inveja, Pesho. Imaginas isso. Encontraram a solução. Neles não há inveja, não há ganância. E sabem como removê-las de nós. Porque, mais tarde, haverá uma troca completamente diferente entre as pessoas. O amor, que agora de modo nenhum é amor, reinará com o seu amor verdadeiro. Será o amor branco, Pesho. O resto arranja-se por si. Os extraterrestres, meu filho, são o mesmo que a Harmonia. Onde estão ELES – aí está a Harmonia.

Vamos agora, toca e canta, que nos estão a ouvir, fica a saber. Ouvem-nos, Pesho. Gostam que cantemos – e como se nada tivesse sido, cravou-me num dueto maravilhoso e cantámos:

Toma fogo – acende-me –

Faz de mim cinzas...

– Basta, ó avó Vangélia, tanto quanto és extraterrestre, triplamente és terráquea, avó...

E esticámos o nosso dueto:

Para não poder olhar para ti...

Tudo nos vibra. É isso. Jogo-joguinho. E a bomba explode, explode:

– Depois, pouco depois da metade do próximo século, do novo milénio, chegarão as naves-mãe. As deles, as naves-mãe extraterrestres. E começará a nossa preparação para a migração do nosso universo. Muito, muito antes da sua dissolução. Porque para ELES mil anos não são nada, Pesho. É como um piscar de olhos, tio. Por isso ELES virão mais cedo, para não andarmos aos encontrões quando o nosso universo se expandir e acabar. Quando o nosso sol acabar, Pesho, ELES serão a nossa luz, fica a saber. Porque aqui abrir-se-á um buraco negro. Porque aqui abrir-se-á o buraco negro do universo curvado, autoabsorvente. Formar-se-á um túnel, sem a velocidade da luz e, diretamente, voaremos para fora dele. Ouve. Abre-se a porta, Pesho. Abrem-nos a porta. Vamos, outros sóis nos esperam. Outros fogos. Tudo se arranjará, fica a saber, ouve.

E o dueto ardeu completamente, explodiu:

Toma fogo – acende-me –

para não poder olhar

para ti...

– Vamos agora, brindemos ao novo cosmos, Pesho. Vamos, tio. Não lhe tenhas medo. Somos eternos, meu filho, tio. Eternos somos, fica a saber. Somos o Senhor. A Força. Canta, canta, minha canção. ELES, por causa deste nosso canto vazio, vêm, ó Pesho. Por nada mais, fica a saber. Canta, cantemos. Canta sempre, para estarem aqui connosco, porque sem ELES é morte em vida – e outra vez:

Não vás, Kateee,

pela margem,

a margem desaba,

vais cair...

Eh, essa é a avó Vangélia. Que mais. Mais não há.

A AVÓ SLAVA

Estávamos nós assim sentados e a avó Vangélia, como se desmaiasse num suspiro profundo, disse:

– Aaaah. Que me dizes, Senhor. E a Slava também partiu, Deus. A querida. Finalmente se foi – e calou-se, calou-se em silêncio total.

Depois, como se se erguesse, ergueu-se e começou:

– Hoje, que dia é, Pesho. Que dia é, meu filho.

– Dez de abril, mil novecentos e noventa e um, avó Vangélia.

– Aaa, é assim... Então é Domingo de Ramos. Eh, hoje, Pesho, com oitenta e oito anos morreu a avó Slava Sevryukova, de Sófia. Nasceu em Stara Zagora, mas vivia em Sófia. Invisível, quieta e modesta. Completamente invisível.

Tem nove anos mais do que eu, meu filho, e está no vigésimo sexto nível divino, fica a saber. Ouve.

Agora chega a minha vez. Só eu fiquei, não é. Porque nós somos as três enviadas do extraterrestre, do fora do tempo deste tempo presente. Não há como a Slava não vir ter comigo, agora morta. Virá conversar comigo, assim, do além, tio. Somos as três enviadas, fica a saber. Ouve. A venerável Stoyna, a santa Slava e eu, a tua tia Vanga, Pesho. Eu e a Stoyna éramos cegas, a Slava via. A Stoyna até, meu filho, nunca viu a luz do dia, coitada, mas era a mais poderosa das três. A Stoyna morre e eu fico cega. Rodopiou-me no fora do tempo, Pesho, e não me larga... Ainda estou no redemoinho, meu filho. Ainda procuro os meus olhos, tio... Os olhos que as fornalhas me roubaram, querido.

A Slava foi enviada para descrever os eletrões e outros elementos das micropartículas. Não caía em transe, mas via tudo, até aos mais ínfimos pormenores. Penetrava em todos os níveis dos universos. Foi enviada de cima para explicar aos humanos o que é a cosmicidade, mas quem a ouviu, Pesho. Ouve. E ela, como eu, simples, com o quarto ano, mas sabia tudo. Tudo, meu filho, sobre o mundo inteiro, até onde chega.

Esse doutor, o docente Lozanov, queria estudar-nos, não queria, mas tem uma campânula muito baixa, ó tio. Assim são a maioria dos cientistas, fica a saber. Charlatães. Não sabem nada, mas estudam-nos. E o que lhes dizemos, proclamam como descoberta científica deles. Vaidosos.

A tua tia Slava, Pesho, sem cair em qualquer transe, observava a harmonia absoluta dos micro-mundos, penetrando em todos os níveis dos universos em geral. Revelou às pessoas que os cosmos são construídos por vórtices, psions, humidade cósmica, sal cósmico e prana. ela, Pesho, a modéstia extraterrestre, Slava Sevryukova. Ninguém mais. Disse ao docente Lozanov que a massa da partícula fundamental psion é próxima da massa do eletrão. ele apropriou-se. Abortozinho. Só ela provou que o eletrão não é partícula elementar na física contemporânea. Há muitas outras, outras partículas-partículazinhas. Ouve. A Slava descreveu a geometria do átomo e do núcleo atómico. A geometria da rede cristalina da substância simples e que mais não, e que mais não.

Disse que a forma oval é a básica para o átomo. ela, Pesho, ninguém mais. Ouve.

Tudo o que o docente Lozanov escreve é da Slava ou meu. dela são todas as grandes descobertas recentes. Dizia-as como brincadeira, assim, de um fôlego só, fica a saber. ela é a inventora deste tempo, Pesho. ela era a Visão, ouve. Diz isso. Ouve.

Era a diagnóstica infalível, quase para todas as doenças. Meu Deus, quanta gente curou, se soubesses. ela, até à distância, penetrava no corpo do doente no exato instante e devolvia-o da morte. Quanta gente trouxe de volta, meu Deus. Quanta gente salvou da morte, fica a saber, não tenho palavras, Pesho. Eu não consigo assim. É verdade. Não consigo como ela. ela era a única bioenergoterapeuta, como agora se diz na moda, he-he-he-he... ela via com a força do pensamento, ó Pesho. Isso é onda das células do cérebro, fica a saber, e está fora de nós. Não está em nós, ouve. Ouve. Não tem nada a ver com os campos físicos conhecidos que os cientistas daqui dizem ter descoberto, não é.

Sabes que existem canais cósmicos que nos podem dizer tudo, além das possibilidades humanas, tio. Sabes, ó rapaz. Eh, agora já sabes, não sabes. A Slava entrava em contacto com os seres superiores, desses canais da Harmonia, Pesho. Podia invocar as imagens de quem e como quisesse. De todos. De Kepler, de Newton, de Leonardo da Vinci, de Stradivarius, de Michelangelo, de Shakespeare e de quem mais não. Descrevia-os infalivelmente, com todos os pormenores. Ouve.

Descreveu a rainha Dido, e Filipe, e Cleópatra, e César, e quem mais não, e quem mais não. ela e ninguém mais. Isso, Pesho, é o grande dom da Alma Luminosa. Ouve. Isso é dom da Força. É preciso ser mais quieto que o silêncio para o receber, ouve. Ouve.

Bem, mas as pessoas querem ser notadas, ha-ha-ha... O que não faz a fama, hein Pesho. À Slava Sevryukova, meu filho, foi-lhe dado ver em imagens toda a Sagrada Escritura. Para nos dizer que atrás desses símbolos, que só ela via, está escondida a enorme sabedoria espiritual da cosmicidade toda. Da Profundidade. Sem os veres, Pesho, não podes avançar para a altura espiritual superior, fica a saber. Ouve.

A Slava foi enviada para dizer às pessoas o que é a Sabedoria. As pessoas não a entenderam, meu filho. Ignorantes vaidosos. Vão perceber um dia quem foi a santa Slava, mas tarde. Partiu. Tudo o que disse, desenhou ou traçou vai cumprir-se, fica a saber. Isso digo-to eu, a tua tia Vanga. dela é a verdade, e não as invenções dos pseudo-cientistas. Dos educados, ó Pesho, he-he-he. Aqui estavam as descobertas deles: na Slava e em mim, fica a saber. É assim, Pesho, em vida cuspiram-nos, depois de mortas procuram-nos. E eu, dentro de alguns anos, antes do fim deste século, também me vou, querido. Acaba-se-me o mandato, como se diz, não é. He-he-he... Acabaaa. Vou para um novo, tio. Ouve.

A Eternidade não é aqui, Pesho. Não é aqui, tio. Está longe. Muito longe. Que a alcances, ó minha canção. É muito bonito, fica a saber.

Vamos agora comer o que Deus deu, que já temos fome, não é. E temos de abrir um pouco de vinho, para que Deus perdoe. Para darmos algo em despedida à santa Slava. E cantarmos à sua alma branca, à querida. Vamos, levanta-te. Que quem sabe para onde a mandaram agora.

Sabes que há muitos, muitos, muitos planetas completamente iguais à Terra, habitados por seres muito avançados e inteligentes. Se se parecem ou não connosco, só Deus sabe, mas é para lá que nos mandam, para aprendermos, para criarmos Vida e Razão, Pesho. Porque cada um de nós é micropartícula do mundo e todos somos um. Somos um todo, meu filho querido, embora cada um seja único à sua maneira, meu filho. Eu sou eu, tu és tu e pronto. Isso é o infinito, Pesho. Nascer, morrer, renascer. Em ondas, em ondas. Um berço-túmulo agitado das nossas reencarnações. O seu topo é o Falo – em baixo, Gaia. A Matriz. A mãe, meu filho, a mãe. Cada dilúvio – nova margem. Flor-semente é a Essência, fica a saber.

A Vida é eterna. Ouve. Não há objetos mortos, ouve. Animados-inanimados, tudo é vivo. Átomos-universos vivos. Galáxias da infinitude. Cada um com a sua forma e espaço. Sem margens. De margem a margem, o movimento nunca para. Cada instante é instantes. Plasma dos plasmas. A magma é água pura, Pesho. A magma é água, fica a saber. Plasma, ouve.

Ehh, meu Deus, essa Slava. Que o filho dela guarde o que ela escreveu. Que não lho roubem, ao rapaz. Porque ela escreveu e deixou muitas, muitas coisas. Tomos, tomos. Destroçou-se de trabalho, coitada. Força. Força extraterrestre era a santa Slava, meu filho. Fica a saber e diz isso. Ouve.

E arrastou-me para comermos o que o Senhor Deus deu. Quotidiano. O quotidiano dela. Todos os dias me abanava, abanava com uma trovão explosivo na cabeça e por todo o lado. Já não sei quem sou, o que sou, mas estou com a avó Vangélia. Não paro de a ouvir, a chamar-me:

– Tu sabes que és de Andrómeda, Pesho. Andrómeda é muito bonita, meu filho. Tem orgulho.

Assim, através da avó Vangélia, estive também com a santa Stoyna e com a santa Slava. Por algum modo divino estive com as três profetisas do meu tempo, do passado e do futuro. E glória a Deus por poder, através de toda a minha canção que me foi dada, chorar:

Obrigado, avó Vangélia.

Obrigado, santa Stoyna.

Obrigado, santa Slava.

Isso não se esquece, pelo menos aqui, na Terra. Adeus, imortalidade querida, imortal e bom caminho...

FANFARRONICE

No ar só se ouvia um sussurro: russo, russo. O homem-raios X. O milagre. Para ficar pasmado. E então...

Vejo o Mitko Valchev, não sei porquê, a levar à avó Vangélia em Rupite o mais recente impostor famoso, Grigory Grabovoy. Um tipo insignificante, de meia-idade. Um casaco de bezerro, um pulôver às riscas e camisa desabotoada. Mas que arrogância, que narcisismo, hás de ver. Ehh, quantos tipos assim eu tinha visto junto dela, mas este vivia-se mesmo como Sabaoth. Mais exatamente, como o Salvador. Mas, seja como for, não é.

A casinha da avó Vangélia encheu-se de uma confusão de jornalistas e de curiosos à espera de uma grande sensação. Espinhos. Que sensação. Não havia. O Raio-X, mal abriu a boca e a avó Vangélia interrompeu-o:

– Quantas mulheres se juntaram outra vez... Eh... Quantas, ó rapaz... Diz, Mite.

– Muitas – sussurrou o Mitko.

– Todas para fora. Todas. Todas para fora – gritava, gritava a avó Vangélia e enrolava-se, enrolava-se com aquele cobertor vermelho dela, com que se cobrira porque tinha frio. Eh, era setembro, no verão de mil novecentos e noventa e cinco, creio que era. Não me lembro exatamente. Um ou dois...

E começou.

O Grabovoy escancarou a boca e começou a deitar umas frases doces, como se não soubesse diante de quem estava:

– Tia Vanga, agora há muitos perigos de catástrofes nucleares e coisas assim. Esforço-me por não as permitir. Será que posso salvar o mundo de catástrofes nucleares em geral.

Meu Deus, este era terrível. Parvo. Mas ela, como se não tivesse ouvido nada, disse-lhe:

– Ehh, tu sabes... Se são perigosas... – e de repente:

– Ora, se viesse o rei Herodes, com a corja. Eh, diz lá... Responde a isso. Vamos lá... – E batia, batia na mesa.

E à volta da mesa estavam: de um lado a avó Vangélia e em frente dela, de costas para o operador, o Grabovoy e a tradutora. Entre eles, ao lado da avó Vangélia, estava o Mitko Valchev, que de vez em quando A acalmava, acariciando-Lhe a mão. Que havia de fazer. Tentava agradar também ao Raio-X.

E o milagre presunçoso moía, moía:

– Acho que, se nos unirmos – quer dizer, com ela – vamos salvar a humanidade e o mundo da catástrofe.

Eh, balão, mas a ouvi-lo, ficava-se pasmado. A avó Vangélia, como se acordasse de repente, perguntou outra vez:

– Quantas mulheres estão aqui.

– Muitas.

– Vamos, para fora. Vamos, fora, fora. Como se juntaram aqui. Fora, fora... Vamos, todas para fora – expulsou-as como lixo e começou logo a alinhar:

– Bem, este homem, supostamente tem um dom. Supostamente conhece doenças e tudo – e contava, contava nos dedos e duuumm:

– Eh, sobre o tempo... Eh, sobre o tempo diz lá. Diz o tempo, para o futuro, eh – e apontava, apontava com a mão e batia, batia:

– Vamos, fala do rei Herodes... Vamos lá...

O Mite interveio qualquer coisa e ela ripostou-lhe de tal modo que ele até saltou:

– Cala-te, Mite. Eh, eh, não nos zanguemos agora...

E o Grabovoy inchava, inchava, e dizia:

– Acho que agora não há forças capazes de destruir as pessoas. Nem o rei Herodes, nem ninguém, pode vir destruir as pessoas.

A avó Vangélia, de repente, deu-lhe um estalo com a mão direita:

– I-iiih... Que pena o teu juízo... – e fuzilava-o, fuzilava-o, quase o amaldiçoando.

Eh, o descarado continuava a perguntar e a impor-se. Tentava ditar em russo, sem tradutora:

– Quero, quero saber, do teu ponto de vista, tia Vanga, se devo... Se devo tornar-me estadista, para salvar as pessoas.

Meu Deus, qual era a dor deste, percebeste. Louco para amarrar. Viste.

A avó Vangélia calou-se, calou-se assim, depois disse baixinho, baixinho:

– Fraco é... Fraco é... Fraco é... – e abanava, abanava a cabeça, e de repente ergueu a mão esquerda, como para abençoar, e disse:

– Aaaa... Abre a Bíblia, capítulo treze... O que diz. Abre a Bíblia – e enrolava-se, enrolava-se no cobertor.

O Raio-X continuava:

– Para não deixar as pessoas morrerem. Para não deixar...

ela nem o ouvia e disse-lhe:

– Tu fazes tudo e vais fazer. Só reza para não vir o rei Herodes – e fuzilava-o, fuzilava-o, como se lhe batesse assim na testa com a palma da mão direita, mesmo entre os olhos.

– Compreendo as tuas preocupações – dizia o impostor descarado – mas a mim interessa-me se poderei fazer com que as pessoas não morram.

A avó Vangélia cortou:

– Não pode... – e apontava, apontava com a mão esquerda para o céu e, batendo na mesa, continuou – Todos são terrenos... Todos são terrenos... – e batia, batia na mesa – Tu hoje, eu amanhã, ele depois de amanhã... Outro, outro... Ehh... Eh, diz que não morram, mas com a vida deles, não é... Todos nasceram com a sua vida, não é... Todos nasceram com a sua vida. Nasceram com a sua vida. É isso – e apontando-o com o indicador esquerdo:

– ele sabe muito, tem muito para curar. Faz muito, mas não pode. Mas, não pode...

E, como em transe, começou a gemer:

– Aaaa... Aaaa... Ninguém pode salvar...

E este impostor descarado, Grigory, continuava, continuava a atormentá-La:

– E o que dizes dos que já morreram. Devo restaurá-los, como disse Jesus. Isso pode fazer-se.

A avó Vangélia perguntou-lhe:

– Quando... Quando... Quando...

– No ano dois mil – disse o Grigory.

ela ergueu a mão em espanto e disse:

– Ehhh... No ano dois mil... Se hão de ressuscitar, se nós vamos ter com ele, duas coisas há... – e outra vez, como em transe – Não... Não... Eh... Eh... Eh, eh, eh... Eh... – abanou a cabeça e fixou-o assim, esbugalhada, e perguntou:

– Onde está o pai dele. Pergunta agora. Pergunta-lhe onde está o pai dele – e fuzilava-o com a mão esquerda – porque não sei...

– O meu pai morreu em oitenta e três – respondeu o «milagre».

– Porque morreu... – delirava, delirava a avó Vangélia – Porque morreu, eh.

– Adoeceu com bronquite nos pulmões.

– Não... Não... ele morreu dessa... Da outra doença...

E, muito presunçosamente, o Grabovoy perguntou-Lhe:

– O meu objetivo é ressuscitá-lo. Vou ressuscitá-lo. Ressuscitá-lo, tia Vanga.

E aconteceu o que aconteceu. A avó Vangélia até saltou e gritou:

– Morto a trazer de volta...

E caiu em transe. Começou a bater palmas, mas assim, sabes, do além. Pláás... Pláás... Pláás... Duuumm... Duuumm... E gritava, gritava:

– Senhor – pláás... Senhor – pláás... Senhor – pláás... – ó tu... – Gritava, gritava à tradutora e continuava – Todos somos terrenos... Diz-lhe. Todos somos terrenos, diz-lhe. Todos somos terrenos.

E batia forte na mesa:

– Quando chegar o dia, para Cristo dizer que vem pela segunda vez à Terra, para ver quem está vivo, quem morreu... Só ele pode. Mas, ele não virá aqui...

E outra vez:

– Aaaa... Aaaa – uivava, uivava, gemia, gemia, como para um morto, não é.

O Grabovoy, sem vergonha nem cara, continuava a fazer-se de todo-poderoso, e dizia:

– Preciso de entender como livrar as pessoas das doenças. E para que nos chamou Cristo...

E a avó Vangélia, como se saísse do transe, como se do inferno ou de outro lado qualquer, perguntou:

– E a reencarnação... Renascido da mãe-humana. E agora assim, pode ter morrido e renascer outra vez. Pode ter morrido... A alma não morre. Pode renascer e viver outra vez. Mas assim, quando uma pessoa parte, levantar-se, não se levanta. Todos somos terrenos. Não é assim tão simples, não é.

E abriu a mão para ele, como se o estigmatizasse, marcando-o de algum modo:

– Não... Não é assim tão simples. E, que me dizem tanto: russo vai vir, russo vai vir... Olha que não venha o rei Herodes. Isso é que me diz. – E o balofo Grabovoy não parava de teimar.

– Não, não, não vem. Quero unir todas as religiões até ao ano dois mil.

– O quê, o quê. O que disseste – perguntou a avó Vangélia – eh, o ano dois mil está próximo... Próximo está... Próximo...

Eh, este já me estava a irritar. Um grosseiro assim raramente se encontra.

– Acho que até dois mil e dez temos de resolver a questão de uma vida sem conflitos na Terra. Temos de fazer algo, tia Vanga... És símbolo de pessoa que vê tudo, e deves ajudar.

O generalíssimo ordenava – a avó Vangélia calava-se, como se ele não existisse. Abriu os braços e trovejou:

– Eh, se vier... Se vier guerra... Se nos matarem... Vamos lá. Quando nos matarem, eh...

– Não. As pessoas é que têm de o fazer – não desistia o sabe-tudo-raio-X.

– Eh, fazem-no. Fazem-no as pessoas. Fazem o Bem... – perguntava, perguntava a avó Vangélia.

– Bem, eu, tia Vanga, ocupo-me, por exemplo, de curar pessoas de cancro, quarto estádio. Curo cancro de quarto estádio. Curo cancro. Mostro-lhes como se faz e quero transmiti-lo.

De repente, a avó Vangélia, como se com um trovão o atingisse, perguntou, perguntou:

– Cancro... Cancro. Cancro é que curas, ó rapaz.

– Uma comissão filma, após o meu tratamento – eriçava-se o eriçado. – Faço também diagnósticos a aviões, para não haver acidentes. Sou capaz dessas coisas e quero transmiti-las. Quero que as pessoas se salvem espiritualmente.

E a avó Vangélia não aguentou mais e rugiu:

– Aa-k-ka... Aa-k-ka... Aa-k-ka... Quer dizer que não é a guerra. Nós temos de rezar ao céu, para não a permitir. E aqui, o povo não consegue ouvir. O povo não ouve. Batem-se. Roubam-se. Matam-se. Fazem tudo.

– Rezo a Deus, mas posso salvar as pessoas. Quero que vivam muito tempo.

– Podem querer viver, mas está determinado quanto hão de viver – disse-lhe a avó Vangélia e apontava, apontava para o céu. – Todos somos terrenos. Vamos lá. Todos somos terrenos. Se Cristo viesse pela segunda vez à Terra, então diria: Levantai-vos mortos, uns para a ressurreição, outros para o inferno.

E enrolando-se no cobertor, começou outra vez a gemer:

– Não, não-não-não, não... Não, não-não-não. Não vai acontecer... Não... – e apontava, apontava para o lixo do Grabovoy – Não-não-não... Aaaah... Aaaah... – e rugiu:

– Todos para fora. Todos.

Todos fugiram horrorizados. Ficaram só o Mitko, a tradutora e o pervertido espiritual Grigory. Eh, e o operador, e eu. Então a tradutora disse:

– Tia Vanga, ele queria saber quem foi nas vidas anteriores, segundo a teoria hindu. Quem foi, eh.

A avó Vangélia, no instante:

– Foi carregador. Foi carregador. Trabalhou. E reencarnou. Nasceu. Sim... A reencarnação... Agora, segunda reencarnação para ele não haverá...

E começou a bater palmas:

– Basta dessas fotos coloridas. Clic-clac. Clic-clac... Aaa... – e expulsou-os. E aqueles que se tinham escondido, eh. Já estávamos a sós com o Grigory Grabovoy.

E lá fora: gente, gente, gente... Mas cheio de gente. Muita mágoa há, fica a saber. E ela gritava, gritava:

– Outro, outro, outro que entre. Basta, ó. Todos esses jornalistas, ó. Juntaram-se vinte com ele. E tu, não vás pavonear-te no estrangeiro, ouve. Fica na Rússia. Só daqui a dois ou trinta anos, se conseguires algo, vais para onde quiseres. Agora não.

– Bem, eu...

E ela rugiu, mas assim, com aquele eco infernal, sabes:

– Vamos agora, vamos, não nos zanguemos agora, ó. Que entre alguém que realmente quer ajuda. Vamos ver, caramba, para que vem. Para lhe mostrar, a este russo aqui, ó, como se vê – e batia, batia na mesa zangada.

E entrou um homem jovem modesto, modesto, incrivelmente nervoso, com um casaco roto e calças de ganga, e estendia, estendia, embrulhado em papel branco, o açúcar:

– Tenho uma criança, avó Vanga. Está doente...

Dá vontade de chorar, eh. Uma mágoa assim, não como este falso prodígio-impostor. A avó Vangélia, ainda zangada, gritava, gritava:

– Dá, dá, dá, dá... Esse açúcar, quem to deu.

– Dormiu sobre ele, avó Vanga – e soluçava, soluçava, assim.

– Onde o arranjaste.

– Em Sófia.

ela desembrulhou o papel, tocou no açúcar e disse:

– Criança grande...

– Não, é pequenina, avó Vanga, tem dois anos.

– Eh, pois é grande, está desenvolvida. Pode andar. Anda. A cabecinha assim, segura-a de lado. Torcida... O bracinho. A cabeça. Tem metástases... Aí estão. Aí estão. Aí estão... E o braço. E as perninhas. Eh, e as glândulas. Eh, as glândulas, meu Deus. Onde vives tu.

– Em Lyulin.

– Os médicos, o que disseram...

– Os médicos também disseram cancro com metástases.

– A criança nasceu assim. Nasceu. Ai... Onde tens a primeira criança, ó rapaz.

O Grigory Grabovoy, quase caía do banco, como se não existisse. Tinha-o esquecido completamente.

– Onde tens a primeira criança.

– A primeira morreu, avó Vanga. Morreu, tia Vanga – o homem perdeu-se de vez.

– Aí está a segunda ao lado dele... E a segunda também não está bem. Tu, daqui vais levantar a criança e vais para o ISUL. O que o ISUL disser. Vais contar vinte dias e ligas-me outra vez. A tua criança está doente. Tens criança – não tens criança... Fica a saber. Toma o açúcar. Daqui a vinte dias voltas outra vez...

E, do nada, o filósofo de pau Grabovoy ou Grabavoy, piou:

– Bem, tia Vanga, é preciso salvar. Temos de saber pensar nisso. Prevenir os casos graves.

E ela disse-lhe:

– Como pensar. Como prevenir. Eh, como há de ser, quando chega. Quando a criança nasceu assim. Nasceu com isso. A cabecinha assim, tudo lhe saiu para fora. Da cabeça, do cerebelo. As glândulas, todas saíram daqui. Aqui não é a cavidade – e virou-se para o maldito pseudodoutor, onde está e o que é – aqui não é a cavidade, para o operarem...

O pai estava ali, petrificado e não ousava mexer-se... E o sabe-tudo tagarelava, tagarelava:

– Tia Vanga, pode pôr-se hipericão amarelo no alto da cabeça durante cinco dias e cura-se.

E a avó Vangélia, ao erguer-se, ao gritar, para até o rei surdo ouvir:

– Vai morrer. Entende. Hipericão amarelo... Não é caso para hipericão. E ao pai disse:

– Vamos, filho, corre para o ISUL. Só para o ISUL.

E ao balofo presunçoso, ao tagarela-raio-X disse:

– Olha um diagnóstico. Olha como se faz um diagnóstico, ouve. Viste, não viste.

Mas hás de ver. Um descarado assim nunca viste. Como é «raio-X», começou a mostrar-lhe umas radiografias quaisquer, de como tinha curado uma tal Mariam Rubenkova da Geórgia, de cancro nos pulmões em quarto estádio, e dizia:

– Quer dizer que o tratamento do cancro é possível, tia Vanga.

A avó Vangélia como se entrasse em transe sobre transe e começou a uivar, gemendo:

– Não... Não-não-não-não... Não foste tu... Não foi curado por ti. Isso é da Força. Olha. ele, ao acreditar e dizer: há Deus – e apontava, apontava para o céu – e todos estes que se juntaram aqui, sentemo-nos, rezemos a Deus para que venha. Para que haja paz. Para que não haja briga. Só a Rússia segura. Rússia segura tu. Aí ficarás. Aí hás de ficar.

– Spasibo, tia Vanga – dizia o raio-Xzinho, quase a choramingar, assim.

Eh, a avó Vangélia, erguendo-se em toda a sua altura, disse-lhe:

– Aaa... Spasibo, eh. Aqui romperam-se a gritar: russo vai vir. Assim russo, assado russo. Eh, que russo. Tu não és russo. És impostor...

E batia, batia na mesa. E, fixando-o, como se o bebesse assim, com os olhos cegos, disse-lhe:

– Disseste hipericão, foi... O hipericão dá-se para a pressão arterial, ó rapaz – e batia, batia palmas – e aqui não é pressão, é um cancro assim. Cancro do tamanho dos meus dois punhos – e enfiava-lhos, enfiava-lhos mesmo no nariz.

Ergueu-se e gritou:

– Eh, essas duas lá fora, que clicam – e agitava os braços, assim devagar, batendo palmas arrastadas, e gritava, gritava:

– Só clicam. Clic-clac. Clic-clac. Mas, enquanto uma pessoa não sofrer, nada pode entender... – E perdeu-se outra vez, gemendo, gemendo: Aaaa... Aaaa... Oooo...

E sentou-se. Então a tradutora começou a tirar da mala.

– Tia Vanga, esta vela é do Túmulo do Senhor – e estendeu-lhe uma vela colorida.

– Vamos acendê-la – dizia a avó Vangélia.

– Esta água, é da fonte de Maria.

– Vamos acendê-la. Vamos borrifá-la.

– Aqui a flor de...

Mas a avó Vangélia gritou:

– Vamos, ide-vos embora. Vamos, ide-vos embora. Vamos, ide-vos embora... – e expulsou-os – Maaarsh...

O Grabovoy, como se estivesse colado ao banco e mal se arrastava para fora, petrificado de horror. Estavam pasmados. Chegaram como raslani *(em estado inferior)* – foram-se como nasrani *(iluminados).* Curava ele... Que cure, mas não diante dela. ela a ninguém vai. Todos a ela vêm. E perguntam, perguntam quão grandes são. Se não os expulsa, ficam felizes, mesmo que lhes diga que não são nada. Eh, ó, já to digo: não estejas na mira dela.

Assim, antes disto ou depois dele, não me lembro, da transmissão televisiva «Nablyudatel» o Toma Tomov e o Dmitry Ivanov filmaram um documentário sobre ela e estavam dia e noite em Rupite. Eu pessoalmente não conheço esses culturtregers *(portadores de cultura)* mas desde que o Dmitry disse ao Primeiro-Ministro Ivan Kostov que a diferença entre os dois, quer dizer, entre o Dmitry e o irmão Vanyo, eram só uns dez vagões de livros a favor do Dmitry, respeitava-o imenso. Certamente tinham notado que eu entrava e saía da avó Vangélia e como nos ríamos e cantávamos. Então um dia, como num sinal de trânsito ou como transeunte casual, gozando, gritaram-me:

– Pergunta-lhe se vai haver guerra.

Entrei junto dela e, como ingénuo completo, disse-lhe:

– Avó Vangélia, esses lá fora querem que te pergunte se vai haver guerra, mas estão envergonhados de algum modo, não é.

– Eh, pois é guerra, ó tio. Guerra é, meu filho. Olha, os ovos subiram para trinta e seis stotinki, não é. Nem te falo do resto, Pesho. Ouve. Có-có-có-có... – ria-se a mulher.

– Basta, ó. Vamos, acalma-te um pouco agora, aaa...

– Não tenhas medo, meu filho. Não há perigo. Não vai haver guerra, Pesho, ouve. Não vai haver Terceira Guerra Mundial. Ouve. Fica a saber. Que saibam, ouve. Mas, se continuarmos assim, a natureza ela própria nos expulsa, como experiência, fica a saber, meu filho. Ouve. Porque o homem, como homem-humanidade por enquanto é só uma experiência, tio, nada mais, Pesho. A natureza não tolera os sabe-tudo, ouve.

– Ouvi, ouvi, avó Vangélia – e saí voando de alegria para lho dizer, mas os jornalistas já não estavam. Tinham ouvido tudo às escondidas...

Mas, que hei de fazer, a avó Vangélia disse-o, por isso vo-lo digo: não vai haver Terceira Guerra Mundial. É isso.

HIERARQUIA

A avó Vangélia foi convidada em Sófia para um casamento qualquer. Para ser a principal madrinha dos compadres e dos noivos. Numa palavra, a convidada mais importante. Tinha-me ordenado que eu cantasse, acompanhado pela minha orquestra de Sófia. Porquê eu, não sei nem pergunto, mas foi-me ordenado e pronto. Ainda queria que a recebesse antes da festa. E vejo-a chegar, chegar na sua Volga preta. Tinham-lhe dado uma Volga oficial novinha em folha, com motorista para as suas necessidades. Todor Zhivkov pessoalmente lha ofereceu. ele fez dela colaboradora científica no ISUL. Ninguém mais, fica a saber. Tinha-o espantado com predições sobre algumas coisas dele e sentira que maravilha era. E isso é dom, fica a saber. O Tato valorizava-a muito, ouve.

Todos correram a recebê-la. E ela, como se ninguém existisse, desceu e gritava, gritava:

– Pesho, Pesho, vem cá, tio. – E agarrou-me pelo braço e sussurrava-me, sussurrava-me – Ouve agora, meu filho. Hoje, aqui vai-te aparecer o Além. Tem cuidado para não o perderes. Nem darás por isso, como o Grande Espírito, nesta planície da Macedónia, te vai iniciar no segredo, ouve. O Espírito, na planície da Macedónia vai-te iniciar, Pesho. Serás Iniciado, fica a saber, ouve.

Entrámos no meio dos noivos, e ela não parava:

– Aquele que se rir dele primeiro, quando ele chegar, expulsa-o imediatamente, ouve. Não precisas de tais – e sentou-se no lugar central, e nós começámos a tocar.

Esfrangalho-me a cantar. Cada um quer a sua canção e aumentam, aumentam as ofertas. O peito está cheio de gorjetas. Deito-as na mala do acordeão do Angelcho. Morria por dinheiro, coitado. Por dinheiro. Por muito, muito money. O olho é olho. Tamahkyar.

Mal deitei o peito, arranjando a camisa, e de repente, de lado nenhum, não sei de onde, como se tivesse brotado do Nada, diante de mim mesmo, está um ancião incrível, terrível, de cabelos brancos. Mas branco, branco, branco, o próprio Sabaoth. Sábio vivo acima dos sábios. Alto, direito, surpreendentemente grande homem-eternidade, se não mais.

Segurava vinte stotinki entre os dedos, e logo mas estendia, estendia com aquela mão enorme, musculosa. Mãozona hás de ver:

– Cantas-me, Petar, uma canção macedónia antiga, mas antiga. Quero que todos entendam que cantas para o avô Sando.

Atrás de mim, o baterista riu-se baixinho:

– Este então, louco para amarrar. Por vinte stotinki, he-he-hei.

O avô Sando fuzilou-o no lugar, só com um único, cruel, tão cruel olhar. Olhar terrível, voivoda-divino. Olhar-adaga ou trovão, não sei, mas gelei. Fiquei envergonhado, petrificado.

E vi a Sua alma: Enorme, mansa, alma de olhos azuis-âmbar. Santidade. Estremeci de enternecimento inaudito e reverente êxtase perante a Santidade. E ele só disse ao baterista:

– Ouve, pirralho-pirralho, insignificante. Estes vinte stotinki são um pão e um litro de boza, ó rapaz. Com eles vivo três dias. Pouco te parece, ganancioso, três dias de vida por uma única canção, ó sem-alma – e eh, eh, quase o agarra pela garganta...

Expulsei o baterista no instante e fui beijar a enorme mão divina do avô Sando. Reverentemente peguei na moeda de Sabaoth, o meu talismã para toda a vida e cantei. Cantei, como só eu sei e posso cantar e invoquei, invoquei:

– Esta canção é para o avô Sando.

Não-não, gritou outra vez:

– Para o avô Sando é a seguinte canção. E a que vem depois. E todas as canções que eu cantar são para o avô Sando.

E chorava, chorava. E ele, de pernas abertas na pista de dança, como águia de cabeça branca, extraterrestre, todo mítico e devagar, devagar, majestoso e solene, dançava, dançava o khoro* pesado, águia, das rusálias. O khoro divino silencioso, da Divindade.

**(Dança circular tradicional Búlgara)*

Ergue o primeiro passo, com tristeza contida e bate na terra. Afasta o bastão e ergue o outro pé dobrado e à francêsa, pesado-pesado, profundo-profundo, agacha-se, agacha-se e balança as asas. Voa, voa. Levita, levita, pré-tempo mítico. Salta - voa e logo grita:

– Eeeh, ó Macedónia. Eeeh, ó Macedónia – e voa no ar. Voa, voa – bandeira ondeia. Baloiço balança, alto-alto. Como se a Profundidade balançasse os caos e todos os infinitos universos. Meu Deus.

Silêncio ritual. Ninguém pia. Como se fôssemos só eu e o avô Sando. A sós no meio do Nada. Nada mais há, além de canção-dança e fora do tempo. Fora do tempo sacral. Enigma dos enigmas... A certa altura, ergueu o bastão entalhado, assim, como o cetro divino e disse-me:

– Basta. Chega, meu filho. Que vivas, voz de anjo, que vivas, filho divino-humano. Obrigado por todas as tuas canções-lágrimas, que cantaste e derramaste. Que me é querido e caro. Que me é querido e caro. Vem, para te abraçar, filho divino – de mãe-pai.

Eu, chorando, fui e beijei-lhe a mão direita Kralimarkovska, e ele acariciava-me, acariciava-me e baixinho-baixinho, mas muito baixinho disse-me:

– Conheci o teu avô Petrush, meu filho. Pareces-te com ele. És ele tal e qual. Fica a saber, ele foi o Chefe do Protocolo e tesoureiro da Organização, meu filho. Da Secreta Organização Revolucionária Macedónio-Odrinense. Da TMORO, do Dame e do Gotse. Grande, muito grande e santa Icona da Macedónia é o teu avô Petrush, Petar. Santidade e honra da consciência. Da Santidade, meu filho...

Aí está ele, olha, aqui está. Acaricia-te e alegra-se contigo. Orgulha-se de ti, neto querido. Neto comita-voivoda, filho resistente.

Desabei de joelhos e olhei-o em oração, ofegante. E ele reverentemente estendeu-me a enorme palma e ergueu-me, ergueu-me, como pena, alto, alto acima dele. Acima de todos. Acima de tudo.

Agarrou-me a mãozinha e logo me enfiava, enfiava um maço de dinheiro enrolado como bobine na mão. Eu recuava, recuava, para lho devolver, e ele abraçou-me numa forte abraço de águia e ordenava-me:

– Ninguém, mas ninguém deve ver o que te dou, ouve. Tu já és Iniciado. Entendes, Petar, és Iniciado. Isto é do teu avô Petrush, para comprares livros aos teus filhos. Para os educares. Para serem letrados, ouve – e inclinou-se diante de mim. Meteu-me a mão no bolso e de algum modo, terrivelmente-testamentário, até me sibilou:

– Dentro há uma Instrução. Executa-a como ordena. Preserva o arquivo secreto dos mortos. Eu morro, Petar. Até aqui cheguei, avô. É a tua vez. Adeus... Sê, sê, sê.

E dissolveu-se. Evaporou-se. Desapareceu como fumo. Até me arrepiou de medo. Meu Deus. Através de arrepios gelados senti, como se fosse o meu avô Petrush ou não sei. Eh, ó, além de algum modo. Além, fica a saber. Alguma aura brilha, brilha. Ilumina, eh. Cega-te.

A avó Vangélia, de algum modo, surgiu ao meu lado e disse-me entre lágrimas, apertando-me a mão, o meu cotovelo:

– Corre. Corre, Pesho. Agora é o momento, tio. Voa, meu filho...

Agarrei o meu tambor e saí a voar para o perseguir... Mas, vento-tempo, persegue-se. Voou e desapareceu. Sem regresso...

Quando em casa desenrolei a bobine, o que hei de ver. O que hei de ver, irmãozinho: um maço de notas de vinte novinhas em folha. Enroladas, enroladas assim ao comprido. Uma bobine-foguete longa. Um foguete do destino valente e dentro, ainda outro maço de amarelas, moedas de ouro douradas. Douradas. Intactas. Nem tilintam, eh. Segredo. Enigma enigmática terrível, pronto. Derramaram-se e entre elas, assim, uma folhinha muito pequena, muito pequena, mas muito pequena. Folhinha com duas ou três palavras-secretas, testamentárias, imperativas. INSTRUÇÃO. Assim e assim, isto e aquilo. Para se cumprir em vida e morte. Para se executar em vida e morte.

Certamente morri, porque de algum modo outra vez, ouço, ouço a voz do avô Sando ou do meu avô Petrush ou do Senhor-Sabaoth, não sei. Mas uma voz fala-me, até ordena, ordena:

– Compra livros aos filhos. Livros, livros, livros. Educa-os. Educa-os, em vida e morte. Para serem letrados.

Esconde o arquivo na tua tia Olga e no teu tio Tome, de modo que nem eles saibam onde está. Ninguém, ninguém saiba, nem ouça nada-nadinha. Só tu, ouve. Ouve...

Terás uma filha e um filho. Primeiro filho, depois filha. Ilumina-os, porque agora tu és o Iniciado no segredo, fica a saber. Ouve.

Eh, vi, vi, o que não vi, mas uma predição escrita, não. Petrifiquei-me. Eu ainda era solteiro, apaixonado-não apaixonado, mas solteiro. Casamento nem me passava pela cabeça, quanto mais filhos. Mas, olha. Destino. O karma é karma, porque são os nossos destinos, de todas as nossas reencarnações. Não há fuga e pronto. Lei.

A predição escrita do avô Sando cumpriu-se mesmo, cumpriu-se mesmo. Mais tarde, já perto dos trinta anos, de repente casei com Mariyka Tuevata, do antigo clã de Kukush, antepassados dos Maznevi. A minha sorte divina, dourada. Como, o que me dizia a avó Vangélia:

– Fica a saber, Pesho, e lembra-te. Há várias famílias-taifas macedónias que são mais terríveis do que todos os Ordens Secretos e Lojas Maçónicas juntos. Essas famílias são os pedreiros hereditários do Templo de Salomão. Ninguém mais. elas são a Iniciação. Nelas está a Arca Sagrada e o Graal Eterno, com todos os seus treze céus e Eternidade pré-eterna. Nelas está a lança da Vida e a mortalha de Cristo. E que mais não. elas são as guardiãs do tempo e dos seus segredos. elas, a eleição. Os Iniciados pela Força. Fica a saber. Lembra-te. Transmite-o. Diz-o, ouve. Ouve.

Mas, seja como for, ó. Casei. Tivemos dois filhinhos: o rapaz Boris e a menina Luiza. Eduquei-os. Casei-os. A filha foi-se para a América, deserta-desolada. Para sorte ou para bem, não sei. Que encontrem o bem divino.

De resto, o testamento de Sabaoth-avô cumpri na íntegra. Tudo executei até ao pó. Não há fuga.

INSTRUÇÃO

Quando morreram a minha tia Olga e o meu tio Tome, com noventa e três ou quatro anos, tudo transferi. Tudo. Como está na Instrução. Tudo cobri-escondi, como ordenado. Ninguém viu nem ouviu. Segredo dos segredos. Confiança...

Agora alegro-me com a minha neta Maria-Eliza, videira-acácia – ramo de oliveira. Lágrima minha amarga, pedaço-Alma e assado, arco-íris primogénito. Arnês-avô retorcido, pegasiano. Ensino-a. Digo-lhe...

QUEM sabe, um dia, pode ser Iniciada, continuadora das tábuas, ainda divina. Da Força. Cada um com a sua missão. A cada um, o que lhe é dado, o que lhe está escrito. Nem grama mais ou menos. Tanto quanto é preciso. Calculado.

O meu tempo, por mais cheio-transbordante de histórias que seja, foi-se e desapareceu. Destino ou Karma, mas é assim. Cada mágoa – final feliz.

Como me disse-predisse a avó Vangélia, assim aconteceu.

Então eu era novo-verde, nem dei por isso. Mas agora, na velhice, como se estivesse quem sabe onde, num fosso-redemoinho da Cosmicidade. Trovões, trovões míticos, da Miticidade. E o khoro divino infinito voa, voa. Dança, dança... À frente o avô Sando, ao lado dele o meu avô Petrush, a minha mãe Sofia, o meu pai Borcho e a avó Vangélia, e a venerável Stoyna, e a tia Slava, e avós e avôs, e tias e tios, e amigos, e amores, e quem mais não, e quem mais não. Sombra a sombra. Corrente de escravidão-liberdade. Lágrima a lágrima. Povo, povo – procissões de khoro em khoro. Do Infinito ao Infinito... Quando me raptará a mim, só a Força sabe. Ninguém mais. Quando estiver dito – então. Instrução.

O importante é que o que era preciso, vo-lo disse. O que não era, calei. Não menti. É isso.

O mundo vive em estado de ignorância voluntária... Perdoa, Deus. Perdoado seja, ó Força. Spolay... Spolay...

MÁ SORTE

O elétrico matou o Mile. Mile, o filho da poesia Venko Markovski. Meu Deus, que desgraça.

Há apenas alguns meses estive com o irmão Venko Markovski, junto da avó Vangélia. Eram parentes quaisquer, e o Venko queixava-se, queixava-se do seu Mile. Preguiçava, isto, aquilo, e ela cortou-o e disse-lhe cruelmente:

– Deixa-o. Não o repreendas. Deixa-o vadiar à vontade. A criança tem pressa de viver, porque sente o fim, ó Venko.

Calou-se, calou-se, como se hesitasse se lhe dizia ou não e de repente disparou:

– O Mile vai morrer, e tu vais ficar cego. O Mile vai morrer, e tu, Venko, vais ficar cego, querido. Vais morrer cego antes de mim. Ouve.

E desmaiou. Caiu em inconsciência.

Eh a maldição, eh o milagre. Fugimos dali como de um funeral. Ninguém fala, ninguém mexe. Desespero total.

E olha, hoje ou ontem, o que a avó Vangélia disse sobre o Mile aconteceu. Horror.

Liguei-lhe a dizer que o Mile fora esmagado e ela disse-me para a esperar nos Cemitérios Centrais de Sófia. Viria ao funeral dele.

Quando a vi descer da Volga, algo me arrepiou, arrepiou, até cambaleei. Mas corri e agarrei-a pelo braço. Como se de repente me carregasse a mortalha preta da sua cegueira. Não anda, voa de algum modo e arrasta-me, arrasta-me, algum sopro. Eh, ó, o sacral é sacral. É isso.

– Não te apresses, Pesho. Os mortos olham-nos, meu filho, alegram-se connosco, meu filho. Não te apresses, ouve. Respeita-os. eles são o nosso além, fica a saber. Esperam-nos.

No túmulo do Mile, o pai dele Venko Markovski leu um poema fúnebre para o Mile. Poema-elemento da mágoa paterna-poética. Despedia-se da sua semente. Despedia-se do filho, a poesia Venko Markovski.

Tudo chora. Tudo chora, a avó Vangélia disse-me entre lágrimas:

– Pesho, não te vires para trás, meu filho. Vem a maior maldade entre toda esta intelectualidade que se juntou aqui e em geral. Vem o maior invejoso-denunciante, para se alegrar com a desgraça do Venko. Inveja o dom poético, divino. Transporta-o, mesmo no meio dos cemitérios, um carro governamental, meu filho. Magnata. Quando eu disser, viras-te comigo para trás, ouve. Eu vou olhar este ladrão de talentos alheios. Este patife de pensamentos alheios e trabalho divino. Vou dar-lhe para entender, a este senhor encomendado, inventado.

Assustei-me, mas ousava piar. Todos estão de joelhos, e ela sussurrou-me, como se me rugisse ao ouvido:

– Vamos agora, vira-te. Segura-te a mim. Eu não caio. Assim, Pesho. Ooop.

O que hei de ver:

De uma Chaika governamental, descia, descia Georgi Karaslavov. Todo de preto, oficial. Desceu e o bastão começou a bater, para o túmulo de Mile Markovski. E nesse momento, a avó Vangélia sibilou, até o destruiu no lugar. Petrificou-o. Karaslavov ficou de pedra. Não conseguiu aproximar-se do túmulo. Ficou ali, onde a avó Vangélia o congelou.

As pessoas foram-se embora. Passam pelo grande e ninguém o vê nem o saúda. Todos sussurram, sussurram: Vanga, Vanga veio. O que acontecerá ou aconteceu.

O tronco fica e não mexe. Quando nos aproximámos, a avó Vangélia virou-se para o enlouquecido Georgi Karaslavov e cuspiu-lhe. Cuspiu-lhe, ó. Marcou-o para sempre com nojo, dizendo-lhe:

– Isso será o teu além, ó invejoso com inveja, patife. Sem-alma ímpio, sê maldito. Maldito sejas.

Este homem grande chorou como bebé. Chora e não mexe.

A avó Vangélia agarrou-me, e fomos para o banquete fúnebre, como se diz, não é.

E até hoje pergunto-me: eu acompanhava-A ou ela a mim. Cada vez mais entendo que ela me carregava nas suas asas espirituais. É isso. Quem não arrasta ela, a querida, nas suas asas. Todos.

Ehh, muito mais tarde assim, quando pintavam a igreja dela por fora, um dos maiores perguntou-Lhe:

– O que dizes, Vangyo, como pinta ele, eh. Dirás como pinta ele.

ela calou-se, calou-se, depois disparou:

– ele, ele-não ele, pinta com pus. Dentro da igreja, não o deixará entrar. E se se infiltrar, um dia vai apodrecer todo. Sim... ele pinta com pus, mas, eh, calemo-nos. Outros se metem lá, não é.

O senhor desabou como feixe. Mal o arrastaram, para lhe deitar água, que quase entregara a alma. Eh, a avó Vangélia perguntou-me, perguntou-me:

– Tu, Pesho, sabes de quem falo, tio. Sabes, meu filho.

– Sei, sei, avó Vangélia. Sei.

– Assim. Fica a saber, Pesho. Um dia hás de dizê-lo para os outros saberem. Não escrevas os nomes deles, ouve. eles sabem a sua fedentina. A morte a ninguém limpa o rabo, meu filho, fica a saber. A ninguém limpa o cu, a morte. Ouve. A fedentina fica na terra, tio, ouve. Ouve. Porque, só a cento e vinte e sete anos-luz daqui, começa o nosso mundo verdadeiro. E mais tanto para dentro é a raiz dos ramos dos cachos, das nossas almas. E daí, vinte e sete vezes mais tanto, é o Senhor-Deus, tio. O nosso Criador, meu filho. Sim... Daí para dentro começa a beleza, daquela que agora chamam Profundidade. A velocidade da Profundidade, Pesho, é pelo menos cem vezes mais rápida que a luz. Lá, na escuridão da Profundidade, bem dentro dela, está o karma da consciência da Santidade. Por isso, até Deus

tem Deus, fica a saber, ouve. Mas ninguém está acima da Força. A maldade e a estupidez nunca lá chegam. Nunca, Pesho. Não os deixam, tio. Guardam. Quem, o quê não sei, mas verdadeiramente até Deus tem Deus acima dele. Isso que tagarelam aqui agora: fraternidade, igualdade, conversa fiada, é o eco de lá, fica a saber. O eco distorcido, enfeitado, Pesho, ouve. Nada mais.

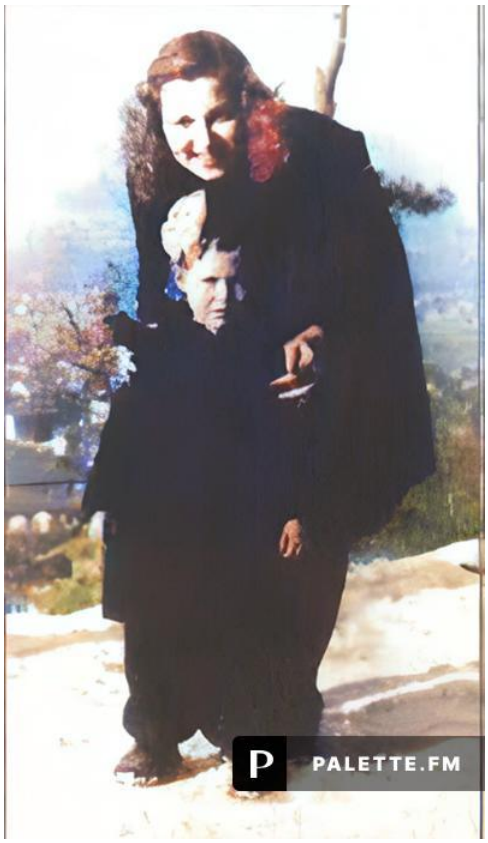
O Infinito é mesmo Infinito, ó rapaz. Um dia hás de dizê-lo, tio, e que cada um diga o que quiser. E fica a saber, quando fugir daqui, aí te esperarei, ouve. Aí, nas profundidades nos veremos, não é. Nas profundidades, que são de biliões, biliões de anos, meu filho. Nos velhos mundos do Pré-tempo, Pesho. No silêncio do Pré-início, meu filho. E tu, tudo hás de dizer, como é, o que te disse, ouve. Porque a mim ELES mo dizem. ELES, Pesho. ELES. Confiam em mim, e eu confio em ti... Confio em ti, meu filho, confio em ti, tio. Ouviste, ó maluco querido.

– Ouvi, ouvi, avó Vangélia. O que me disseste, como mo disseste, assim o direi. Sei. Cumprirei o teu testamento, Santidade, querida.

Eh, não esquecer de vos dizer. Venko Markovski ficou mesmo cego. De diabetes ou do que fosse, não sei, mas ficou cego. Cego partiu, muito antes da avó Vangélia. É isso. A maldição é maldição. O escrito – escrito. dela não se foge. Não há fuga do escrito. O que te está escrito, é isso. Mais não há.

O resto direi no outro Livro do Livro...

O autor

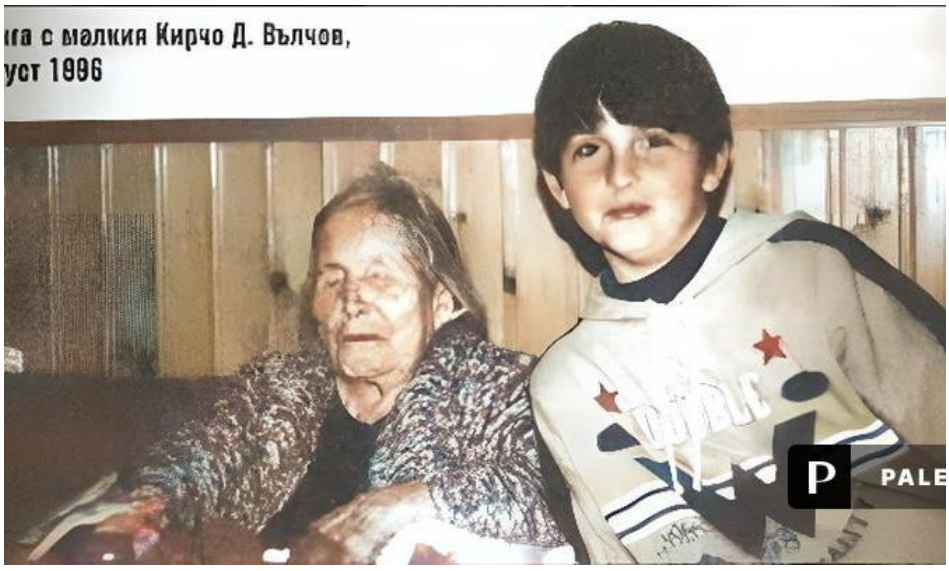


Vencheto e a sua tia Lyuba, irmã de Vanga, 1943

Vanga, a sua filha Vencheto e o seu neto, 1968

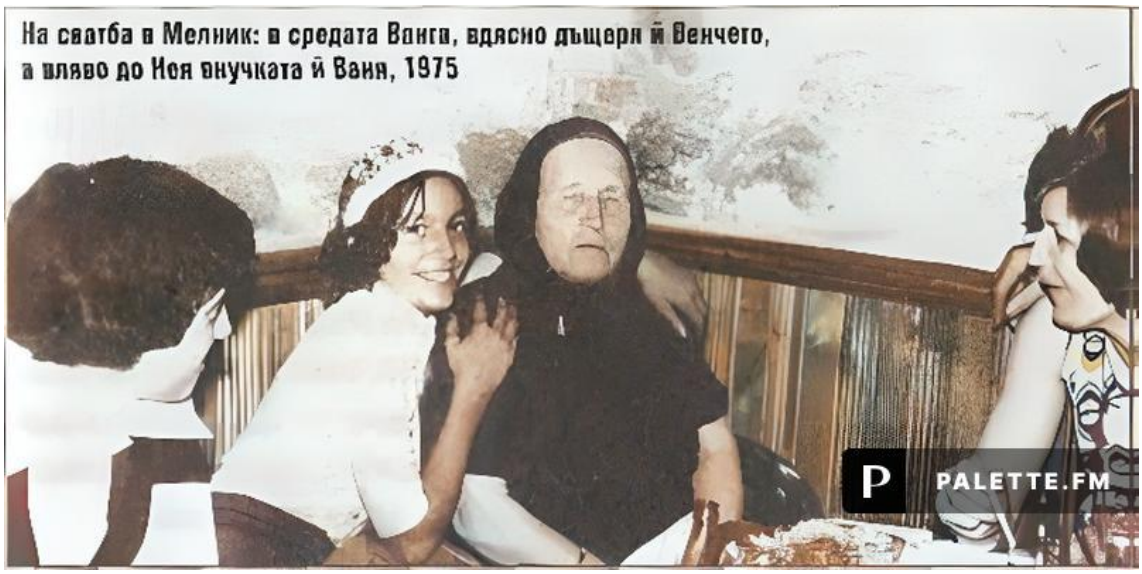
Vanga está a abraçar a sua irmã Lyubka Vencheto, e atrás dela está Blago, o guarda.

Vanga no casamento da sua neta Vanya, à esquerda Vencheto, 1984



Vanga com o pequeno Kircho D. Valchev, Agosto de 1996

Petar Bakov, aos 18 anos



Num casamento em Melnik: ao centro está Vanga, à direita a sua filha Vencheto e à esquerda a sua neta Vanya, 1975.

No Rupite, 1993

Petar Bakov e Vanga, atrás de Dimitar Valchev, em 1995, na inauguração da igreja.

Petar Bakov e Vanga cantam, 1990

Petar Bakov, Vanga e Ivan Tatarchev, 1995

Vanga, o seu marido Dimitar e a sua filha Vencheto, atrás da sua casa recém-construída, Petrich, 1954

Num casamento na estação de comboios de Pirin. A neta Dimitrina com o pai, Vanga, Vanya e Vencheto.

Vanga com a sua filha Veneta na sua casa em Petrich, a 8 de março de 1990.

Retrato de casamento de Vanga e Dimitar Guscherov, 1941

Vencheto e Lyubka (irmã de P. Bakov), 1958

Vanga e o marido, acima deles o guarda Blagoy, abaixo a avó vizinha Stana Lambreva e Vencheto, 1958.

Dia de São Jorge - o mosteiro "São Jorge" acima da aldeia de Gega.

Vanga e Petar Bakov cantam para os alienígenas. Rupi, 1991

Vencheto, irmã de Vanga - Lyubka, Vanga e a neta Vanya

Dia de São Jorge em Belasitsa. Vanga, a sua irmã Lyubka e Blago com a sua mulher. Por volta de 1968.

Vanga, Zdravka e Dimitar Valchevi, 1974

Vanga e Svetoslav, filho da sua sobrinha Krasimira

Vanga, Vencheto e o investigador Lozanov

fazem as primeiras gravações

Vanga com o seu irmão Tomata, OKONO 1967

Blagoto, Vencheto, Vanga, Vanya.

Dia de São Jorge no mosteiro de São Jorge restaurado por Vanga na montanha Ograzhden.